
Disney
MULAN
LIVRO OFICIAL DO FILME
UNIVERSO DOS LIVROS


Disney

Mulan



Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803
CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros


Disney

Mulan

Adaptado por Elizabeth Rudnick
Roteiro de Rick Jaffa, Amanda Silver,
Lauren Hynek e Elizabeth Martin
Baseado em *Mulan*, da Disney

São Paulo
2020

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Mulan live-action novelization
Copyright © 2020 Disney Enterprises, Inc.
All rights reserved. Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.
Copyright © 2020 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial:
Luis Matos

Gerente editorial:
Marcia Batista

Assistentes editoriais:
Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução:
Cynthia Costa

Preparação:
Jéssica Dametta

Revisão:
Nestor Turano Jr. e Juliana Gregolin

Adaptação de capa e projeto gráfico:
Valdinei Gomes

Diagramação:
Vanúcia Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R854m
Rudnick, Elizabeth
Mulan : livro oficial do filme / Elizabeth Rudnick ; tradução de Cynthia Costa ; baseado no filme Mulan, da Disney; roteiro de Rick Jaffa...[et al]. — São Paulo : Universo dos Livros, 2020.
256 p. : il.

ISBN: 978-85-503-0497-7
Título original: *Mulan live-action novelization*

1. Literatura infantojuvenil 2. Disney, Personagens de
I. Título II. Costa, Cynthia III. Jaffa, Rick

20-1279 CDD 028.5



UM



O sol da manhã brilhava sobre o lar de Mulan. Em pé no meio do conjunto circular de edifícios interligados do *tulou* chinês, composto por sua casa e pelas casas dos vizinhos, ela ouvia a movimentação dos aldeões ao seu redor. De uma varanda no segundo andar, uma mãe pediu para a filha levar a roupa recém-lavada. Em uma cozinha no térreo, uma colher batia dentro da tigela – outra mãe estava preparando o jantar. Da abertura entre os edifícios que levava até a estrada, Mulan conseguia ouvir os “mus” baixinhos das vacas regalando-se em pasto novo e os cacarejos ocasionais das galinhas soltas, que desviavam das pesadas patas dos animais maiores. Vindo de sua própria casa, misturado a todos os outros sons, Mulan ouvia um clique contínuo – *click, click, clack, clack* – da lançadeira de tear operada por sua mãe e sua irmã mais nova.

Mas esses sons não distraíam Mulan. Ela tinha crescido com eles. Ela passara todos os dias de seus sete anos convivendo com os mesmos aldeões. Hoje, os *tocs* e *tacs* compunham apenas o barulho de fundo para a sua missão do momento: levar as galinhas ao galinheiro.

Infelizmente, as galinhas não estavam muito dispostas a obedecer. Já havia uma hora que Mulan e seu pai, Hua Zhou, estavam tentando conduzir o pequeno grupo de aves de um lado do pátio para o outro. Mas, a cada vez que conseguiam levar a maior parte das galinhas no mesmo sentido, uma sempre acabava escapando do grupo. De tanto correr de um lado para o outro na

frente do pai, tentando agarrar os animaizinhos, a testa de Mulan estava molhada de suor. E seu braço estava começando a doer de tanto bater a vara de madeira no chão para chamar a atenção das aves. Ainda assim, ela não perdia o ritmo e, enquanto seu pai parecia querer desistir da tarefa, Mulan estava prontíssima para continuar. Ela amava um desafio. E agrupar as galinhas certamente era um desafio.

– Calma, Mulan...

A voz de seu pai era séria, mas amável. Olhando para cima, ela viu o calor dos olhos castanhos de Zhou dirigido a ela. Ele sorriu. Mulan sabia que muitas pessoas na aldeia se sentiam intimidadas por seu pai. Ele sempre andava de cabeça erguida e peito estufado. Havia sido um guerreiro feroz, embora o seu corpo estivesse se tornando mais frágil com a idade. Seus ombros já estavam levemente curvados, e seu cabelo não era mais tão volumoso. Mesmo assim, ele ainda exalava um ar de confiança, ainda que, por ter ficado manco, fosse forçado a caminhar com uma bengala. Para Mulan, ele não era nem feroz nem assustador. Ele era seu pai. E ela o adorava.

Aos sete anos de idade, Mulan sabia que deveria passar seu tempo ajudando sua mãe a cuidar da casa, mas ela não tinha interesse em tecelagem, culinária e limpeza. O simples ato de pensar nessas tarefas chatas já a fazia bocejar. Sua irmãzinha, Xiu, gostava de fazer tudo isso – e fazia com excelência. Então, seria muito mais útil, como Mulan tinha argumentado mais de uma vez, se Xiu trabalhasse com a mãe enquanto ela ajudava o pai, que não tinha filhos homens para lidar com desafios – como conduzir as galinhas traquinas.

Um cacarejo bem agudo trouxe os pensamentos de Mulan de volta para a sua tarefa. Como se finalmente tivessem se dado conta de que ganhariam comida e descanso caso se empoleirassem, as galinhas começaram a se mover em grupo. Mulan deu um gritinho de felicidade, assustando uma senhora que estava dentro do santuário que ficava bem no centro do pátio. Ela estava acendendo um incenso na base da grande estátua da Fênix que dominava o espaço interno. Assim como o restante do conjunto de casas, o santuário já não era como antes. Telhas haviam caído da cobertura

e mais de uma placa de madeira estava solta. A estátua, no entanto, mantinha-se em bom estado. Para aqueles que viviam na aldeia, ela era a parte mais sagrada e importante de seu pequeno mundo. Era uma representação de seus ancestrais, uma conexão com os que vieram antes. Cada homem, mulher e criança passava ao menos uma parte de seu dia no santuário, desfrutando da quietude e da paz do lugar. A menos, claro, que alguém gritasse lá fora.

Por um momento, pareceu a Mulan que a tarefa estava concluída. Seu pai estava levando a última galinha ao galinheiro. Mas, de canto de olho, ela avistou uma galinha solitária afastando-se do grupo. Fez uma careta e olhou para o pai. Zhou estava distraído, certificando-se de que todas as galinhas haviam sido recolhidas. Ele não tinha notado a fujona. Um olhar de determinação tomou conta da expressão de Mulan. Silenciosamente, ela deslizou para longe, abaixando-se e driblando alguns vizinhos pelo caminho enquanto perseguia a avezinha em direção a uma construção de madeira rústica.

Mulan manteve o seu ritmo constante e seus passos lentos. Em sua cabeça, ouvia a voz de seu pai contando, mais de uma vez, a história da tartaruga e da lebre. Ninguém acreditava que o ritmo lento da tartaruga poderia ganhar uma corrida contra a rápida lebre. Mas, enquanto a lebre corria de forma irregular, a tartaruga, lenta e progressivamente, cumpriu o caminho até a linha de chegada. Uma parte dela sabia que deveria agir como a tartaruga: esperar e deixar a galinha perceber sozinha que estava com fome e cansada. Mas a sua parte que era semelhante à lebre – a parte que era péssima na hora de fazer as coisas de forma lenta e constante – não queria esperar nada.

Enquanto a ave movia-se para longe de seu alcance, o coração de Mulan batia forte, e os seus dedos começaram a se contrair. Seu ritmo acelerou. Primeiro, uma caminhada mais rápida e, em seguida, uma corridinha, até que ela acabou disparando em direção à galinha. Ouvindo os passos de Mulan, a galinha soltou um *cocó!* bem alto e correu mais rápido, batendo as asas descontroladamente e espalhando penas para todo lado.

Foi dada a largada!

Mulan perseguiu a galinha por todo o pátio. Mas toda vez que os seus dedos quase a agarravam, a espertinha corria para o outro lado, ganhando mais alguns minutos de liberdade.

Notando o que a filha estava fazendo, Zhou gritou:

– Mulan! Esqueça essa galinha!

Mas o ritmo de Mulan não diminuiu.

Ela quase não registrou o fato de que a galinha estava indo voluntariamente para o galinheiro, passando agora pelo santuário. Empolgada, Mulan continuou a seguir a ave, que desajeitadamente voou por cima da estátua da Fênix. Mulan saltou e passou raspando pela antiga relíquia. Os seus pés não a tocaram... Mas a vara que ela ainda estava carregando...

Com um *CRAC!* alto, a vara atingiu com tudo o grande pássaro de pedra, derrubando a sua asa esquerda. Fora do santuário, os outros moradores de repente interromperam as suas tarefas para ver o que havia acontecido. Todos soltaram um suspiro coletivo ao assistirem à asa caindo no chão com um baque. Eles nunca haviam dado atenção às brincadeiras de Mulan – até agora.

Ainda assim, Mulan não percebeu nada. Ela já estava fora do santuário, ainda correndo atrás da galinha por uma escadaria que levava a uma varanda no segundo andar do prédio. Ao ver a menina correndo em sua direção, uma jovem mãe que segurava um bebê em seus braços desviou para não ser atropelada. Correndo, Mulan abaixou-se para passar sob um cesto de arroz carregado por dois homens e acabou trombando com uma mulher que estendia a roupa no varal. A mulher gritou quando a roupa voou pelos ares, assim como mais penas de galinha.

– Mulan! Controle-se!

Ao som da voz de sua mãe, os passos de Mulan abrandaram. À frente, ela viu a mãe, Li, em pé ao lado da porta de sua casa, com os braços cruzados e uma cara feia, embora o seu rosto fosse na verdade lindo. Ao lado dela, estava Xiu. Ao contrário de sua mãe, a expressão no rosto de Xiu era alegre – ela achou divertido ver Mulan e a galinha correndo em direção a elas ao longo da varanda estreita.

A ave chegou ao fim da varanda e, mais uma vez, saiu voando. A criatura de asas curtas e corpo pesado não conseguiu ir longe, mas

foi capaz de chegar ao telhado. Mulan recuperou seu ritmo original e não desacelerou, mesmo com o fim da varanda se aproximando cada vez mais. No último momento, Mulan estendeu a mão e agarrou um varal. Rapidamente, ela jogou o corpo para cima e conseguiu subir no telhado inclinado.

Mas, então, parou bruscamente, com os pés se equilibrando na beirada. Diante dela, a exuberante paisagem verde se espalhava pelo horizonte. A vegetação sobre as colinas oscilava ao vento suave, como as ondas na superfície da água. A respiração ofegante de Mulan de repente parou. O mundo era tão grande, tão vibrante. Ela desejou, não pela primeira vez, explorar o que havia além do horizonte. Mas não havia possibilidade de ela partir. Sua vida, seu destino, estavam amarrados ao *tulou* em que se encontrava. E, como sua mãe gostava de dizer, não tinha como escapar do destino.

CÓ!

O cacarejo da galinha interrompeu os pensamentos de Mulan, trazendo-a de volta ao presente. Estreitando os olhos, ela começou a se mover ao longo do telhado. Abaixo de si, o grupo de moradores, que tinha sido atraído para o pátio graças ao barulho da asa da estátua quebrando, olhava para Mulan. Horror e desaprovação forravam os seus rostos. Algumas das mulheres mais velhas sussurravam entre si, sem se esforçarem para disfarçar o seu tom de decepção.

Como se tivesse decidido dar fim ao jogo, a galinha parou, caminhou até a borda do telhado e, com uma batida rápida de asas, pousou no chão. Soltando ainda um último *cocó!*, dirigiu-se ao galinheiro.

Vendo isso, Mulan fez um aceno de satisfação. Lá embaixo, seu pai apressou-se e fechou o portão para que a galinha travessa não escapasse mais. Ela sentiu uma onda de orgulho. Pelo menos uma crise tinha sido evitada.

Mas, quando seu pai ergueu o olhar e encontrou o dela, Mulan percebeu que havia ainda mais um problema a ser resolvido. Ela tinha conseguido chegar ao telhado, mas como desceria agora? Encarou a distância entre si e o local de pouso da galinha. Cheia de determinação, cerrou os punhos.

– Mulan – disse seu pai, reconhecendo aquele olhar –, preste atenção. Você vai respirar fundo e depois, lentamente, bem lentamente, vai descer até aqui. – Os olhos de Mulan não desviaram do galinheiro e da galinha criminosa, que agora estava sã e salva lá dentro. – Desça – ele repetiu. – Está me entendendo?

Mulan não respondeu de pronto. Ela sentia como se o tempo tivesse parado. O vento deixou de soprar em suas bochechas. Ela só conseguia ouvir o ar entrando e saindo de seus pulmões e seu coração batendo contra o peito. Seus dedos se contraíam, querendo se mover. Um passo, e ela poderia saltar. Um passo e, como a galinha, poderia voar. Mas ela logo voltou a si. A brisa soprou novamente contra o seu rosto. Balançando a cabeça, Mulan desviou o foco do galinheiro. Viu a multidão reunida e, ali no meio, seu pai.

– Sim – ela disse.

Zhou começou a sorrir, mas o sorriso virou um suspiro quando Mulan deu um passo não muito cuidadoso à frente. Na pressa, ela tropeçou no telhado de ardósia escorregadio. Abriu os braços, tentando desesperadamente manter o equilíbrio, mas era tarde demais. Estava na beirada. No momento que o grupo abaixo soltou um suspiro coletivo, Mulan caiu.

Por um terrível momento, Mulan acreditou que estava caindo para a morte.

Mas, então, a sua mente clareou. A mesma sensação de que o tempo passava devagar voltou e foi realçada por um raio de sol, um feixe solitário projetado para fora de uma das varandas, que captou seu olhar. Contorcendo o corpo de uma forma que parecia desafiar a gravidade, Mulan parou de agitar os braços e estendeu a mão para agarrar o feixe. Usando o raio de luz, Mulan desacelerou a sua descida. Seu corpo parou de cair e, em vez disso, começou a balançar como um pêndulo em torno do feixe. Quando ganhou controle suficiente, ela o largou e deu uma cambalhota no ar, pousando no chão sobre os seus pés.

Ilesa, Mulan olhou em volta, para a multidão. Seus olhos estavam brilhantes e suas bochechas rosadas graças à emoção e ao orgulho que sentiu ao pousar perfeitamente.

E, então, ela olhou para o pai. Zhou não disse nada. Não precisava. Os seus sentimentos estavam estampados em seu rosto.

O que Mulan tinha acabado de fazer, os danos que tinha causado e o perigo em que havia se colocado, era tudo muito além do aceitável. Mulan havia decepcionado o pai.

O sorriso em seu rosto desapareceu.

DOIS



Mulan estava sentada atrás de Xiu, distraidamente escovando os longos cabelos pretos da irmã. À sua frente, a menina estava tranquila, perdida em seus pensamentos. Mulan não se importava com o silêncio. Seu cérebro já estava bastante ocupado.

Ela só conseguia ver seu pai e aquele olhar de decepção. Ele a assombrava como um pesadelo do qual não conseguia acordar, fazendo-a se sentir perturbada e inquieta. A última coisa que ela gostaria de ter feito era magoar o pai. Mas não tivera escolha. Ou, pelo menos, isso era o que dizia a si mesma. Seu pai não teria dado conta da perseguição com uma perna manca. Embora tivesse sido um herói na guerra, seu ferimento o impedia de trabalhar tão duro quanto gostaria. Mulan queria simplesmente ajudar.

De alguma forma, parecia que ela tinha feito exatamente o oposto.

– Mulan?

A voz calma de Xiu interrompeu os pensamentos sombrios de Mulan. Sua mão parou, a escova pairando sobre o cabelo de Xiu, esperando para ouvir o que a irmã tinha a dizer.

– O que aconteceu quando você caiu do telhado? – Xiu perguntou.

Mulan não precisou perguntar o que Xiu queria dizer. Ela tinha sentido uma coisa... estranha... enquanto caía. Como se sua mente tivesse visto um passo à frente, e seu corpo soubesse os movimentos necessários antes de ela mesma ter consciência deles.

Mas ela não estava pronta para admitir esses seus pensamentos em voz alta, especialmente para a irmã mais nova.

– Eu estava perseguindo aquela galinha malvada – disse ela, voltando a pentear os cabelos de Xiu.

Sob a escova, Xiu balançou a cabeça.

– Não – ela insistiu. – Quando você *escorregou*, por um momento, foi como se você fosse um pássaro... – a voz da menina dissipou-se.

Mulan franziu a testa, surpresa pela observação astuta de sua irmã. Xiu estava certa. Ela se sentira como um pássaro. Como se tivesse flutuado e girado em torno daquele feixe de luz, sem medo. Ela se sentira viva. Mais viva do que nunca. Ela parecia um pássaro ganhando o céu, brincando com o vento. Não como uma galinha desajeitada, mas como uma graciosa ave de rapina.

Mas como era possível? Ela não ousara pensar sobre o assunto até esse momento, mas sabia que tinha escapado por pouco de se machucar, ou algo pior. Seja lá o que fosse, aquele sentimento dentro dela tinha conseguido salvá-la. O que era estranho. Não havia possibilidade de ela explicar isso para a irmã, porque Xiu, certamente, iria achar tudo muito esquisito. Então, Mulan mudou de assunto.

– Xiu – ela disse, parando o movimento da mão. – Não entre em pânico, mas há uma aranha subindo em seu cabelo.

Xiu ergueu os ombros em direção às suas orelhas e, então, virou-se com tudo para encarar a irmã, seu rosto inocente tomado de medo.

– Você sabe que eu tenho medo de aranhas – ela disse, e seu lábio inferior começou a tremer. Então, os seus olhos se estreitaram. – Este não é um de seus truques, né, Mulan?

Mulan tentou não sorrir.

– Não se mova – avisou. – Se você ficar quietinha, vou *esmagá-la*...

Mas a sua fala foi interrompida pela voz de sua mãe ressoando lá de baixo.

– Você mima demais essa menina – Li falou, sua voz alta vindo da sala de estar.

Mulan e Xiu pararam para ouvir. Fechando os olhos, Mulan prendeu a respiração. Ela podia imaginar o pai e a mãe em sua típica rotina noturna: a mãe arrumando a casa e o pai tirando a atadura de sua perna. Só que, naquela noite, eles não estavam realizando as suas tarefas silenciosamente, como sempre faziam.

– Não há nenhum mal em ajudar com as galinhas – Zhou respondeu.

Mulan ouviu os passos suaves e regulares de sua mãe caminhando em direção ao marido.

– Você sabe que não estou falando de galinhas – ela continuou. – Eu estou falando sobre ela... Esse seu espírito arrojado. Não podemos incentivá-lo.

– Mulan é jovem – Zhou argumentou. – Ela ainda está aprendendo a se controlar.

Lá em cima, no quarto, Mulan ficou nervosa. Sabia que o pai tinha boa intenção, mas ele estava falando dela como se fosse uma égua selvagem, não como sua filha. Ela se remexeu sobre o banco, desejando que pudesse parar a conversa, mas, ao mesmo tempo, estava curiosa para ver aonde iria dar. Ela não teve de esperar muito.

– Você justifica o que ela faz! – Li protestou, com frustração em sua voz. – Você se esquece de que Mulan é uma *filha*, não um filho. Uma filha traz honra para a família por meio do casamento.

– Qualquer homem seria sortudo de se casar com a nossa Mulan – disse Zhou.

Ouvindo a certeza na voz do seu pai, Mulan mordeu o lábio. Ela queria ser a garota que ele acreditava que ela fosse. Talvez perseguir a galinha *tivesse* sido um pouco imprudente. E talvez ela *devesse* ter escutado o pai quando ele lhe pediu que parasse. Mas será que as suas atitudes bobas realmente estavam arruinando a sua perspectiva de um casamento no futuro?

Como se estivesse ouvindo os pensamentos da filha, Li continuou:

– Xiu não me dá nenhum problema. A casamenteira vai encontrar um bom marido para ela.

Mulan não precisava estar na sala para imaginar a careta no rosto de sua mãe, ou a maneira nervosa como ela devia estar esfregando

a testa. Quando falou de novo, sua voz soou triste, angustiada.

– É com Mulan que me preocupo. Sempre com Mulan. – Houve outra pausa e, então, ela continuou, sua voz quase impossível de ouvir: – Eu não sei qual é o lugar dela neste mundo.

O silêncio instalou-se na sala.

Mulan sentiu os olhos da irmã sobre ela, mas se recusou a levantar a cabeça. Em vez disso, olhou para a escova de cabelo em seu colo e esfregou ansiosamente as cerdas. A voz de sua mãe ecoou dentro de si. Será que ela estava certa? Não havia lugar para ela no mundo? Lentamente, Mulan soltou um suspiro irregular. Ela nunca sentira que verdadeiramente pertencesse ao grupo de meninas da aldeia. Era sempre a primeira a ir parar em uma poça de lama ou a rasgar a barra da camisa. Sempre se sentira mais confortável ao lado do pai, no campo, do que ao lado da mãe, no fogão. Mas nunca tinha pensado que isso pudesse ser errado... até agora.

– Ela não falou de coração – Xiu a consolou.

Mulan permaneceu em silêncio. Ela não estava pronta para falar.

Mas sua irmã era determinada.

– Fale da aranha – Xiu insistiu.

– Não há aranha nenhuma – murmurou Mulan. Ela não estava com cabeça para joguinhos.

– Quantas pernas ela tem? – Xiu continuou, ignorando a careta da irmã.

Mulan suspirou.

– Você sabe que as aranhas têm oito pernas – ela respondeu, incapaz de se controlar.

– Não é preta, ou é? – Xiu perguntou, fingindo um olhar assustado, como se uma aranha de verdade estivesse subindo nela.

Ela esperou para ver o que Mulan faria ou diria.

Mulan olhou para a irmã. O rosto de Xiu era inocente e cheio de esperança e, embora não quisesse mais nada além de se afundar em autopiedade por mais alguns momentos, Mulan nunca fora capaz de dizer não a Xiu. Ela ficava impotente diante do enorme coração da irmãzinha. Então, começou a assentir com a cabeça.

– Sim, ela é preta. Com bolinhas vermelhas – ela disse, envolvendo-se na história. – E sinto muito em dizer que é bem

peluda! Está subindo pelo seu pescoço agora mesmo! Ela esticou os dedos e fez cócegas no pescoço de Xiu.

Em resposta, Xiu gritou. Um sorriso substituiu a careta de Mulan. Sua mãe podia não saber onde ela se encaixava no mundo, mas, agora, Mulan estava mais preocupada em fazer sua irmã rir e curtir aquele momento. Haveria tempo de sobra para se preocupar com o futuro – depois.



Infelizmente, não foi *tão* depois assim. Ao acordar de um pesadelo terrível, em que estava correndo atrás de uma galinha do tamanho de uma pessoa, Mulan se sentou na cama com o coração batendo rápido. Lá fora, o luar iluminava a noite. Ela se levantou, caminhou até a janela e olhou para o pátio lá embaixo.

No centro, o santuário ancestral estava brilhando sob feixes de luz branca. As chamas das velas tremulavam fracamente lá dentro, apenas o suficiente para lançar sombras sobre a estátua da Fênix – e sobre a asa que estava faltando.

Talvez, pensou Mulan, *tudo ficará bem... Se eu consertar a Fênix*.

Saindo do quarto na ponta dos pés, ela desceu as escadas até a cozinha, alcançou o armário e pegou uma tigela grande e um pilão de pedra. Passando para a mesa, organizou os utensílios e encheu a tigela com as sobras de arroz grudento do jantar. O mais silenciosamente possível, ela começou a amassar o arroz. Os grãos grandes rapidamente viraram uma papa, e depois uma pasta espessa. Satisfeita, Mulan pegou a tigela e saiu de casa.

Ao pisar lá fora, uma nuvem cobriu a lua, fazendo com que uma escuridão repentina tomasse conta do pátio e do santuário. Por um momento, Mulan parou. Talvez ela devesse simplesmente deixar as coisas como estavam; talvez já tivesse causado danos demais. Mas, então, a nuvem se moveu e, mais uma vez, o santuário ficou luminoso. A Fênix, sempre paralisada como se estivesse prestes a se erguer das cinzas, parecia manca com apenas uma asa. Mulan assentiu para si mesma. Ela iria consertar o que tinha quebrado.

Ao entrar no santuário, Mulan ajoelhou-se no chão. Em seguida, ergueu a asa quebrada e a colocou em seu colo. Lenta e

cuidadosamente, ela espalhou a pasta espessa na extremidade da asa. Depois de cobrir toda a lateral, ela se levantou e caminhou até a estátua. Recolocou, então, a asa no corpo. Ficou ali quietinha, e seus dedos foram ficando brancos ao pressionar a asa contra o corpo do pássaro, esperando que colasse. Quando teve certeza de que tinha pressionado o suficiente, ela retirou a mão, dedo por dedo.

Mulan esperou, observando se a asa ficaria no lugar.

Mesmo ouvindo passos, Mulan manteve os olhos grudados no pássaro. Um instante depois, ela sentiu seu pai ao lado dela. Os olhos dele também se focaram no pássaro. Ambos ficaram em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos.

– Mulan – Zhou finalmente disse. A voz dele era suave, mas firme. – O que aconteceu hoje, eu nunca mais quero ver acontecer novamente. – Ele parou, virando-se a fim de encarar a filha. Ao ver que Mulan não olhava para ele, estendeu a mão e colocou um dedo sob o seu queixo para levantar a sua cabeça. – Entendido? – ele perguntou.

Respirando profundamente, Mulan assentiu. Seu pai sorriu, mas a decepção ainda era visível em seus olhos. Mulan odiava ver isso. Os olhos dele nunca tinham demonstrado outra coisa que não carinho e admiração por ela. Afastando a cabeça, incapaz de suportar o olhar dele, Mulan virou de volta para a Fênix. Enquanto observava, a asa começou a se descolar.

Mulan, com os olhos cheios de lágrimas, percebeu o quão permanente era o dano que causara.

Sem falar, Zhou estendeu a mão e, com alguma dificuldade, pressionou a asa no lugar.

– Você sabe por que a Fênix fica sentada à direita do Imperador? – ele perguntou, sem tirar os olhos do pássaro. Mulan sacudiu a cabeça. Ele explicou: – Ela é a sua guardiã. Sua protetora.

– Mas eu a quebrei – sussurrou Mulan.

Zhou assentiu.

– Ah, você sabia que ela é metade macho e metade fêmea? Ela é bonita e forte ao mesmo tempo. – Mais uma vez, ele parou e olhou nos olhos de Mulan. Já não havia mais decepção. – O fracasso não é fatal, Mulan. Essa é a lição da Fênix. O que importa é levantar e continuar a cada dia. A Fênix vai cuidar de você. É o trabalho dela.

E o seu trabalho é trazer honra para sua família. Você acha que pode fazer isso?

Mulan olhou para o pai. Ela nunca tinha ouvido a lição da Fênix dessa forma. Sabia que a Fênix protegia o Imperador. Mas ela também a protegia? Aí já era outra coisa. Se o pássaro mítico podia lhe oferecer proteção, o mínimo que Mulan podia fazer era oferecer um sacrifício para a sua família. Se isso significava seguir o mesmo caminho de sua irmã e ficar à sombra da mãe, é isso que ela faria. Se isso significava deixar as galinhas fugirem, ela as deixaria fugir. Faria o que seu pai lhe pedira. Deixaria a sua família orgulhosa, traria honra a eles, não importa que tipo de sacrifício tivesse de fazer.

Mulan segurou a mão de seu pai e eles caminharam de volta para casa. Atrás deles, a asa da Fênix caiu de novo.

TRÊS



Conforme os dias passavam, Mulan tentava, tentava e tentava ser a filha honrosa que traria orgulho à família. Obedientemente, ela se sentava ao lado de sua mãe para praticar tecelagem. Ela deixava as galinhas fugirem, mesmo que os seus pés coçassem de vontade de ir atrás delas. Quando os meninos da aldeia se reuniam no pátio a fim de brincar, ela se esforçava ao máximo para não chutar a bola que cruzava o seu caminho.

Apesar das suas melhores intenções, era difícil ser *sempre* boazinha. Às vezes, Mulan não conseguia controlar seus impulsos. Como quando ela só *quis* chutar a bola de volta para os meninos e o chute acabou saindo muito mais forte do que previra, derrubando a cabeça da estátua da Fênix. Ou quando galopou em seu cavalo, Vento Negro, um pouco rápido demais e acabou derrubando a roupa da vizinha do varal... De novo.

Conforme os dias e os anos se passavam, Mulan continuava com os seus rompantes de imprudência. Ela se esforçava para manter o cabelo preso em um coque bem arrumado – pelo menos no início do dia. E passava longe do santuário e do galinheiro... na maior parte do tempo. Quando completou dezesseis anos, o seu corpo já não parecia tão desajeitado – ela se tornara uma moça esbelta, alta e linda. Às vezes, porém, a menina que quebrara a estátua se sentia ansiosa para fazer algo selvagem e audacioso.

Ao chegar em casa depois de uma tarde no campo, onde havia galopado em alta velocidade em seu Vento Negro, Mulan desmontou às pressas do cavalo e o levou ao celeiro. Sentiu o

aroma do jantar e sabia que estava atrasada. Ela tremeu um pouco. Sua mãe não ficaria feliz. Rapidamente, atravessou o pátio e entrou em casa.

Sua família estava sentada à mesa de jantar. Correndo, Mulan pegou um prato e juntou-se a eles.

– Vento Negro e eu conseguimos acompanhar dois coelhos, correndo lado a lado – ela disse, pegando uma porção de arroz da tigela. – Eu acho que um era macho e outra, uma fêmea... – Então, parou de falar, percebendo que a família mal havia se movido. Todos estavam olhando para ela, e a sala estava em silêncio, exceto por sua própria voz. – O que foi? – ela perguntou, preocupada. Será que havia mato em seu cabelo? Lama em seu rosto?

Li estava esfregando as mãos de modo nervoso. Ela abriu a boca e, em seguida, a fechou. Mulan estreitou os olhos. Não podia ser coisa boa. Sua mãe nunca se mostrava tímida quando tinha de falar algo. Mas agora ela parecia estar quase... com medo.

– O que foi? – Mulan insistiu.

– Temos uma excelente notícia – Li anunciou, embora a sua voz demonstrasse certa insegurança. – A casamenteira encontrou um pretendente ideal para você.

A respiração de Mulan ficou presa na garganta. Ela sentiu o seu rosto perder a cor e apoiou a mão para não perder o equilíbrio. Casamenteira? Pretendente ideal? Essas eram as palavras que ela vinha temendo desde que entrara na idade de se casar. Por meses, tinha ouvido outras meninas na aldeia dando risadinhas sobre os seus respectivos pretendentes. A cada dia que passava, ela ficava secretamente aliviada por não ter recebido notícia nenhuma da velha mal-humorada que arrumava casamentos para as garotas da aldeia. Seu sonho era que, talvez, *nunca* encontrassem um pretendente para ela. E, assim, ela poderia continuar a viver a sua vida como sempre fizera.

Sua irmã era quem sonhava com um pretendente ideal. Sempre que podia, Xiu falava sobre as alegrias de ser a esposa de alguém. Toda noite, ela contava a Mulan sobre as receitas que queria cozinhar e as roupas que gostaria de tecer. Xiu tagarelava por horas sobre como viveria para servir o homem que seria seu marido. Quão

feliz o faria – e quão feliz ficaria a sua família. Para Mulan, aquela parecia ser uma vida aprisionada e desprovida de aventura.

Mulan sabia que não traria a honra que sua família queria, e ela nunca admitiria isso em voz alta, mas não queria se casar. Poderia ficar em casa e ajudar os seus pais, ela imaginava. Talvez pudesse deixá-los orgulhosos de outras maneiras. Mulan olhou para o pai, esperando que ele pusesse fim à conversa.

Vendo o olhar desesperado de sua filha, a expressão de Li endureceu.

– Seu pai e eu conversamos sobre isso – afirmou.

Zhou assentiu, embora parecesse triste.

– Sim, Mulan. Está decidido.

– Mas... – Mulan começou a dizer.

Seu pai a cortou com um aceno de cabeça.

– É o melhor para a nossa família.

Mulan levantou a cabeça e encontrou o olhar de seu pai. Naquele momento, sentiu o tempo parar e retroceder. Ela se lembrou de quando estava no santuário, olhando para o pai do mesmo jeito que estava fazendo agora. Recordou-se da asa quebrada da Fênix. A Fênix que, disse seu pai, iria protegê-la. Ela tinha de acreditar que a Fênix a estava protegendo agora e continuaria a cuidar dela mesmo depois de seu casamento. Com Fênix ou sem Fênix, Mulan tinha prometido ao pai que traria honra à família. Mesmo que isso significasse sacrificar sua própria felicidade.

Respirando profundamente, ela assentiu:

– Sim – ela disse com a voz suave. – É melhor assim. Trarei honra para todos nós.

Sua mãe suspirou de alívio, e Mulan afundou em sua cadeira. Enquanto a família retomava a conversa rotineira do jantar, Mulan ficou em silêncio, perdida nos próprios pensamentos. Em um momento, a sua vida e o seu destino tinham sido decididos. Ela nunca havia se sentido tão arrasada.



Longe do *tulou*, um destino diferente estava sendo decidido.

O ar do deserto estava limpo. No céu, o sol brilhava intensamente, fazendo com que os muros do mercado cintilassem tais quais uma miragem. O lugar era um dos poucos pontos de compra e venda na vasta estepe desértica, e estava muito movimentado. Pessoas de todo o mundo entravam e saíam, trazendo mercadorias para vender ou trocar. O mercado lotado estava borbulhando ao som de comerciantes negociando seda colorida, tapetes, joias e frutas. Uma miríade de línguas misturava-se no ar. Às vezes, a voz de um tradutor ajudando determinado comprador a conseguir uma barganha sobrepunha-se à balbúrdia. Apesar da adrenalina, a ordem reinava no lugar. Funcionários supervisionavam as operações comerciais, de modo a manter a honestidade de todos os envolvidos.

Montado em seu imponente cavalo, Böri Khan avistou o mercado no horizonte. Os seus músculos estavam protegidos sob uma armadura leve, e a sua pele, coberta com uma fina camada de poeira. Como a maioria dos homens ao seu redor, seu longo cabelo era escuro e despenteado. Mas Böri Khan não se preocupava com a aparência. Ele e seus homens haviam viajado uma grande distância para chegar até ali e, embora parecessem exaustos, não estavam nem cansados.

Os olhos escuros de Böri Khan estreitaram-se ao observar os comerciantes concentrados em seus negócios, completamente expostos e desprotegidos. Sob a autoridade do Imperador, o povo tinha ficado preguiçoso. Não houvera guerras, nem mesmo a ameaça de uma guerra, por anos. As pessoas haviam se esquecido dos dias em que rourans saqueavam desenfreadamente por todo o Império, instilando o medo com a simples menção de seu nome. Os famosos Guerreiros das Sombras haviam provocado o fechamento de postos como esse. Então, o Imperador conseguira derrotar o líder rouran e, durante anos, não houve sinal dos terríveis Guerreiros das Sombras. O Império voltara a acreditar que era um lugar seguro.

Contudo, Böri Khan estava prestes a mostrar-lhes quão errados eles estavam quando acreditaram que a força rouran fora destruída. Seu pai havia lhe ensinado tudo o que sabia antes de o Imperador matá-lo. E agora Böri Khan tinha ressuscitado os rourans. *Está na*

hora, pensou, enquanto seus olhos avistaram a porta aberta do mercado, *de dar início à vingança*.

Voltando-se para os seus guerreiros, Böri Khan levantou a mão. Doze cavalos empinaram-se e galoparam em frente, montados por doze homens vestidos de preto, com os rostos totalmente cobertos, exceto por uma fenda nos olhos. Um dos guerreiros carregava um mastro. Uma bandeira preta e dourada estava presa à ponta, com a cabeça de um lobo flamulando com a brisa leve. Böri Khan esperou mais um momento.

Ele queria ver o medo nos olhos dos guardas quando notassem que ele e os seus homens estavam indo em sua direção.

Não teve de esperar muito. Sobre a muralha, um guarda virou a esquina. No mesmo momento, o vento abriu a bandeira, mostrando claramente a cabeça do lobo. O som ecoou por toda a estepe quando o guarda avistou Böri Khan e seus guerreiros. Um sorriso de satisfação espalhou-se pelo rosto do líder rouran ao ver o pânico tomar conta dos olhos do guarda. Enquanto ele tentava, inutilmente, avisar os outros oficiais e fechar as portas do mercado, Böri Khan baixou o braço.

Em um instante, os Guerreiros das Sombras dispararam pelo deserto. Os cascos dos seus cavalos batiam na areia, levantando uma enorme nuvem de poeira. Os animais gigantes logo alcançaram o mercado. Da muralha, os guardas começaram a atirar flechas. Mas o alvo era difícil, e as suas mãos estavam trêmulas. As flechas passavam longe, conforme os Guerreiros das Sombras se aproximavam.

– Mirem no líder! – Böri Khan ouviu um dos guardas gritando. Erguendo os olhos, viu outro guarda mirando em sua direção. Böri Khan não hesitou. Continuou galopando adiante enquanto a flecha voava diretamente contra o peito dele. Quando estava prestes a atravessá-lo, ele ergueu as mãos, agarrando-a no ar. Enquanto os guardas ficaram boquiabertos, Böri Khan puxou uma flecha sua e a encaixou no arco. Soltou-a.

Para a surpresa dos guardas, a flecha não foi dirigida a uma pessoa, mas sim ao céu, passando por cima da muralha e atingindo um mastro bem no meio do mercado com um *ZUMP* alto. Os

negociadores e comerciantes, que não tinham noção do perigo que se aproximava, olharam para a flecha, assustados.

Um mercador usando um fez vermelho ergueu os olhos para a flecha. Um brilho calculista tomava conta de seus olhos quando ele ergueu uma mão e sacou uma agulha longa de trás da orelha. Então, com um grito, ele chutou uma banca de especiarias. O pó colorido encheu o ar, e o homem de fez vermelho começou a se transformar. Seu cabelo cresceu e caiu, em cascata, sobre os seus ombros. Enquanto isso, o seu rosto entrou em metamorfose: suas bochechas diminuíram e a sua pele ficou macia. Sob o manto, a sua cintura se estreitou. Alguns comerciantes gritaram quando a transformação chegou ao fim.

Onde antes estava o homem de fez vermelho havia agora uma bela – e perigosa – mulher. Não era uma mulher qualquer. Era Xianniang.

– Bruxa! – gritou um dos guardas, cuja atenção foi desviada de Böri Khan para o centro do mercado. – Ela é uma bruxa!

Com o seu grito, o mercado entrou em uma erupção de pânico. Foi um empurra-empurra de comerciantes, todos tentando escapar da bruxa. A poeira subiu. Em pé no meio do tumulto, imóvel e indiferente, Xianniang assistiu ao caos.

Lentamente, ela flexionou os joelhos e levantou um braço. Com seu outro braço, ela tocou no cinto e, rápida como um relâmpago, puxou quatro adagas. Com um grito de falcão, a bruxa fez as adagas saírem voando. Uma por uma, elas atravessaram o mercado, derrubando quatro guardas de uma vez.

Na muralha, os outros guardas mal tiveram tempo para ver a queda de seus companheiros. Estavam ocupados demais lidando com Böri Khan. Sob ele, seu garanhão galopava como se não houvesse flechas vindo em sua direção. Com uma velocidade alucinante, o cavalo aproximou-se da muralha. Böri Khan agarrou a sua crina. Então, com um movimento suave, ficou em pé sobre o lombo do cavalo. Desembainhou sua espada e esperou, com as pernas firmes apesar do galope. Justo quando parecia que ele daria com a cabeça contra a murada, Böri Khan saltou.

Suspensas no ar, suas pernas se moveram como se ele estivesse correndo. Determinação e raiva tomaram o seu rosto e, com um

rugido poderoso, ele pousou sobre a muralha. Os guardas não eram páreo para a espada cortante de Khan. Mal dava para ver o metal chicoteando o ar.

Seguindo o seu líder, os outros Guerreiros das Sombras subiram a muralha também. Espalhou-se, então, o tilintar das espadas de guardas e guerreiros.

Ao avistar Xianniang, Böri Khan derrotou mais dois guardas e, em seguida, pulou para dentro do mercado. Sem perceber a sua presença, a bruxa continuou a lutar por si mesma. Rodeada por cinco guardas, todos maiores e mais fortes do que ela, Xianniang parecia nem se importar. Seu rosto era como uma máscara de tranquilidade e as suas mãos, constantes em seus movimentos. Ela parecia estar esperando que eles fizessem o primeiro movimento, mesmo que estivesse sozinha contra os cinco.

Cientes de sua vantagem, os guardas sinalizaram uns para os outros. Então, atacaram. Sacaram as suas longas lanças, mas as extremidades das suas armas não encontraram nada. Em um piscar de olhos, Xianniang agarrou a ponta da lança mais próxima e virou-a de volta para os homens. Seu corpo tornou-se um borrão de seda preta conforme ela girava. Quando parou, quatro dos guardas estavam no chão. O quinto estava de joelhos, tremendo. Mais jovem que os outros, ele encarou a expressão concentrada de Xianniang, seus olhos cheios de terror.

Böri Khan avançou. Detectando a presença dele, a bruxa desviou o olhar. Seus olhos se encontraram. Então, lentamente, Xianniang abaixou a lança. Böri Khan assentiu. O plano deles, o plano que ele tinha mantido em segredo até mesmo de seus próprios homens, funcionara. Ele estava satisfeito. Outros duvidaram que a bruxa lhe seria fiel, mas ele sabia o que estava fazendo. Xianniang não era apenas poderosa, mas também tinha fome de poder. Ter uma vida de solidão, de exclusão da sociedade que temia os membros de sua espécie, muitas vezes forçada a se transformar em falcão para evitar o julgamento, ou pior, a punição, só aumentara a sua raiva e a sua sede de vingança. E agora eles tinham dado um passo em direção a essa vingança. O mercado era deles.

Juntos, Xianniang e Böri Khan caminharam de volta para o portão. Atrás deles, os sons de batalha diminuíram conforme os Guerreiros

das Sombras derrotavam os últimos guardas.

– Outra fortaleza derrubada, Böri Khan – disse Xianniang com a voz rouca, mas com a respiração calma.

O guerreiro acenou com a cabeça. O Imperador não poderia ignorá-lo por mais tempo. Os rourans estavam de volta, e logo o Império seria deles.

QUATRO



Nointerior dasmuralhasda Cidade Imperial, avidacorria como sempre – pacificamente. A grande cidade, de cerca de oitenta quilômetros quadrados de ruas planejadas como em um tabuleiro de xadrez, era um bastião da civilização. Em contraste gritante com a poeira, o barulho e o caos dos mercados, a cidade parecia ser exatamente o que de fato se tornara: um centro cosmopolita. Os cidadãos que habitavam a Cidade Imperial tinham orgulho dos seus mercados, que viviam lotados de negociadores estrangeiros. Os templos podiam ser encontrados em quase toda parte da cidade. A sua presença era um lembrete apaziguador dos antepassados que ainda protegiam os habitantes e depositavam confiança e poder no Imperador. Avenidas eram margeadas por elegantes propriedades, e os planejadores da cidade fizeram questão de desenhar belos parques verdejantes, contribuindo para a sensação de serenidade. Canais repletos de barcos cruzavam a paisagem exuberante.

No canto noroeste, observando a cidade do alto de uma colina, erguia-se o Palácio Imperial. Lar do Imperador, era a maior construção em toda a cidade. Todo branco e dourado, parecia ter sido pintado naquela manhã. Pássaros coloridos voavam sobre os portais, fazendo ninho nos ramos das muitas árvores que cercavam o edifício. À distância ou de perto, o palácio parecia ter sido feito para inspirar paz e confiança.

E inspirava mesmo. Em geral.

Na sala do trono, o Chanceler olhava para o Imperador, sentado em seu trono com uma expressão ilegível estampada no rosto. Ele

estava se sentindo, como sempre se sentia naquele vasto espaço, um pouco diminuído e insignificante. Mas ele sabia que não era. Depois de décadas de trabalho ao lado do Imperador, ele se tornara o seu conselheiro mais confiável. Ele sabia, assim, que a notícia que estava prestes a dar perturbaria imensamente o Imperador.

Respirando profundamente e com uma inclinação de cabeça, o Chanceler deu um passo à frente.

– Majestade – ele começou, esperando que a voz não denunciasse o seu nervosismo –, seis de nossos mercados do norte, na Rota da Seda, foram derrubados em um ataque coordenado.

As dúzias de escribas que cercavam o líder mantiveram as suas cabeças baixas, mas o Chanceler percebeu como os seus pés se remexeram de nervoso. O próprio Imperador permaneceu em silêncio, o seu corpo na sombra. O Chanceler continuou:

– Todo o comércio na região norte foi interrompido.

– E os meus cidadãos? – o Imperador perguntou em voz baixa.

– Abatidos – o Chanceler respondeu. – Este soldado é o único sobrevivente. – Ele acenou com a cabeça para um jovem que estava ajoelhado ali perto. Mesmo à distância, o Chanceler podia ver que o rosto do guarda estava pálido e abalado. O que ele presenciara no mercado fora, em suas próprias palavras, um pesadelo. Ele mencionara uma bruxa alada e guerreiros ferozes. Apenas de imaginar, o Chanceler ficava arrepiado.

– Eu temo que haja mais ataques.

Em pé, o Imperador saiu das sombras. Embora não fosse fisicamente grande, o Imperador exalava imponência. Seus olhos eram brilhantes e sábios, e apenas algumas marcas da idade podiam ser vistas em seu rosto, apesar de toda a responsabilidade que ele carregava. Mesmo que a notícia o tivesse atingido dolorosamente, o Imperador mantinha a calma. Era essa qualidade, entre muitas outras, que o transformara em um líder amado pelo povo.

– Quem é o responsável? – ele perguntou.

A resposta ficou presa na garganta do Chanceler enquanto o Imperador olhava para ele. Era quase impossível para ele esconder as suas emoções daquele homem.

– Rourans, Vossa Majestade – disse finalmente, sussurrando.

Mas as palavras foram ouvidas. Uma onda de choque varreu a sala, e os escribas começaram a sussurrar entre si.

O Imperador os ignorou.

– Quem é o líder? – ele perguntou.

– Ele se chama Böri Khan – o Chanceler respondeu.

– Eu matei Böri Khan – o Imperador disse, sua voz começando a soar tensa.

– O filho dele, Vossa Majestade.

O Imperador balançou a cabeça. O Chanceler sabia o que ele estava pensando. Não era possível. Como poderia o filho do homem que ele havia matado com as próprias mãos ressuscitar um exército inteiro? Ele passara anos trabalhando para certificar-se de que as forças rourans nunca mais se fortaleceriam. Quase perdera a vida dezenas de vezes, e agora eles estavam de volta? Ele balançou a cabeça novamente, lutando para controlar a respiração, que estava começando a ficar irregular.

– Eles foram *destruídos* – disse em voz alta, o som ecoando para fora das paredes da sala do trono. – Pergunto novamente: como é possível?

Antes que o Chanceler pudesse responder, uma vozinha foi ouvida. Olhando com surpresa, o Chanceler viu o único sobrevivente do ataque ao mercado.

– Você pode falar – o Chanceler orientou o guarda.

– Böri Khan luta ao lado de uma bruxa – disse o guarda.

Dessa vez, ninguém tentou controlar os seus suspiros. O som encheu a sala. Aquela era uma terrível notícia.

– *Não* há lugar para bruxas neste reino! – gritou o Chanceler. – A feitiçaria foi banida há mais de uma centena de anos. – Sua explosão surpreendeu a si mesmo. Em geral, o Chanceler tinha a habilidade de manter as suas emoções escondidas. Mas bruxas? Bruxas faziam o seu sangue ferver.

– Mas é a bruxaria dela – continuou o guarda, encolhendo um pouco os ombros – que está conduzindo o exército rouran à vitória.

– Como você sabe disso? – perguntou o Imperador, avançando e fazendo com que os seus guardas e escribas corressem para ficar atrás dele. Movendo-se mais à frente na sala do trono, o Imperador

pareceu ficar ainda maior. E, apesar da ira do Chanceler, ele mantinha a calma.

– Eu só sei o que vi com os meus próprios olhos – respondeu o guarda. – A bruxa é poderosa.

Por um longo momento, o Imperador permaneceu parado, seu rosto sem expressão. Mas, olhando para ele, o Chanceler sabia que a mente do homem estava trabalhando. Não havia como negar. Os rourans estavam de volta, e com um novo líder. Um líder que, como o pai dele, não queria nada mais além de destruir o Império. E, dessa vez, o rouran tinha a ajuda de uma poderosa feiticeira. O Chanceler não precisava de uma sacerdotisa para dizer-lhe o que esses sinais significavam. Significavam o caos. Significavam guerra. Significavam o fim da paz que o Imperador tinha trabalhado tão duro para conquistar.

Como se estivesse ouvindo os pensamentos de seu Chanceler e amigo, o Imperador ergueu os olhos. Olhou para a janela e para o Império que havia lá fora.

– Não temos medo de magia negra – disse ele. – Destruiremos esse exército rouran, e também essa bruxa.

A voz do Imperador ficou ainda mais alta e forte.

– Este é o meu decreto: organizaremos um exército poderoso. Um homem de cada família. Protegeremos o nosso amado povo e esmagaremos esses assassinos.

O decreto estava completo, e os escribas em torno dele escreviam as suas palavras freneticamente. Seria o seu trabalho divulgar o decreto ao povo do Império. E, como ficou decidido, nenhuma família poderia se opor ao decreto. O Imperador teria o seu exército.



Observando a Corte entrar em movimento frenético com o decreto do Imperador, o jovem guarda que escapara por pouco dos rourans se moveu em direção à saída. Com um aceno de cabeça para o Chanceler, que estava falando com vários escribas de uma só vez e mal o reconheceu, o guarda atravessou a longa sala do trono e saiu para o corredor.

Enquanto se movia, os seus ombros se endireitaram. A sua cabeça, abaixada na presença do Imperador, levantou-se. Passo a passo, sua marcha começou a mudar. Quando chegou à saída do palácio e seguiu para as ruas movimentadas, ele caminhava rapidamente, sem sinal dos ferimentos infligidos pelos rourans.

Pessoas de todas as nacionalidades passavam por ele, algumas acenavam por conta do uniforme que usava, moças lhe dirigiam sorrisinhos tímidos. Mas ele não lhes deu atenção. Quando desceu um beco, seu ritmo diminuiu. Estendendo a mão, removeu um alfinete que estava escondido atrás da orelha e o deixou cair no chão. Conforme andava, mais alfinetes caíram ao redor de seus pés. Logo o chão estava cheio de alfinetes – junto ao corpo inconsciente do guarda. Não precisando mais da forma física do guarda, a bruxa voltou a ser uma mulher. Xianniang se espreguiçou, feliz por estar de volta à sua própria forma. Então, com um último olhar de desdém para o guarda que involuntariamente acabara de ajudá-la, ela saiu correndo.

Os seus passos ficaram cada vez mais rápidos e, depois, com um grito, ela pulou. Quando o seu corpo se elevou no ar, mais uma vez se transformou. Só que agora, em vez de se transformar em um guarda, ela se tornou um falcão gigante e gracioso. Enquanto voava acima da cidade, Xianniang soltou um grito triunfante. Böri Khan ficaria satisfeito. Ela tinha visto a faísca de medo nos olhos do Imperador quando mencionara o nome do guerreiro. Organizar um exército de civis era exatamente o que Böri Khan esperava do Imperador. Tirar das aldeias os seus homens mais fortes tornaria muito mais fácil a sua ocupação.

CINCO



Mulan estava triste. Sentada em um banquinho desconfortável, ela tentava não se mover enquanto a mãe penteava os seus longos cabelos pretos, puxando fio por fio. Mulan estremecia quando os fios embaraçados eram dolorosamente puxados de sua cabeça.

Como tinha previsto, o processo de encontro com a casamenteira seria emocionalmente desgastante, mas ela nem tinha se lembrado de que também precisaria ficar fisicamente apresentável. É claro que não poderia ir à entrevista com a casamenteira toda maltrapilha. *Não, não, não*, sua mãe havia dito, indignada com a mera ideia de que Mulan pudesse aparecer toda mal-arrumada.

– É preciso apresentar-se para a casamenteira como você se apresentaria ao seu pretendente. Ou seja, perfeita. Devemos *todos* estar perfeitos. – E, então, como se Mulan já não soubesse, a mãe acrescentou: – O destino da nossa família está nas suas mãos, Mulan.

E era por isso que Mulan estava sendo preparada para se parecer com uma boneca de porcelana. Satisfeita com os coques presos no alto da cabeça da filha, Li voltou a atenção para o rosto. Havia potinhos sobre uma mesa próxima, cada qual cheio de um pó ou líquido diferente. Mergulhando um pincel mais grosso no potinho mais próximo, Li mexeu a pasta branca. Depois, espalhou-a sobre o rosto da filha. Quando o rosto da menina estava completamente coberto, Li passou para o próximo potinho. Um pouco de pó amarelo foi gentilmente espalhado sobre a testa de Mulan, dando alguma cor ao seu rosto e fazendo-a se perguntar por que, então, tinha sido

primeiro pintada de branco. Mas, antes que pudesse sequer abrir a boca para perguntar, Li pegou a tinta azul. Passou-a acima dos olhos de Mulan, de modo a desenhar “sobrancelhas” longas e finas, fazendo parecer que a garota estava sorrindo, mesmo que não mexesse a boca. O blush foi aplicado sobre as bochechas de Mulan, e os seus lábios foram pintados de vermelho. Finalmente, Li colou um ornamento dourado entre os olhos da filha.

Com o rosto pronto, Mulan foi puxada para ficar em pé enquanto a mãe a vestia. Ela permaneceu em silêncio, mas tinha uma vontade cada vez maior de gritar. Sua mãe não a vestia desde quando era pequena. Ela nunca tinha sido forçada a usar maquiagem, e sua cabeça já estava doendo com as dúzias de grampos enfiados para manter os coques no lugar. Ela parecia uma das bonecas de sua irmã.

O olhar de Mulan deslocou-se para a janela na parede mais distante. Ela avistou Vento Negro no pasto. Ela queria se livrar do cuidado da mãe, sair correndo e partir cavalgando em seu cavalo. Mas sabia que não podia fazer isso. Ela fizera a sua promessa e decepcionaria a família novamente.

– Veja.

A voz de sua mãe arrancou Mulan dos pensamentos. Ela levou um susto ao ver o seu reflexo no espelho que a mãe estava segurando. Aquele era o rosto de uma estranha. O seu corpo, envolto em um vestido lilás, parecia esquisito: as curvas, em geral escondidas sob roupas largas, estavam agora visíveis. Cautelosamente, Mulan levantou a cabeça e tocou a flor de lótus que a mãe colocara em seu cabelo. Aquele adorno era um dos objetos mais queridos de sua mãe. Sem dizer nada, Li estava lembrando Mulan do quão importante era aquele dia.

Respirando fundo, Mulan saiu da casa em direção ao pátio. Seu pai estava à espera, também em seu próprio traje formal. Ao ver a filha mais velha, ele sorriu, mas não antes de Mulan perceber uma ponta de tristeza em seus olhos. Pelo menos ela não era a única que sentia que estava escondendo o seu verdadeiro eu sob um monte de maquiagem.

Assim que Li e Xiu juntaram-se a eles – ambas também minuciosamente arrumadas, mas nenhuma tão linda quanto Mulan

–, a família pôs-se a caminhar pela aldeia. Passando por pessoas que ela tinha conhecido por toda a sua vida, Mulan sentiu os olhos sobre ela e ouviu os cochichos de surpresa enquanto caminhavam. Embora Mulan se *sentisse* irreconhecível, os aldeões pareciam reconhecê-la.

Ao perceber o desconforto de sua filha, Zhou sorriu calorosamente. Ele parou e olhou para a sua família.

– Eu sou realmente abençoado por estar na presença de mulheres tão encantadoras – ele elogiou. – Não tenho dúvidas de que hoje será um dia importante para a família Hua...

– Não temos tempo para isso – a esposa disse, interrompendo-o. – Precisamos chegar na hora.

Para enfatizar as suas palavras, ela voltou a andar num ritmo mais acelerado.

Atrás dela, Mulan tinha dificuldade para acompanhar os seus passos. O seu belo vestido não fora feito para caminhadas rápidas. E seus pés estavam presos em sapatos apertados e desconfortáveis. Ela quase tombou, mas sua irmã conseguiu segurá-la a tempo de ajudá-la a equilibrar-se novamente. Então, como que de propósito, o estômago de Mulan roncou alto.

– Estou morrendo de fome – disse ela, confirmando o óbvio.

Li revirou os olhos impacientemente.

– Eu já disse, você não pode comer. Vai arruinar a sua maquiagem.

– Nem a pior das tempestades de inverno conseguiria destruir essa maquiagem – Mulan resmungou sob sua respiração. Virando-se para a irmã, Mulan viu que a ansiedade da mãe tinha contaminado Xiu. A jovem menina estava contorcendo as mãos nervosamente. – Xiu – Mulan chamou, na tentativa de aliviar o clima. Ela apontou para o próprio rosto. – O que estou sentindo?

Xiu olhou para ela, seus olhos procurando no rosto de Mulan qualquer traço de emoção.

– Não tenho ideia – ela disse.

– Exatamente – respondeu Mulan. – Esta é a minha cara triste. – A expressão em seu rosto pintado não mudou. – Esta é a minha cara curiosa. – Ainda nenhuma mudança. – Agora estou confusa. – Mais uma vez, seu rosto permaneceu igual.

Por fim, um sorriso começou a aparecer no rosto de Xiu. Mulan sorriu de volta, embora a irmã não pudesse reconhecer isso. Ela odiava pensar que a causa de toda essa ansiedade era ela mesma. Se fosse Xiu a caminho de um encontro com a casamenteira, Li teria ido praticamente saltitando pelo caminho. Xiu não dava à mãe e à família nenhuma razão para se preocuparem. Já *Mulan* dava à mãe e à família muitas razões para se preocuparem.

Felizmente, Mulan não tinha tempo para sofrer por seus erros. Eles haviam chegado à casa da casamenteira. Deixando Zhou esperando do lado de fora, as mulheres aproximaram-se da porta da frente.

Como convinha a uma mulher de status, a casa da casamenteira ficava separada das outras. Fora recentemente pintada, e flores e ervas frescas floresciam no jardim da frente. A casamenteira era uma das pessoas mais importantes da pequena aldeia. Eram as suas conexões que formavam os casamentos entre os jovens e mantinham a aldeia próspera. As famílias passavam uma grande parte do tempo tentando conquistar a sua aprovação, pois ela significava, inevitavelmente, um casamento vantajoso para os dois lados.

Apesar dos constantes dotes que recebia e dos privilégios de sua posição, a casamenteira era uma mulher malvada e desagradável. Quando saía de casa, o que não fazia com frequência, ela sempre demonstrava uma cara feia e repleta de julgamento. Em mais de uma ocasião, Mulan havia desviado de seu caminho só para não cruzar com a mulher e sentir o seu olhar reprovador. E Xiu, quando ainda era pequena e inocente, havia dito uma vez que não era justo que uma casa tão bonita tivesse uma dona tão feia.

Mas não importava se a mulher fosse malvada e sua cara, feiosa. O futuro de Mulan estava em suas mãos.

Após apresentar Mulan a Fong Lin, a mãe de seu pretendente, a casamenteira fez sinal para que todas se sentassem. Rapidamente, Mulan e sua família sentaram-se. Por um longo momento, o silêncio encheu a pequena sala, e Mulan desejou ter um pedaço de pano ou algo para limpar as suas mãos suadas. Ela sabia o que tinha de fazer. Servir o chá. Provar que ela era digna do filho de Fong Lin. Parecia fácil na teoria... Caso Mulan pudesse controlar a tremedeira.

Tenha calma, ela lembrou a si mesma. *Lembre-se do que Xiu lhe disse – imagine-se fazendo algo de que você gosta. Apenas derrame o chá dentro das xícaras. É só o que você tem de fazer*.

Lentamente, Mulan estendeu a mão e levantou o bule de porcelana delicada. Quando começou a derramar o líquido nas xícaras igualmente delicadas – sem espirrar –, quase podia ouvir o alívio de sua mãe.

Obviamente satisfeita, a casamenteira começou a falar.

– Tranquila. Recatada. Graciosa – ela listou. – Essas são as qualidades que vemos em uma boa esposa.

Ela fez uma pausa e olhou diretamente para Fong Lin. A mulher, cujo julgamento silencioso Mulan tinha sentido como se fosse uma punhalada, não moveu um músculo nem piscou. Dirigiu um olhar afiado a Mulan, observando cada movimento, prestando atenção aos menores detalhes.

– Essas são as qualidades que vemos em Mulan.

Tenha calma, Mulan repetiu para si mesma. *Calma. Tenha calma, mesmo que essa mulher pareça terrível e, portanto, provavelmente tenha um filho igualmente terrível que também olhará para você de maneira terrível cada vez que você fizer algo que não deve, o que acontecerá com frequência. Porque você não é, sejamos sinceras, nem tranquila, nem recatada, nem graciosa*.

Mulan parou e pousou o bule sobre a mesa e passou para o açúcar. Sentia os olhos de todos sobre ela conforme o distribuía de xícara em xícara.

– Dizem – a casamenteira prosseguiu, sem se importar com o olhar vazio de Fong Lin – que, quando a mulher serve o marido, ela deve fazê-lo em silêncio. Deve ser invisível.

Então, parou de falar. Com os olhos focados em Mulan, ela procurou o mais ligeiro tremor, a menor respiração. Mulan estava silenciosa.

Depois de colocar o último cubo de açúcar na xícara, Mulan voltou ao seu assento. Tinha conseguido. Nem uma gota derramada. Nada fora do lugar. Ainda assim, ela não se permitiria suspirar de alívio. Ainda não.

– A família Fong honra a família Hua com este magnífico jogo de chá – anunciou a casamenteira com um lampejo de aprovação em

seus olhos. – Um presente da Família Imperial.

Mulan, Li e Xiu inclinaram a cabeça em sinal de gratidão. Embora fosse tradição da casamenteira não revelar detalhes sobre qualquer família a outra, havia sempre uma maneira de pescar certas informações. Nesse caso, diante do lindo bule à sua frente, Mulan sabia que a família de Fong Lin era abastada, ao menos mais do que a dela. O bule dos Huas estava desbotado e não combinava com as xícaras. Este novo bule se destacaria sobre as prateleiras gastas de sua casa. A pressão para ser perfeita se tornara ainda maior. A família de Mulan se beneficiaria de seu casamento com um homem bem-sucedido. Ela *tinha* que se sair bem.

Mulan estava começando a acreditar que poderia sobreviver àquela reunião quando olhou para Xiu. Sua irmã mais nova tinha os olhos arregalados de medo. Seguindo o seu olhar, Mulan viu uma aranha grande descendo do teto em direção à mesa. Centímetro por centímetro, pendurada em um fio de sua teia... bem na direção de Xiu. Ela caiu sobre a mesa com suas longas pernas peludas.

Sob a sua máscara de maquiagem branca, Mulan sentiu a cor de seu rosto desaparecer. Se a aranha desse um passo em direção a Xiu, a garota gritaria, e a casamenteira ficaria furiosa. Suavemente, e grata pela maquiagem que acobertava as suas emoções, Mulan estendeu o braço e colocou o bule sobre a aranha. Então ela repousou as mãos de volta sobre o colo. Mas não antes de dirigir um olhar à irmã.

O olhar, infelizmente, foi notado pela casamenteira. Seus olhos se estreitaram.

– Há algo errado? – perguntou.

– Não, senhora casamenteira – Mulan disse na sua voz mais recatada. – Obrigada.

Os lábios da casamenteira se apertaram de irritação. Mulan olhou para ela, com uma expressão que não revelava nada. Finalmente, a casamenteira apontou para o bule.

– O ideal – disse ela, seu tom de voz cheio de condescendência – é que o bule permaneça no centro da mesa.

– Sim – concordou Mulan. – Eu sei. Mas acho que o bule deve permanecer onde está.

Instantaneamente, a sala ficou gelada. Um brilho de suor surgiu na testa de Li e Xiu prendeu a respiração, seu rosto tão branco quanto o de Mulan. Fong Lin olhou para a casamenteira e para Mulan, perplexa.

– Mova o bule, garota. – Cada palavra da casamenteira era como uma flechada.

Mulan olhou para o bule e para a irmã, sem saber o que fazer. Se o mudasse de lugar, a aranha poderia se mover. Mas, se ela *não* o mudasse, as coisas não acabariam bem, de toda forma. Ela pensou em seu pai, do lado de fora, esperando que ela mantivesse a sua promessa. Ela suspirou. Tinha de obedecer à casamenteira.

Lentamente, ela levantou o bule.

A aranha, libertada de sua prisão improvisada, saltou direto no colo de Fong Lin.

Soltando um grito agudo, Fong Lin pulou, batendo descontroladamente em seu colo e atirando a aranha para longe. Por um momento, a sala ficou silenciosa enquanto as mulheres observavam onde a aranha tinha ido parar...

Em seguida, foi a vez de a casamenteira soltar um grito ao olhar para baixo e ver a criatura subindo pelo seu peito. Aterrorizada, ela tropeçou para trás, chacoalhando os braços como louca. E acabou tropeçando em uma cadeira. Seus pés, chutando furiosamente, acabaram batendo na mesa, virando-a. O bule e as xícaras saíram voando, atirando água quente em todas as direções.

Observando o caos que havia se instaurado em torno dela, Mulan ainda estava estranhamente calma. Os olhos dela eram a única coisa que se moviam, rastreando o arco do bule e das xícaras no ar. Então, com um movimento rapidíssimo, ela puxou um dos quatro palitos que seguravam o seu cabelo. Com um, pegou uma xícara. Depois outra. *Clink. Clink. Clink.* Uma por uma, ela pegou as xícaras no ar, equilibrando-as sobre os palitos.

Mas o bule ainda estava caindo. Mulan viu que estava a poucos centímetros de se espatifar no chão. E não parou para pensar. Ela apenas agiu. Rápida como um relâmpago, estendeu o pé para fora. Fez uma careta ao ouvir o seu vestido rasgando, mas conseguiu segurar a alça do bule com o dedo. Ficou ali pendurado, enquanto as xícaras equilibravam-se precariamente sobre os palitos.

Por um longo momento, a sala ficou em silêncio. Mulan sentiu os olhos das outras quatro mulheres sobre ela, sua surpresa espelhando a dela própria. Ela tinha conseguido. Tinha evitado o desastre. A aranha desaparecera e o jogo de chá não se quebrara.

E, então, o seu longo cabelo espesso, sem os palitos que o estavam prendendo no lugar, começou a cair dos coques. Como a água vertendo de uma cachoeira, os longos fios caíram, cobrindo o rosto de Mulan.

Com a visão bloqueada, Mulan não tinha como se concentrar em um ponto. E, quase instantaneamente, ela perdeu o equilíbrio. A perna sobre o chão começou a tremer enquanto a outra no ar começou a balançar. Depois, os seus braços moveram-se para cima e para baixo e de um lado para outro, até que, com um grito, Mulan caiu.

Plaft! Plaft! Plaft!

Peça por peça, o jogo de chá espatifou-se no chão, quebrando-se em mil pedacinhos.

Deitada no chão, Mulan ouviu Fong Lin gritar de raiva e sentiu o olhar de decepção de sua mãe. Xiu chorava em silêncio, tentando recolher os pedaços maiores de porcelana. Mas mesmo o mais suave dos toques quebrava ainda mais os pedaços, fazendo Fong Lin gritar novamente. Um momento depois, Mulan ouviu a porta da frente abrir e, em seguida, bater de novo. A mãe de seu pretendente – ou melhor, de seu ex-pretendente – fora embora.

Mulan ficou em pé, com a cabeça ainda curvada. Ela saiu, assim como Fong Lin, e sua mãe e irmã juntaram-se a ela. Nenhuma delas disse uma palavra. Elas caminharam em silêncio para a porta, desceram as escadas da frente e encontraram Zhou esperando no jardim.

Mas a casamenteira não foi tão silenciosa assim. Aparecendo atrás deles, ela levantou seu braço e apontou um dedo acusador para Mulan.

– Desonra para a família Hua! – ela gritou, sua voz ecoando pelas casas vizinhas, fazendo toda a aldeia parar para prestar atenção. – Eles não conseguiram criar uma boa filha!

Cada palavra foi como um tapa na cara de Mulan. A casamenteira estava certa. Ela tinha decepcionado a sua família. Nunca traria

honra para eles. Como poderia, agora que a casamenteira nunca iria deixá-la colocar um pé em sua casa novamente?

Sem ousar fitar o pai, sentindo-se incapaz de enfrentar a decepção que ela sabia que veria, Mulan atravessou o jardim e se dirigiu à sua casa. Seria a mais longa caminhada de sua vida, acompanhada apenas de seus pensamentos tristes e dos olhares irritados de sua mãe. Naquele instante, Mulan não desejava mais nada, a não ser que tirassem os seus olhares de cima dela.

Como que para salvá-la, ressoou no ar o som de tambores.

Mulan e sua família, juntamente com a aldeia inteira, pararam para ver. Todos os olhares voltaram-se para a única estrada que passava pela aldeia. Em geral, ela ficava vazia, sem pegadas sobre a poeira do chão. Mas agora eles podiam ver nuvens de poeira no ar conforme os cavalos cruzavam por ali.

Algumas crianças correram à frente para ver o que estava acontecendo.

– Soldados! – elas gritaram, correndo de volta.

O coração de Mulan batia fortemente no peito enquanto um burburinho se espalhava entre os moradores. Havia anos que os soldados não apareciam em sua aldeia. Na última vez, o seu pai havia sido convocado a lutar pelo Imperador. O que eles poderiam estar fazendo lá agora?

Nesse momento, os tambores pararam e a poeira baixou. Ali, em pé na frente deles, havia um magistrado e seis soldados. Os homens olharam para os moradores do alto de seus cavalos, seus rostos ocultos por máscaras. Com um sinal do magistrado, alguns deles saltaram de seus cavalos e colaram papéis em frente a várias casas.

– Cidadãos! Cidadãos! – gritou o magistrado, como se já não tivesse chamado a atenção de todos. – Estamos sob ataque de invasores do norte. A nossa terra está em guerra! Por decreto de Sua Majestade Imperial, o Filho do Céu, cada família deve contribuir com um homem para lutar! Um homem de cada casa! – Ele pegou um pergaminho e desenrolou-o. De onde estava, Mulan podia ver que a escrita sobre o rolo indicava uma longa lista de nomes. – Família Wang! Família Ching!

Conforme o magistrado continuava a ler a lista das famílias que viviam no *tulou*, Mulan percebeu que seu pai desaparecera na multidão. Ela ficou na ponta dos pés, tentando ver aonde ele tinha ido, mas a aldeia tinha virado um caos. Os homens estavam abrindo caminho em meio à multidão para chegar à papelada que os recrutava para o Exército. Atrás deles, mulheres, idosos e jovens começaram a chorar, alguns de alegria, pois um homem da família poderia se tornar um herói, e outros porque sabiam as consequências da guerra, tanto física quanto mentalmente.

– Família Du! Família Hua!

Mulan prendeu a respiração quando ouviu o nome de sua família. Ela procurou pelo pai e o viu abrindo caminho entre as pessoas. Ele andava com a cabeça erguida e sem a bengala. Mulan sabia o que ele estava prestes a fazer.

Aproximando-se do magistrado e de dois soldados que haviam permanecido em seus cavalos, Zhou fez uma reverência.

– Eu sou Hua Zhou – ele se apresentou. – Servi ao Exército Imperial na última batalha contra os invasores do norte.

O magistrado olhou para Zhou.

– Você não tem um filho de idade suficiente para lutar? – perguntou ele.

– Fui abençoado com duas filhas – respondeu o pai de Mulan. – Eu vou lutar.

O magistrado mediu o homem diante de si. Mulan percebeu que ele estava avaliando o cabelo de seu pai, que estava ficando grisalho, e as rugas ao redor dos seus olhos. Ela sabia que, para ele, o seu pai parecia orgulhoso, mas velho. Enfim, o magistrado acenou para o soldado próximo a ele. O rapaz pegou em sua bolsa os documentos para que Zhou se alistasse. Estendeu-os para ele.

Como se fosse em câmera lenta, Mulan assistiu ao pai esticando o braço para pegar os papéis. Os seus dedos roçaram no pergaminho e estavam prestes a pegar o papel quando a sua perna cedeu. Ele deu um grito abafado ao cair no chão. Deitado aos pés do magistrado, Zhou fechou os olhos, horrorizado. O seu casaco havia se aberto, revelando a atadura na perna.

Olhando para o pai naquela situação, Mulan ficou de coração partido. O homem estava totalmente humilhado. Até mesmo os

soldados pareciam envergonhados por ele, dando um passo para trás e, em seguida, evitando os seus olhos. Mulan pegou a bengala, que estava largada no chão onde ele a deixara, e correu para levá-la a ele. Mas sua mãe pôs uma mão em seu ombro, parando-a.

– Não faça isso – ela sussurrou. – Isso irá apenas humilhá-lo ainda mais.

Enquanto o magistrado voltou a ler os nomes das famílias do *tulou*, um jovem soldado desmontou de seu cavalo e ofereceu a sua mão para Zhou, que recusou. Segurando a perna com a mão, ele conseguiu, dolorosamente, ficar em pé. Depois, saiu mancando, de cabeça erguida.

Mulan o observou se afastando. O seu pai era um homem bom, mas muito orgulhoso. E o orgulho o mataria se ele fosse para a guerra.

SEIS



Uma sensação de desgraça iminente pairava sobre o lar da família Hua. Eles tinham conseguido ignorar os acontecimentos daquela tarde ao longo do dia, mas agora, reunidos em torno da mesa de jantar, a tensão era palpável.

Mulan brincava com a sua comida. Estava sem apetite. Como poderia comer quando, só de imaginar o seu pai lutando contra os invasores do norte, ela sentia como se houvesse uma pedra bem no meio do seu estômago? Ao seu lado, Xiu mal tinha dado uma mordidinha na comida. Ela também estava sem apetite.

Do outro lado da mesa, a mãe de Mulan não tinha sequer se dado ao trabalho de pegar um prato. Ela estava com os olhos pregados em Zhou. Sem perceber isso, ou optando por ignorar os olhares de sua esposa e filhas, Zhou comia com gosto.

– Você é um herói de guerra – Li usou palavras suaves ao quebrar o silêncio. – Você já fez grandes sacrifícios...

Zhou não a deixou terminar. Ele sabia o que ela iria dizer.

– Você está sugerindo que a nossa família não obedeça ao decreto imperial?

As palavras saíram da boca de Mulan antes que ela pudesse impedi-las.

– Mas como o senhor poderia lutar quando mal consegue...

Zhou bateu na mesa, cortando a frase de Mulan. Sua expressão era furiosa. Sua esposa e suas filhas olharam para ele assustadas. Ele sempre fora um homem orgulhoso de sua moderação e calma. Aquela explosão era atípica – e assustadora.

– Eu sou o *pai*! – ele disse, e sua voz ecoou na pequena sala. – É minha obrigação trazer honra para a nossa família no campo de batalha. Você é a *filha* – ele fez uma pausa e olhou para Mulan com imponência. – *Aprenda qual é o seu lugar!*

Ficando em pé com dificuldade, Zhou saiu mancando da sala.

À mesa, ainda sentada, Mulan estava de cabeça baixa. Sentia-se ferida pelas palavras do pai. Não apenas por causa de seu tom, mas devido ao significado por trás dele. Seu pai sempre fora o seu maior defensor. Ele sempre a incentivara a ser quem era; mesmo quando tentava esconder a sua natureza impetuosa, ela ainda sentia o seu amor e incentivo. Ela sempre acreditara que seu pai sabia que ela queria mais, que poderia ser mais.

Mas estava errada.

E, pior ainda, o orgulho obstinado do pai o colocaria em perigo mortal.

Como se pudesse ler os seus pensamentos, Li se levantou e andou até o outro lado da mesa. Ela pegou a mão de Mulan, depois a de Xiu.

– Nós devemos ser fortes – aconselhou ela e, então, fez uma pausa. Os seus olhos ficaram marejados e as suas mãos começaram a tremer. Ela mesma não conseguia seguir as próprias ordens.

– Desta vez ele não voltará – disse ela, deixando as lágrimas escorrerem. Os seus ombros caíram e ela se afundou no chão, vencida pela emoção. – Como sobreviveremos sem ele?

Mulan olhou desesperada para a mãe e, em seguida, para a irmã. Ambas estavam chorando abertamente. Sua mãe estava certa. Se o seu pai fosse para a luta, ele morreria. E, se o pai morresse, elas ficariam sozinhas e sem nada. Como Mulan tinha acabado de destruir a sua única chance de casamento, não havia esperança de que um futuro marido ajudasse a sua família caso Zhou morresse.

A verdade era clara. Se Zhou fosse para a guerra, *nenhum* deles sobreviveria.



A casa estava silenciosa. Os sons dos soluços de sua mãe haviam enfraquecido, e a sua irmã, com as lágrimas secando sobre as bochechas, havia caído em um sono agitado. Mulan passou pela sala na ponta dos pés, em direção ao grande armário que ficava no canto. A peça ornamentada era um dos únicos itens de valor na casa. Quando era menina, Mulan tinha sido proibida de se aproximar dele e, mesmo agora, como uma jovem mulher, mantinha distância.

Até aquela noite.

Mulan respirou profundamente. A ideia que tivera deitada em sua cama começara com um simples lampejo de pensamento, enquanto ouvia as palavras do pai retumbando em sua cabeça. *Aprenda qual é o seu lugar,* ele dissera. Seu lugar, ela sabia, era claro – para o seu pai, pelo menos. Seu lugar era em casa, cuidando de um marido que ela provavelmente nunca teria. Mas e se o seu lugar fosse outro? E se ela tivesse nascido um menino? O seu lugar, então, seria ir combater os invasores. E foi aí que a ideia floresceu. Por que ela não poderia lutar? Quem a estava impedindo? Tudo que ela precisava era de uma armadura, uma arma e um cavalo. Bem, ela tinha o cavalo, de modo que faltavam a arma e a armadura.

Era por isso que ela estava ali agora, em pé, em frente ao armário da família.

Lentamente, ela abriu as portas. Elas rangeram um pouco e Mulan congelou. Quando viu que nenhuma vela fora acesa e que nenhum ruído viera dos quartos, Mulan soltou a respiração. E abriu mais as portas.

No interior do armário, estavam a armadura e a espada. A armadura e a espada usadas por seu pai na batalha de anos atrás. Pareciam novinhas. Com amor, seu pai as mantinha sempre limpas, lustrando-as ao menos uma vez por semana. Os olhos de Mulan focaram-se na espada. À luz da lanterna aos seus pés, o metal reluzia como se estivesse queimando por dentro.

Mulan puxou a espada. Suas mãos caíram ao sentir o peso surpreendente do objeto e ela teve de mover os pés para manter o equilíbrio. Ela ficou imóvel por um momento, acostumando-se com o peso e a sensação do metal em suas mãos. Nas raras ocasiões em que a perna não o incomodava, seu pai levava a espada para o

quintal a fim de treinar. Ele fazia os movimentos parecerem tão fluidos que Mulan sempre tinha imaginado que a espada era leve como uma pluma. Mas, em sua mão, era pesada e desajeitada. Ao tentar levantá-la à frente, seus olhos cintilaram sobre três palavras gravadas na lâmina. Apertando os olhos, ela leu: LEALDADE. CORAGEM. VERDADE.

Uma nuvem moveu-se da frente da lua lá fora, enchendo a sala de luz branca. Naquele momento, Mulan viu o seu reflexo no aço da lâmina. Conforme virava a espada de um lado para o outro, as suas feições ficavam alteradas. As maçãs do seu rosto tornaram-se mais angulosas; seus olhos, arregalados; seus lábios, mais finos. Ela parecia uma versão diferente de si mesma.

Uma ideia começou a crescer em sua mente. Por que ela não poderia ser ela mesma e também outra pessoa ao mesmo tempo? Por que não poderia tomar o lugar do pai? Ela tinha tudo que precisava bem ali na sua frente. Poderia ser um soldado. Ela abaixou os braços e estendeu a espada à sua frente, com os olhos tão frios e fortes quanto a própria arma.

Mulan não permitiria mais que os outros decidissem o seu futuro. Ela tinha tentado manter a sua promessa de trazer honra à sua família indo à casa da casamenteira. Ela tinha, por anos, praticado a tecelagem. Tinha aprendido a ser silenciosa e a refrear os seus impulsos mais selvagens. Tinha praticado como servir o chá e tinha preparado inúmeros jantares. Mas não importava o quanto se esforçasse, ela sempre parecia falhar. Então, agora, ela traria honra à sua família de uma outra maneira.

Ela se tornaria uma guerreira.

Segurando o cabo da espada em uma mão e desajeitadamente carregando a armadura no outro braço, Mulan cruzou de novo a sala. Passando pelo quarto dos pais, que estava com a porta entreaberta, ela olhou o rosto de seu pai, teimoso até mesmo quando estava dormindo. Ao lado dele, Li dormia profundamente, mas com linhas de preocupação marcando a testa. Mulan desejou despertá-los e dizer-lhes adeus. Desejou poder dizer-lhes o quanto os amava e o quanto queria deixá-los orgulhosos e mantê-los seguros. Mas, em vez disso, ela subiu ao andar de cima.

Após guardar algumas coisas em uma pequena mochila, ela hesitou ao pé da porta. Em seu sono, Xiu deixou escapar um pequeno gemido. Uma forte onda de amor tomou conta de Mulan. Ela sabia que, no momento em que saísse de casa, corria o risco de nunca mais voltar. Mesmo se sobrevivesse ao exército, o que poderia muito bem não acontecer, a sua reputação dificilmente sobreviveria ao que ela estava prestes a tentar: fingir ser um homem para lutar em uma guerra. Ela sabia que havia muitos obstáculos, mas também sabia que não podia deixar seu pai ir em seu lugar.

Ele estava certo. Ela tinha que aprender qual era o seu lugar. Mas definitivamente esse lugar não era ali.



O som de um trovão acordou Zhou. Agitado sob o cobertor, ele virou a cabeça e olhou pela janela, para o céu cinzento e ameaçador. Sentiu algo em sua barriga, e sua perna, que já doía em bons dias, estava latejando com a iminência do clima ruim. Algo estava errado. Ele sabia.

Empurrando o cobertor e colocando os pés no chão, foi andando lentamente até a sala. O barulho do trovão ecoou pela casa, e Zhou congelou quando Li se revirou na cama. Como ela ainda parecia adormecida, ele voltou a andar na ponta dos pés.

Assim que entrou na sala, a sensação em seu estômago piorou. Do outro lado do cômodo, ele viu o armário com as portas entreabertas. Com um medo crescente, ele caminhou até o armário e abriu as portas.

Estava vazio. Zhou engasgou.

– Minha espada e minha armadura! – disse ele. – Desapareceram! – As palavras foram barulhentas e a emoção por trás delas, profunda.

Ouvindo passos atrás de si, ele nem mesmo se virou para ver Li vindo correndo do quarto.

– Quem faria uma coisa dessas? – Li perguntou quando viu o armário vazio e, em seguida, a cara pálida e as mãos agitadas de seu marido.

Despertada pela comoção, Xiu apareceu na porta. Ela esfregou os olhos, ainda meio sonolenta. Ela quase não notou o armário vazio. Em vez disso, notou que algo – ou alguém – estava faltando.

– Onde está Mulan? – ela perguntou.

Mulan. Zhou tentou respirar. O que Xiu queria dizer? Mulan estava em sua cama, onde ela deveria estar. Mas, ao olhar para a filha, ele percebeu que estava errado. Um pensamento, que ele preferia evitar, começou a tomar forma. Suas próprias palavras de frustração e raiva ecoaram de volta para ele. *Aprenda qual é o seu lugar,* ele dissera. Tinha visto a dor no rosto de Mulan, mas, naquele momento, ele estava absorvido demais em sua própria dor para se importar com a dela. Mas, agora...

Dando as costas para o armário, ele olhou para todos os cantos da pequena sala de estar. Observando-o, Li levantou uma sobrancelha.

– Meu formulário de alistamento – disse ele, respondendo à sua pergunta silenciosa.

Ele tinha de encontrá-lo. Se não conseguisse, só poderia significar uma coisa. Eles vasculharam potes e tigelas vazios, procurando o papel que Zhou havia deixado ali mais cedo. Mas tinha desaparecido. Em seu lugar, estava o enfeite de flor de lótus de Mulan.

Zhou levantou os olhos, encontrando os de Li. O terror que ele sentia estava espelhado no rosto de sua esposa. Eles entenderam o que significava a ausência da armadura e do formulário.

– Você tem de impedi-la – Li disse, colocando uma mão trêmula sobre o coração. – Os invasores do norte irão matá-la!

Zhou inclinou a cabeça. Mulan nunca tinha treinado com uma espada e, quando brincava de luta, era com uma vareta, não com uma arma de verdade. Ela cairia na primeira luta. Mas, se ele fosse atrás dela e expusesse a sua mentira, o seu destino seria o mesmo. Seu próprio povo, os outros soldados e os líderes do exército nunca iriam deixá-la viver se descobrissem a traição. Ele não tinha como impedi-la.

Deixando a esposa e a filha chorando, Zhou saiu de casa e foi ao santuário da Fênix. Ele nem ouvia mais os trovões, nem via os relâmpagos. Estava repleto de mágoa. Era o culpado por tudo isso.

Ele tinha empurrado Mulan para longe e a enviado em direção à morte.

Ao entrar no pequeno santuário, ele se ajoelhou diante de duas grandes tabuletas espirituais. Acreditava-se que esses objetos guardavam a sabedoria e os espíritos de todos os ancestrais e que eles ouviam e atendiam às orações... Zhou tinha esperança de que eles ouvissem a sua prece.

– Ancestrais – ele sussurrou. – Eu... peço a vossa ajuda. Minha filha cometeu um erro terrível. Por favor, protejam-na.

Quando terminou a oração, deixou as lágrimas caírem. Atrás dele, a tempestade chegou. E, em algum lugar lá fora, sua filha estava sozinha. *Mulan*, ele pensou, *sinto muito. Por favor, volte*.

Com a cabeça baixa, Zhou não viu uma ave pequena, feia e deformada saindo de trás da estátua da Fênix. Uma de suas asas estava caída, e a cabeça, estranhamente inclinada para o lado. O pássaro olhou para Zhou por um momento e, em seguida, pulou de trás da estátua e saiu do santuário. Estremeceu quando a chuva tocou suas penas, e, depois, com um suspiro resignado, saiu batendo as asas – a que era forte e a outra, fraquinha. E, assim, voou para longe do *tulou*.

SETE



Böri Khan estava satisfeito. Seus planos estavam se desenrolando de forma brilhante. O Imperador estava assustado e iria reunir um exército fraco, composto por civis, meninos e homens velhos. Enquanto isso, o sucesso de Böri Khan tinha lhe rendido a atenção de todas as outras tribos rourans. Elas tinham enviado os seus próprios dirigentes, conhecidos como Tegins, para se encontrar com ele, como era o antigo costume. Agora, os Tegins estavam dentro da tenda grande, enquanto lá fora as suas bandeiras – do urso negro, do leopardo da neve, da serpente, do fogo vermelho e do garanhão selvagem – flamejavam ao vento. Foi a primeira vez em anos que todas as cinco maiores tribos estavam reunidas em um só lugar.

Graças a Böri Khan.

Olhando para o forte grupo reunido em sua tenda, Böri Khan encarou cada um dos líderes. Eles estavam em meio a uma impressionante variedade de tesouros roubados por Böri Khan e seus homens. Pilhas de seda, lenços e joias espalhavam-se ao acaso, como se Khan já tivesse juntado tantos tesouros que não se importava se caíssem no chão ou fossem pisoteados. Ele fez questão de servir um banquete do qual alguns dos homens agora participavam. No entanto, apesar da aparente celebração, a sala parecia tensa. As tribos vieram apoiar Böri Khan, mas isso não significava que elas se apoiavam entre si. O ódio que sentiam umas pelas outras era profundo e verdadeiro.

– Como posso lutar ao lado de Kilifu Tegin?

Böri Khan percebeu o olhar letal de Tulugui Tegin dirigido a um homem menor do outro lado da tenda. Tulugui era talvez o mais cruel – ou, pelo menos, o mais abertamente cruel – do grupo. Enquanto a sala se enchia de murmúrios, Khan levantou a mão para silenciá-los. Então, acenou para que Tulugui continuasse.

– Ele e o seu povo têm invadido os nossos campos desde a época do avô do meu avô – concluiu Tulugui.

Na mesma hora, Kilifu entrou na defensiva.

– Os ataques começaram com o *seu* povo – disse, indignado.

– Kilifu está certo! – opinou Bati Tegin, líder de uma das tribos menores, gritando, pulando e cortando Tulugui antes que ele pudesse responder. – Tulugui também invade o meu acampamento. Eu já vi com meus próprios olhos!

O *yurt* explodiu em rugidos. De repente, velhas feridas foram reabertas. Böri Khan assistiu a tudo, deixando os outros homens gritarem e se insultarem. Então, mais uma vez levantou a mão e, com um único grito, os silenciou.

– Vocês parecem uma cesta de víboras mordendo a cauda uma da outra – enquanto falava, olhou para cada um dos líderes. Ele queria que todos o ouvissem. – Lutando, tribo contra tribo. Não estão vendo toda essa riqueza diante de vocês?

O som de asas farfalhantes ressoou quando Xianniang, em sua forma de falcão, voou para dentro da tenda, fazendo os homens se encolherem. Eles se abaixaram quando o grande pássaro voou sobre suas cabeças e pousou sobre um grande poleiro. Ao se instalar, olhou para os homens, que se remexeram de nervoso.

Böri Khan sorriu e acenou com a cabeça em direção a Xianniang. Então, continuou:

– Somos mais fortes *juntos* – disse ele. – O povo rouran. Durante décadas, espalhados como folhas ao vento. Agora, nos uniremos. – E apontou para as pilhas de tesouros reluzentes. – Isso, meus amigos, é apenas uma pequena amostra do que está por vir. Dos próximos mercados, as riquezas fluirão como um grande rio.

Ele parou, deixando-os assimilarem as suas palavras e a imagem do tesouro. Ele caminhou até o poleiro de Xianniang e esfregou os dedos ao longo das penas suaves do falcão. O tempo todo manteve os olhos fixos nos Tegins, lendo a expressão em seus rostos.

Finalmente, Bati Tegin falou. Ele não tinha nem olhado para o tesouro. Seus olhos permaneceram presos no falcão.

– Possivelmente. Mas estamos contando com uma bruxa.

A atenção do falcão passou de Böri Khan para Bati Tegin. Os olhos afiados da ave piscaram, e o homem se encolheu para trás. Böri Khan notou o medo do homem e sorriu. Ele manteve os dedos no falcão enquanto dizia:

– Não se engane: a bruxa serve a *mim*. E, portanto, a todos nós! Ela sabe quem é seu mestre!

Com um bater de asas, Xianniang se transformou. Suas penas desapareceram, e ela surgiu na frente de todos em sua verdadeira forma. Seus olhos frios observaram os líderes, deixando-os desconfortáveis. Uma expressão de triunfo cruzou o seu rosto, e ela se virou para Böri Khan. Erguendo uma sobrancelha, pronunciou-se:

– Por favor, continue, meu *Khan*. Estou curiosa para saber o que mais você tem a dizer.

Böri Khan não gostou do tom dela, mas manteve o rosto neutro. Ele lidaria com a insubordinação dela mais tarde.

– Xianniang é uma de nós – continuou ele. – Quando tomarmos a Cidade Imperial, ela será recompensada com justiça. Como todos vocês.

Então, uma nova voz foi ouvida.

– Eu não me importo se há ou não há uma bruxa envolvida – disse Duba Tegin. O líder do clã das serpentes ficara em silêncio até agora. Os outros se viraram, curiosos para ouvir o que ele diria. – Meu problema é outro. É em Böri Khan que eu não confio. Ele precisa da nossa ajuda para ganhar o trono. Mas somos mesmo parceiros? Ou ele está nos usando para conseguir o que quer? – Ele apontou para os itens saqueados exibidos por todos os lados. – Conquistaremos riquezas. Ouro, joias. Mas quanto ouro um nômade pode carregar? A verdadeira recompensa é poder. Quando chegar a hora, Böri Khan não compartilhará o seu poder.

Houve murmúrios entre os outros líderes. Era uma boa pergunta. Arrumar as malas e transportar seus *yurts* quando a estação mudava, levar os rebanhos para novas pastagens... Esse era o seu modo de vida. Como eles não tinham lares permanentes, não

tinham lugar permanente para guardar tais riquezas. Mas poder? Isso, sim, era algo *útil*.

Sentindo o clima que tomou conta do ambiente, Böri Khan estufou o peito.

– Todo mundo tem o direito de expressar as suas preocupações – rebateu. – Quem mais não confia em mim? – Ele fez uma pausa, deixando as suas palavras ecoarem pelo *yurt*. Os Tegins não falaram, mas ele podia ver a dúvida que permanecia em seus olhos. Ele não podia se deixar interrogar por eles. – Duba Tegin está certo. Riquezas não são poder. Quando o reino cair, dividiremos o poder entre nós.

Com essa declaração, os Tegins relaxaram e assentiram. Enquanto os outros homens desfrutavam da comida e da bebida, Böri Khan se virou e saiu do *yurt*. Ele foi andando calmamente até uma colina rochosa, da qual olhou para os *yurts* maiores e menores de seus homens. Por um longo tempo, ele ficou lá, ouvindo os sons de celebração vindos de sua tenda. À medida que a noite passava, o som foi diminuindo, até que todos ficassem em silêncio. Um a um, os líderes das tribos saíram do *yurt*. Subindo em seus cavalos, seguiram em direções diferentes, voltando para os seus acampamentos para relatar os eventos daquela noite.

Os olhos de Böri Khan seguiram Duba Tegin quando o homem mais velho deixou o *yurt*. Ouvindo passos atrás dele, viu, então, Xianniang aparecer. Os olhos dela estavam frios.

– Agora eu sei – disse ela, abaixando os braços ao lado do corpo. – Eu sirvo *você*.

– Eu disse isso para deixá-los à vontade – respondeu Böri Khan para atenuar a preocupação da bruxa. – Eles temem o que não entendem.

Xianniang ergueu uma sobrancelha. O homem estava quieto. Se não fosse pelo movimento dos seus olhos, ele poderia ser confundido com uma estátua. Não pela primeira vez, Xianniang sentiu medo. Havia algo de sombrio e terrível em Böri Khan. Mas ela deu de ombros, como sempre. Ela tinha consciência de seu próprio poder.

Böri Khan passou a mão por cima do ombro e sacou uma flecha. Posicionando-a no arco, ele levantou a arma.

– Nenhum outro dos Tegins pedirá para compartilhar o poder – disse ele.

E, apontando para Duba Tegin, Böri Khan soltou a flecha. Xianniang viu a flecha cortar o ar e se alojar nas costas dele. O homem caiu sobre a sela de seu cavalo e, depois, despencou no chão. Seu cavalo disparou, galopando na noite.

– Ele estava certo em não confiar em você – disse ela.

Abaixando a arma, Böri Khan virou-se para Xianniang. Parecia satisfeito. Sem dizer uma única palavra, ele desceu a colina em direção ao seu *yurt*.

Xianniang observou-o partir, com o rosto sombrio. Ela entendeu a mensagem. E não o desafiaria mais.



Mulan estava cansada. Cansada e com fome. De cima de Vento Negro, ela girou a cabeça, afrouxando a tensão em seu pescoço. Os cabelos compridos, presos sob o elmo do pai, caíam em cascata pelas costas. Tinha sido uma viagem longa e difícil até agora, e seu corpo já estava doendo. Ela não estava acostumada com o peso da armadura nem com a sensação de carregar uma espada, e menos ainda com a visão limitada que tinha por baixo do elmo. Mas sabia que tudo isso era necessário para convencer de que era um homem a caminho da guerra.

Parecia que estava andando há dias. E, quando não estava cavalgando, caminhava para Vento Negro descansar um pouco. Vira todos os tipos de paisagem que a China tinha a oferecer. Vagara pelas florestas enevoadas e passara por rios pantanosos. Vento Negro havia galopado por longos trechos de vegetação baixa, e ela o puxara por penhascos rochosos.

Agora, estavam atravessando um bambuzal. As hastes verdes erguiam-se no ar com as suas cascas lisas. A luz do sol era filtrada pelo dossel verde, banhando o chão com pouca luz. Havia paz ali e, pela primeira vez desde que saíra de casa, Mulan sentiu tranquilidade. Ela soltou um suspiro profundo e sentiu as costas relaxarem. Abaixo dela, Vento Negro também relaxou, feliz quando

as pernas tensas de Mulan liberaram um pouco a pressão sobre as suas laterais.

Squack!

O som terrível assustou Mulan e ela puxou bruscamente as rédeas de Vento Negro. Girando na direção do barulho, Mulan viu um pequeno pássaro entrando e saindo por entre os bambus. Ao se aproximar, os lábios de Mulan se abriram. Chamar aquilo de *pássaro* talvez fosse uma descrição generosa demais. A criatura parecia um peru grande, meio depenado, com as asas penduradas nas costas de maneira desigual. Suas penas eram opacas e desbotadas e seus olhos pareciam não conseguir se focar. A criatura era, simplesmente, muito feia.

Apertando as pernas contra as laterais de Vento Negro, Mulan o incentivou a avançar. O pássaro, ou o que quer que fosse, parecia estar doente. Ela não queria ficar perto dele.

Quando Mulan parou Vento Negro para que descansassem, já tinha se esquecido da ave. Fazendo uma pequena fogueira na base de uma enorme estátua de Buda adormecido, ela aqueceu uma das últimas porções de arroz que tinha e comeu os pedacinhos. Logo a refeição terminou e, com a barriga ainda roncando de fome, ela se arrastou para a grande palma aberta do Buda e deitou-se, tremendo sob o cobertor fino. Acima, viu as estrelas brilhando no céu. Mulan suspirou. Passara tantas noites olhando para aquelas mesmas estrelas, deitada em sua cama, desejando viver uma aventura, uma chance de sair de sua aldeia.

Mas, agora que estava em uma aventura, desejava mais do que tudo voltar para casa. Puxando mais o cobertor, sussurrou um boa-noite para Vento Negro e fechou os olhos. A exaustão assumiu o controle e ela rapidamente adormeceu... Não estava mais acordada para ver o pássaro de aparência estranha desabar no chão ao seu lado.

Mulan *viu* o pássaro no dia seguinte, enquanto ela e Vento Negro seguiram para a montanha nevada. Com os dentes batendo de frio, ela se curvou o mais perto possível do pescoço de Vento Negro, mas até o grande cavalo parecia ter pouco calor para compartilhar. Quando fizeram uma curva no desfiladeiro, os olhos de Mulan se estreitaram.

O pássaro estava de volta.

Ele tremia tão violentamente que as poucas penas que tinha haviam caído, e com o bico batendo, a ave estava parada sobre o caminho coberto de neve. Parecia estar tentando bloquear o caminho de Mulan.

– Você... – Mulan disse, puxando as rédeas de Vento Negro. – O que você quer?

O pássaro soltou um grito triste.

Desmontando, Mulan se aproximou dele. De perto, a criatura parecia ainda mais feia. Mulan sentiu-se triste. O pobre pássaro estava doente, mas havia algo de familiar nele. E uma teimosia nos seus olhos fazia com que parecesse mais forte do que o seu corpo magro e decadente.

– Por favor – Mulan disse, desta vez com a voz suave –, afaste-se.

O pássaro não se mexeu.

Suspirando, Mulan levantou o pé e tentou cutucá-lo. Para a sua surpresa, o seu pé foi recebido com resistência. Para uma coisa tão frágil, o pássaro era surpreendentemente forte. Mulan empurrou com mais força. O pássaro ainda não se mexeu. Soltando um grito, ela empurrou mais uma vez. Desta vez, conseguiu afastar o pássaro do caminho.

Mulan agarrou as rédeas de Vento Negro e passou pelo pássaro, deixando-o para trás. Ela olhou por cima do ombro e viu que ele ainda estava ali, observando-os partir. A mesma estranha sensação de tristeza tomou conta de Mulan e, por um momento, ela pensou em voltar para pegá-lo. Mas, então, balançou a cabeça. Ela não precisava de mais bagagem e, definitivamente, não precisava de um pássaro doente atrasando a sua jornada.



Mulan achou que não teria forças para continuar. A última porção de arroz acabara um dia antes, e ela e Vento Negro estavam enfraquecidos pela fome. Deixando as montanhas para trás, ela seguia sentada sobre a sela como podia, as rédeas soltas, deixando Vento Negro seguir seu próprio caminho.

O sol estava começando a se pôr no horizonte quando Mulan avistou uma cidade à distância. Ela se sentou um pouco mais ereta, seu estômago roncando em antecipação. O alívio cintilou em seu coração. Vento Negro também viu a cidade, e seus passos se aceleraram. Ao se aproximarem dos arredores da cidade, ele estava galopando e Mulan estava sorrindo.

Mas o seu sorriso desapareceu quando Mulan desceu de Vento Negro e o puxou pelas ruas da cidade. Rostos estranhos os rodeavam. Os olhos que a seguiam eram sombrios e desconfiados. Ela nunca estivera em nenhuma outra vila além da sua. E nunca conhecera estranhos. Agora, estava cercada deles.

Amarrando Vento Negro a um poste do lado de fora da única taverna da cidade, Mulan deu-lhe um tapinha.

– Deseje-me sorte – ela sussurrou.

O grande cavalo relinchou e depois bateu com a cabeça na direção das portas da taverna. Respirando fundo, Mulan entrou.

A sala estava escura e esfumaçada, tomada pelo cheiro de carne assada, cerveja e homens sujos. Mulan manteve a cabeça baixa, o coração batendo forte no peito. Examinando a sala por baixo das pálpebras semicerradas, viu uma pequena mesa em um canto. Aproximou-se e despencou na cadeira. Se pudesse se tornar invisível, ela o faria. Mas, então, não conseguiria comida.

De repente, o gerente corpulento apareceu ao lado da mesa, olhos frios e braços cruzados sobre o peito. Embora ganhasse a vida servindo estranhos, ele certamente não parecia gostar deles.

– Temos macarrão com carne de porco ou carne de porco com macarrão – disse ele com um grunhido.

Mulan assentiu, não confiando em si mesma para falar.

– Isso é um sim? – perguntou o gerente do lugar.

– Sim – disse Mulan, tentando manter a voz grave como a de um homem.

O gerente não se mexeu. Ficou parado ali, olhando para Mulan, que se encolheu ainda mais em sua armadura. Ela havia dito o que queria. Por que ele ainda estava ali? Ela ousou encarar o grandalhão.

– Pague antes de comer – disse ele, estendendo a mão.

Certo. Dinheiro. Era uma taverna cheia de viajantes. Claro que o homem exigiria pagamento adiantado. Havia apenas um pequeno probleminha. Ela não *tinha* exatamente dinheiro, no sentido tradicional da palavra. Mantendo a cabeça baixa, ela enfiou a mão na mochila, tirou uma pequena bolsa de pano e entregou ao homem.

– O que é isso? – ele perguntou, olhando para a bolsa, que parecia ainda menor em suas mãos enormes.

– Chá – disse Mulan.

O gerente da taverna ergueu uma de suas sobrancelhas espessas.

– Bem, este deve ser o meu dia de sorte – disse ele. Então, voltando-se para o resto da sala, gritou: – O soldado quer pagar com chá!

A sala explodiu em gargalhadas cruéis.

– É tudo o que tenho – protestou Mulan, sabendo que a desculpa parecia fraca.

O gerente balançou a cabeça.

– Não – ele disse. – Você tem mais do que isso. Sua espada, por exemplo – E acenou com a cabeça para a arma ao lado dela. – Sua armadura. Ouvi dizer que você tem um cavalo bonito lá fora. Troque os três e poderá comer como um imperador por um ano.

Mulan teve um calafrio, e seu coração batia forte contra o peito. Ela pensou que havia sido discreta, mas claramente o homem e os outros clientes a tinham observado desde o momento em que chegou. E notaram suas armas e Vento Negro. Ela sentiu muito, muito medo. E se tentassem roubá-la?

As gargalhadas – às suas custas – encheram a sala. Mulan olhou para os rostos dos estranhos e não viu compaixão ou simpatia em nenhum deles. O sentimento de medo ficou ainda mais forte. Ela, então, se levantou, pegando as suas coisas – inclusive o chá –, e saiu correndo da taverna.

Pulando nas costas de Vento Negro, ela o fez correr. Ela teria que esperar até chegarem à próxima cidade para comer. Seu estômago roncou alto. Ela esperava que não fosse muito longe dali.

OITO



Mulan sentou-se à beira de uma fogueira, tentando aquecer as mãos. A fogueira era pequena. Ela não tinha força ou energia para buscar mais gravetos nos bosques próximos dali. Mas, enquanto tentava se aquecer, ela desejou ter passado mais tempo recolhendo lenha.

Gemendo, ela tirou as botas do pai. Os trapos que tinha usado para preencher as botas, grandes demais para os seus pés, saíram vermelhos. As bolhas, algumas novas e outras antigas, estouraram e deixaram os seus pés em carne viva. Ela fez uma careta e os estendeu em direção ao fogo. Depois, pegou um saquinho onde guardara alimentos e olhou para dentro. Havia apenas uma maçã solitária. Suspirando, ela ofereceu para Vento Negro, que a devorou.

– Talvez, se eu implorar perdão, minha família me aceite de volta... – ela disse quando Vento Negro terminou de mastigar. O cavalo não respondeu. Olhando para o fogo, os olhos de Mulan se arregalaram.

A ave estava de volta.

Aquela mesma ave feiosa e estranha, que ela já tinha visto três vezes, sentou-se em um tronco próximo, observando-a. O estômago de Mulan roncou.

– Será que essa ave é horrível demais para comer? – ela perguntou ao cavalo.

Em resposta, a ave soltou um grito alto.

O estômago de Mulan roncou de novo. Ela procurou a espada. O fato de a ave ser feia não significava necessariamente que não seria

saborosa. Ela estava ficando em pé quando ouviu passos atrás de si. Assustada, virou-se, dando ao pássaro a chance de fugir.

– Saudações!

A voz de um homem foi ouvida atrás das árvores. Segurando o cabo de sua espada, Mulan ergueu a arma à sua frente. Dois monges com longas barbas e batinas maltrapilhas a fitavam do outro lado da fogueira. Pareciam ser muito mais velhos que ela, com rostos desgastados pela idade. Um tinha a pele e o cabelo mais escuros, enquanto o outro era mais claro. Atrás deles havia um burrinho de aparência patética.

– Não tenha medo, meu amigo – o monge com os cabelos escuros disse. – Somos apenas monges que viajam pelo mundo fazendo boas ações para assegurar a felicidade e a paz. – O outro monge assentiu com a cabeça e abriu um sorriso. O rosto de Mulan permaneceu frio. O homem de cabelos escuros apontou para o monge sorrindo.

– Este é o Irmão Ramtish. Eu sou o Irmão Skatch. Trazemos comida e amizade.

Comida? Só a palavra já fazia a boca de Mulan encher de água. E, quando os dois monges trouxeram a comida, todo o seu medo desapareceu. Largando a arma, ela pegou um prato, serviu-se de arroz e sentou-se. Apesar do impulso irresistível de enfiar tudo na boca de uma vez, ela ouviu a voz de sua mãe em sua cabeça, dizendo-lhe para comer lentamente, com graça. Mas a mãe nunca estivera à beira da inanição, pensou Mulan, ainda assim seguindo a etiqueta.

Observando-a, Ramtish riu. Virou-se para Skatch.

– Acho que ele é a pessoa morrendo de fome mais educada que já vi.

Skatch concordou com a cabeça.

– Sim, ele é um cavalheiro com bons modos. – Ele abriu a bolsa.

– Irmão Ramtish, acho que devemos celebrar este banquete com um pouco de vinho.

Mulan abafou um sorriso. Ela tinha a impressão de que os bons irmãos gostavam de celebrar – bastante. Mas eles tinham se referido a ela como um homem, então, desde que a celebração

deles lhe permitisse manter-se anônima, tudo bem. Mas, então, Skatch lhe ofereceu um copo da bebida.

– Obrigado – disse Mulan com a voz grave e balançando a cabeça. – Mas eu não bebo.

– Um soldado que não bebe? – Skatch disse. – Irmão Ramtish, há algo de peculiar nesse nosso companheiro de jantar.

Mulan parou de mastigar e seu batimento cardíaco acelerou quando os monges a mediram de cima a baixo.

Skatch continuou:

– Ele se parece com qualquer outro soldado que você já viu?

– Não – Ramtish respondeu.

Mulan engoliu o resto do arroz, que agora parecia pedras em seu estômago. Depois, limpando a garganta, ela tentou esclarecer as suas dúvidas.

– Bem, tecnicamente – ela começou, tentando manter a voz grave –, eu *ainda* não sou um soldado. Estas são a espada e a armadura do meu pai. – Ela apontou para ambas. – Sou um recruta do Exército Imperial para lutar contra os invasores do norte.

Skatch estreitou os olhos, mas assentiu.

– Sim, os invasores do norte – disse ele, tomando um gole do seu copo. – Liderados por Böri Khan. Ouvimos que eles estão de volta.

– Ele já estava zangado *antes* de o matarem – Ramtish disse, tomando a sua bebida com uma risada. – Imaginem o quão furioso ele está agora?

Os dois monges caíram na risada e beberam mais, antes de Skatch voltar a sua atenção para Mulan. Ela tinha, enquanto isso, se sentado um pouco mais longe. Mas a clareira era pequena. Não havia muito espaço para se mover.

– Então, qual é o seu nome, futuro soldado? – Skatch perguntou.

– Represento a família Hua – Mulan respondeu.

– Você não tem um primeiro nome? – Skatch sondou.

Mulan franziu a testa. Estava claro que o monge não desistiria de saber. Ela se lembrou dos meninos de sua aldeia antes de escolher um nome.

– Meu nome é... Jun – ela disse.

– Bem, Hua Jun – Skatch disse, pronunciando o nome devagar. – Vou ser honesto com você. Não consigo imaginar você durando um

só dia no exército. Você vai ser comido vivo. – De onde estava sentado, Ramtish assentiu em concordância. – Se estiver indo para lá para ser um soldado, você tem de primeiro ser um *homem*.

A respiração de Mulan ficou presa em sua garganta, e ela esperava que as suas bochechas não estivessem vermelhas.

– O que os faz pensar que eu não sou um homem?

Skatch riu.

– Você age como um garoto – ele respondeu. Ele imitou o jeito delicado dela de comer. – Você tem que parecer um homem, cheirar como um homem, *agir* como um homem!

A respiração escapou de seus pulmões com um chiado quando ela se deu conta de que o seu segredo ainda estava seguro. Sem saber os seus pensamentos, o monge começou a andar como um homem das cavernas ao redor da fogueira. Mulan tentou controlar um sorriso. Ela não ficaria surpresa se ele batesse no peito e gritasse. Ainda assim, o que ele estava dizendo *era* intrigante, e algo que ela não considerara antes.

– Como *age* um homem, então? – ela perguntou.

– Pra começar, ele não come como uma mulher. – Mais uma vez, Skatch fingiu ser ela, pegando delicadamente um grão de arroz. – Homens comem como se fosse sempre a sua última refeição. – Dessa vez, ele imitou alguém enfiando comida na boca e depois passou a língua no ar, como se estivesse lambendo uma tigela. Mulan teve de se controlar de novo para não rir. Ele parecia um porco.

Mas era isso que Skatch queria dizer: homens se comportam como porcos. Eles também deveriam parecer quase sempre confiantes.

– Você entrou naquela taverna hoje à noite como se estivesse escondendo algo. – Dessa vez, ele imitou Mulan toda encolhida entrando na taverna.

Ramtish riu. Skatch parou e endireitou os ombros antes de continuar.

– Quando um homem entra em um lugar, ele age como se dominasse tudo ali. É o território dele. Você não precisa anunciar, mas tem que acreditar nisso.

Então, para a diversão de Mulan, ele realmente bateu no peito.

– *Rá*! – ele gritou. Depois, fez um gesto para Mulan ficar em pé ao lado dele. – Mostre-me.

Respirando fundo, Mulan caminhou até o monge. Ela plantou os pés no chão como ele. E também endireitou os ombros. Finalmente, bateu no peito, exatamente como ele tinha feito.

– *RÁ*! – ela gritou.

Aos seus ouvidos, a palavra pareceu um gritinho agudo. Mas Skatch pareceu satisfeito.

– Sim! – ele gritou. – É isso! Você não anda por aí à procura de problemas, mas você também não foge deles. Especialmente de um gerente de taverna desdentado e fedorento.

A mão dele agarrou rapidamente a espada que Mulan estava segurando. Antes que ela pudesse piscar, ele estava apontando a lâmina para o seu queixo.

– Pagar antes de comer? – ele disse, como se estivesse se dirigindo ao gerente. – O meu pagamento é a ponta da minha lâmina. Então, ou eu como... *Ou você morre.*

Mulan pensou que, para um monge, ele parecia muito desenvolto com a arma. Girando a espada em sua mão, Skatch estendeu o cabo para Mulan.

– Nunca deixe alguém pegar a sua espada, aliás – aconselhou ele. – É uma péssima ideia.

– Ah. Desculpe... – começou a Mulan.

– Não peça desculpas também – disse Skatch, cortando-a. – E outra coisa...

Desta vez, ele é quem foi interrompido. Soltando um arroto, Ramtish bateu no peito com o punho.

– Irmão Skatch – ele disse –, esse homem está tentando comer o seu jantar e você fica aí tagarelando como uma mulher.

Skatch colocou a mão sobre o coração.

– Peço perdão, Hua Jun – ele disse. – Vamos nos sentar. Relaxe. Aproveite sua refeição.

Ele se virou e se juntou a Ramtish, que estava sentado confortavelmente sobre um tronco. Passando a mão pelo cabelo escuro, ele sorriu para o seu amigo enquanto Ramtish enchia novamente os copos. Algumas gotas caíram, manchando o chão de vermelho claro.

Mulan estreitou os olhos enquanto observava os dois homens virando os copos e bebendo com vontade.

– Há muitos caminhos para a verdade – Skatch disse, em resposta ao julgamento que viu nos olhos de Mulan.

Houve silêncio na pequena clareira enquanto os dois monges assistiam à cintilação das chamas na fogueira e Mulan olhava para eles. Ela ainda não tinha certeza do que exatamente eles estavam fazendo lá. Eles a haviam alimentado, e ela era grata por isso, mas tinha imaginado que eles logo seguiriam seu caminho. Porém, eles permaneceram lá.

Já que não pareciam estar indo a lugar nenhum, Mulan pensou que deveria ao menos tentar conversar com eles.

– Você disse que havia outra coisa.

– Perdão? – Skatch disse, olhando por cima do copo. Os olhos dele já pareciam um pouco vidrados, e sua voz estava menos clara.

– Você sabe... – Mulan continuou. – Sobre ser homem. Há outra coisa que eu deveria saber?

Skatch franziu a testa, e Ramtish o cutucou. Ambos trocaram um olhar que Mulan não conseguiu interpretar, antes de Ramtish dizer:

– Ah, pode ir em frente. Já pode dizer a ele.

Por um momento, Skatch hesitou, e Mulan questionou se ele seguiria o conselho do amigo ou o ignoraria. Mulan sentiu um pouco de impaciência, mas, então, ele acenou com a cabeça.

– A coisa mais importante de todas – Skatch fez uma pausa, com os olhos focados em Mulan e a voz agora mais clara. – Um homem de verdade nunca recusa bebida.

Quando Skatch terminou a “aula”, Ramtish casualmente colocou um copo de vinho na frente de Mulan. Ela olhou para o líquido vermelho, depois para os monges e, em seguida, de novo para o vinho. Ela nunca tinha experimentado uma gota de vinho em sua vida. Mesmo nas poucas festas de que ela tinha participado em sua aldeia, sua mãe a proibira de beber, dizendo que não era o comportamento de uma dama. Mas agora ela não tinha escolha. Se recusasse, os monges iriam descobrir seu segredo.

Então, respirando fundo, ela agarrou o copo e levou-o aos lábios... E bebeu o vinho de uma vez só.



Skatch olhou para o jovem soldado, que agora estava deitado ao lado da lareira. Ele estava desmaiado. O vinho fizera efeito. No momento em que vira o jovem, Skatch sabia que ele seria um alvo fácil. O rapaz exalava inocência e ingenuidade. Bastou um copo de vinho para Hua Jun cair duro. Agora ele estava ali, metade de seu rosto coberto de poeira, alheio à movimentação ao seu redor.

Skatch coçou o queixo agora sem barba. A falsa barba estava pendurada no pescoço, dando à sua pele uma chance de sentir o ar fresco. Virando-se, ele viu Ramtish amarrando a espada do guerreiro na parte de trás da sela do cavalo. O enorme animal se remexia, claramente ciente de que algo estranho estava acontecendo.

– Temos o cavalo e a espada – Ramtish disse, dando à corda em torno da espada um último puxão para certificar-se de que estava bem presa. Ele apontou para o guerreiro no chão. – Vamos tirar a armadura dele.

Sem esperar a permissão de Skatch, Ramtish se abaixou para desamarrar a armadura do guerreiro. Mas, antes que pudesse terminar, um pássaro barulhento e feio apareceu do nada. Ramtish abriu os braços para espantar a ave, mas a criatura continuou vindo, com os seus olhos selvagens e suas penas esparsas. Com um grito, ele conseguiu golpear o pássaro, atirando-o para longe.

Mas ele voltou com tudo, atacando-o novamente. Ramtish, dessa vez, não usou a mão. Em vez disso, desembainhou a sua espada. Ele a ergueu no ar, com a extremidade apontada para o pássaro vindo em sua direção.

Dessa vez, o pássaro parou.

– Irmão? – Skatch perguntou, observando a interação com uma mistura de curiosidade e diversão. Ele não entendia por que o pássaro parecia ser tão protetor do guerreiro, mas estava claro que a criatura não queria que Ramtish chegasse perto dele. – Largue essa armadura. E a espada.

Ramtish olhou para ele surpreso.

– O quê? – ele disse. Ele e Skatch vinham trabalhando juntos por anos. Jamais, em todo esse tempo, Skatch deixara algo de valor

para trás.

– Há algo nesse jovem de que eu gosto – Skatch disse, dando de ombros. Seus olhos permaneceram sobre o guerreiro.

Dormindo, o jovem parecia ainda mais inocente.

– Ele é um excluído, como nós – acrescentou.

– Fale por você – Ramtish retrucou. – Eu prefiro me considerar um campeão.

Skatch riu enquanto enganchava sua barba falsa atrás das orelhas e grudava-as de volta no lugar.

– Deixe o burro para ele também – Skatch disse. – Já que estou me sentindo muito generoso hoje.

Então, pegando as rédeas do cavalo, ele conduziu o grande animal para fora da clareira. Ramtish olhou uma última vez com desejo para a armadura e a arma, mas depois, com um suspiro, seguiu o companheiro.

Atrás deles, o guerreiro ainda estava em um sono pesado.

NOVE



E*stou morta,* pensou Mulan. *É por isso que estou me sentindo tão mal. Morri e estou sendo punida eternamente porque desobedeci à minha família*.

Mulan abriu os olhos e imediatamente fechou-os de novo. Ela não estava morta, mas quase queria estar, porque, se estivesse, talvez não se sentisse tão péssima. Sua cabeça estava latejando, e seu rosto parecia estar pegando fogo. Ela tentou mover um braço para cobrir o rosto do sol implacável, mas os seus braços estavam pesados demais para serem erguidos.

Ela parou de se mexer e simplesmente ficou quieta por um momento, gritando, por dentro, com ela mesma e com os monges por terem-na feito se sentir assim. Ela nunca devia ter escutado os "conselhos" de Skatch. Um guerreiro inteligente não bebe vinho. Especialmente se era assim que se sentiria depois.

Algo bicou o seu nariz.

– Ai!

Mulan gritou, abrindo os olhos. Para a sua surpresa – e irritação – o pássaro feio estava lá, olhando para ela. Mulan franziu a testa quando percebeu que ele estava lhe dando uma bronca silenciosa, julgando o estado em que ela se encontrava.

Mulan sentou-se rapidamente, mas logo se arrependeu disso. O movimento fez a sua cabeça latejar ainda mais. Ela deixou escapar um gemido. Depois, quando conseguiu, olhou ao redor, ansiosa para dizer a Skatch e Ramtish exatamente o que ela pensava sobre os seus conselhos.

Mas, de repente, sentiu um frio na barriga.

A fogueira tinha se apagado. Os monges tinham desaparecido – assim como Vento Negro!

Mulan levantou-se em um pulo. Não havia nenhum barulho na clareira. Ela assobiou alto e esperou. Não houve relincho de resposta, nem o som de cascos batendo no chão. Ela assobiou novamente. Nada, de novo. O seu coração ficou apertado ao perceber que o seu maior medo se tornara realidade. Ela havia perdido Vento Negro.

No lugar dele, os monges haviam deixado seu burrinho cansado.

Mulan tentou não gritar. Ela não tinha nem cavalo, nem comida. Batendo o pé de frustração, ela gritou ao perceber que estava sem sapatos também! E ela nem tinha chegado ao exército ainda.

Respirando fundo, Mulan tentou acalmar as batidas do seu coração. Ela tinha chegado tão longe. Não daria para trás agora. Ela devia isso à sua família e a si mesma. Juntando os seus poucos pertences, ela passou os dedos sobre a inscrição na espada de seu pai. LEALDADE. CORAGEM. VERDADE. As palavras tinham acompanhado o seu pai na batalha e eram agora parte de sua história, para o bem ou para o mal.

Prendendo a espada nas costas, ela agarrou as rédeas do burro e levou-o para fora da clareira. Os passos dele eram arrastados e, a cada poucos metros, o teimoso tentava parar para comer um matinho. Mulan puxava as rédeas com impaciência. *O que mais poderia dar errado?*, ela se perguntou.

Como que para respondê-la, ela ouviu um piado alto. Olhando para cima, ela viu o pássaro feio novamente em seu caminho. As asas da criatura estavam abertas e a cabeça, inclinada para o lado. *Chega!* Mulan perdeu de vez a paciência. *Primeiro os monges, agora aquele pássaro de novo. Isso já é o suficiente*.

– Você aí! – ela gritou. – Deixe-me em paz!

O pássaro não saiu do lugar – de imediato. Depois, enquanto Mulan o encarava, ele ergueu um dos pés. Erguendo as asas para trás, ele esticou o pescoço como se estivesse em pleno voo. Mulan engasgou quando começou a reconhecer o pescoço alongado, as asas abertas e aquela posição de imponência. Poderia ser?

– A estátua da Fênix? – Mulan arriscou, vendo a criatura como ela era: o pássaro do santuário de sua família ao vivo e em cores.

A Fênix abaixou as asas e acenou com a cabeça, como que para dizer “Finalmente!”.

– O quê? – Mulan disse, tentando entender a situação. Seu pai havia lhe dito que o pássaro cuidaria dela. Mas ela tinha entendido metaforicamente. – Você está aqui para me proteger? – Ela olhou para o pássaro, que fez um movimento quase imperceptível com a cabeça. Mulan queria rir. E chorar. Só podia ser uma piada. Uma piada cruel. Como um pássaro que mal tinha penas suficientes para proteger o próprio corpo poderia ajudá-la? – Será que, em vez de você, eu não poderia ter o meu cavalo de volta? – ela perguntou.

Em resposta, a Fênix soltou um silvo quase humano. Ela pulou em direção a Mulan e subiu nas costas do burro. Então, acomodou-se, ignorando o olhar mortal que Mulan lhe dirigiu.

– Você pode ficar tão confortável quanto quiser – disse Mulan. – Mas eu não vou voltar para casa.

A Fênix não se moveu. Mas o julgamento em seus olhos diminuiu.

– Eu vou lutar pelo meu país – disse Mulan, sem saber por que ela sentia a necessidade de se justificar para a Fênix. A expressão do pássaro não mudou. – Eu não preciso de você – Mulan acrescentou.

Dessa vez, a Fênix deu de ombros, mas os seus pensamentos eram tão claros como se ela os tivesse comunicado em voz alta. *O tempo dirá*, seu olhar disse. *O tempo dirá.* Então, com um último grito, a Fênix virou de costas sobre o burrinho. Ela parecia pronta para aproveitar a viagem.

Mulan suspirou. Parecia que a Fênix estava decidida a ir junto, precisasse Mulan dela ou não. Pegando as rédeas, Mulan puxou o burro em frente. Ela causaria uma ótima primeira impressão chegando ao exército com um burro e uma fênix que mais parecia um frango depenado.

Mas esse era um problema com o qual ela teria de lidar depois. Primeiro, ela precisaria chegar ao acampamento.



A viagem de Mulan parecia não ter fim, mas, então, terminou.

Quando chegaram à beira de um vasto espaço aberto, seus olhos se arregalaram diante da visão e dos sons do enorme acampamento militar. Bandeiras ondulavam ao vento no topo das grandes tendas cercadas por outras menores. O cheiro de comida espalhava-se no ar, fazendo o estômago de Mulan roncar mais uma vez. O som dos cascos dos cavalos se misturava ao metal estridente das espadas dos soldados treinando. Grandes portões foram montados nos arredores do acampamento. Diante deles, havia uma fila de centenas de homens, todos segurando papéis de serviço militar. A cada poucos minutos, uma dúzia deles ou mais era levada pelos portões e desaparecia dentro do acampamento fervi-lhante. Mulan observou tudo isso, tentando entender a cena movimentada à sua frente. Ela nunca tinha visto nada igual antes. Seus olhos se voltaram para os futuros soldados, cada um esperando a sua vez. Alguns eram jovens, com rostos ansiosos, e outros eram mais velhos, com rostos sábios e abatidos. Mas eram todos homens.

Respirando fundo, Mulan puxou o burro para frente. A Fênix, que havia adormecido sobre ele, acordou assustada. Vendo o acampamento, ela soltou um piado e pulou do burro, escondendo-se atrás dos arbustos. Por um breve momento, Mulan pensou em segui-la. Mas, então, lembrou-se das palavras na espada. LEALDADE. CORAGEM. VERDADE. Ela tinha de ser corajosa agora.

Jogando os ombros para trás, Mulan avançou, agradecendo silenciosamente – e xingando – os monges pela “lição”. Ela entrou na fila. À sua frente, havia dois jovens aproximadamente da idade dela. Um era gordinho, com bochechas coradas. Parecia constrangido e desconfortável, e Mulan não pôde deixar de sentir uma onda de empatia. Ela imaginou que suas próprias bochechas também deviam estar vermelhas – se não de vergonha, provavelmente em razão das muitas horas que passara viajando sob o sol. Ao lado dele, havia um recruta mais alto. Ele disse algo para o garoto maior e depois riu, revelando uma lacuna considerável entre os dois dentes da frente, que o fazia parecer mais jovem. Mulan ficou quieta atrás deles, tentando não escutar.

Naquele momento, outro rapaz, alguns anos mais velho, cortou na frente dela. Ignorando a reclamação de Mulan, ele parou alguns

centímetros atrás dos dois garotos. Um capim comprido pendia do lado de sua boca. Ao tirá-lo, ele fez cócegas na orelha do garoto maior.

– Eu sou Cricket – disse o garoto.

– Longwei – disse o outro recruta, apresentando-se.

Cricket assentiu e continuou:

– Minha mãe disse que eu nasci... – ele parou, levantando a mão para afastar o “inseto” que estava fazendo cócegas em sua orelha.

Atrás dele, o recruta mais velho conteve uma risada. Outro recruta se juntou a ele, apontando para o capim e o incentivando a brincar de novo. Mulan os observou com irritação. Cricket não fizera nada para eles. Qual era o motivo de provocá-lo dessa maneira?

Sem saber da situação, Cricket continuou conversando. Sua voz era amigável e aberta.

– Ela disse que eu nasci sob um auspicioso...

As cócegas haviam se tornado mais agressivas e Cricket bateu mais forte dessa vez. Só que, em vez de bater em um inseto, ele acidentalmente deu um tapa em Longwei, que gritou “ai!”, colocando a mão na bochecha.

Atrás deles, os dois valentões caíram na gargalhada. Então, empurrando Cricket e Longwei, eles ocuparam o seu lugar na fila. Os recrutas mais jovens tropeçaram um no outro, tentando manter o equilíbrio.

Sentindo que estavam prestes a cair, Mulan saiu do caminho. Mas ela não tinha visto o recruta que havia aparecido ao lado dela. Com um grito, ela colidiu com ele, e o impacto a derrubou no chão. Ela ficou imóvel por um momento, tentando recuperar o fôlego. Então, viu uma mão estendida para ela.

– Desculpe, girino – disse o recruta. – Foi mal.

Mulan não queria ficar corada. O jovem à sua frente era alto, magro e muito, *muito* bonito. Seus olhos eram brilhantes e gentis. Ele ofereceu a mão novamente. Distraída por sua boa aparência e pelo sorriso encantador que ele estava exibindo para ela, Mulan quase, *quase* pegou sua mão. Mas, então, ela parou por um instante. Ele a chamara de *girino*. De repente, com um pouco de atraso, ela ficou constrangida. Era exatamente o que Skatch havia dito que aconteceria. Ela não seria levada a sério.

Ignorando a mão estendida, Mulan se levantou e pegou sua espada. Mas as suas mãos estavam úmidas e seus dedos tremiam, então o que ela esperava que fosse um movimento rápido se transformou em uma luta para puxar a espada. Ela finalmente conseguiu sacá-la e, então, a levantou no ar e a apontou para a garganta do recruta, assim como Skatch lhe havia ensinado.

– Me insulte de novo – disse ela, forçando a gravidade na voz – e você sentirá a ponta da minha lâmina!

Na mesma hora, todo o humor deixou o rosto do jovem. Antes mesmo de ouvi-lo sacando a espada, ela sentiu a ponta da lâmina na própria garganta. Mulan engoliu em seco. Talvez ela tivesse sido um pouco apressada em suas ações. Skatch não havia lhe dito o que fazer se a outra pessoa também tivesse uma arma.

– Abaixe sua espada – disse o recruta.

– Ou o *quê*? – Mulan estava se esforçando, mas, mesmo para ela, sua voz soava frágil.

Mulan sentiu os olhos de Cricket e de Longwei nela, assim como os dos valentões. Ela podia sentir os seus olhares se revezando entre ela e o jovem à sua frente. Ouviu, então, alguém sussurrando "Honghui", e alguns outros repetindo o nome. O braço dela tremeu, e ela quis soltar a espada, mas não podia. Não até o outro recruta, ou melhor, Honghui, largá-la.

Pelo canto do olho, ela viu outra pessoa se aproximando. Era um homem mais velho, com o rosto marcado pela idade e pela experiência. Houve um rápido movimento. Antes que Mulan pudesse piscar, seu braço estava torcido atrás das costas. Um momento depois, a espada foi removida da mão dela e o braço, solto na lateral do seu corpo. Ao lado dela, Honghui esfregou o próprio braço, com os olhos na arma.

– Sou o seu comandante. Comandante Tung! – gritou o homem. – Brigas não serão toleradas. Estou sendo claro? – ele dirigiu-se ao jovem com os olhos gélidos.

– Sim, Comandante – disse o outro recruta imediatamente.

O Comandante virou-se para Mulan e repetiu a pergunta. A sua voz ficou presa na garganta. Ela assentiu.

– Com a sua voz, soldado – ordenou o Comandante Tung.

– Sim, Comandante – disse Mulan.

À sua frente, Honghui pegou sua espada e olhou para Mulan. Ela tinha estragado tudo. Já estava ganhando inimigos, não aliados.

Entregando a espada a Mulan, o Comandante hesitou, seus olhos captando as palavras gravadas na lâmina. O reconhecimento brilhou em seu rosto, e ele olhou para Mulan com interesse renovado.

– Qual é o seu nome, soldado? – ele perguntou.

– Hua Jun, Comandante – disse Mulan, a mentira deslizando de sua boca.

– Esta é a espada da sua família? – perguntou o Comandante Tung.

Mulan assentiu e depois lembrou que o Comandante queria respostas com palavras.

– Pertence ao meu pai, Hua Zhou – disse ela.

Por um momento, o Comandante olhava de um lado para o outro, entre a espada e Mulan, com o rosto neutro, mas os olhos brilhando de emoção. Então, percebendo seus pés descalços, ele acenou com a cabeça em direção a uma tenda atrás deles.

– Vá arranjar um par de botas – disse ele.

Antes que Mulan pudesse responder, o Comandante Tung partiu, desaparecendo na agitação do acampamento.

Mulan observou-o ir embora. Quando estava fora de vista, ela finalmente conseguiu respirar. O Comandante poderia tê-la punido ou a mandado embora. Em vez disso, ele parecia se interessar por ela – ou, pelo menos, pelo nome de sua família. Embora ela não estivesse animada com a perspectiva de já ter feito inimigos entre outros recrutas, aquele encontro ao menos havia lhe dado a chance de calçar botas, o que, ela pensou olhando para os pés ensanguentados, não poderia ter chegado em melhor hora.

Mulan juntou suas coisas e foi em direção à tenda de roupas. Quanto mais distante ela ficasse de Honghui, melhor. Em outro mundo e outro cenário, Mulan tinha a sensação de que Cricket seria um amigo. Mas ela não ficaria ali para descobrir se seu palpite estava certo. Ela pegaria as botas e depois pensaria na confusão em que tinha se metido. Ela estava tão preocupada em sobreviver ao campo de batalha que nem sequer pensou em como sobreviveria ao campo de treinamento.

DEZ



Quando Mulan encontrou um par de botas que cabiam e roupas de treinamento que eram apenas dois tamanhos maiores, já estava ficando escuro. Ao sair da barraca de roupas, ela procurou por sua tenda. Todas pareciam iguais e, por um tempo, ela vagou pelo acampamento, feliz pela escuridão e pela solidão. Depois de semanas sozinha, ela percebeu que havia se acostumado com os sons solitários dos pensamentos em sua cabeça e com os cascos de Vento Negro batendo no chão.

Enquanto andava entre as tendas, torceu o nariz por causa dos aromas estranhos que enchiam o ar. Havia uma mistura de suor, roupas sujas e carne malcozida. Embora estivesse com fome, o cheiro a deixou enjoada. Havia fogueiras acesas em frente às tendas maiores, e soldados estavam ao redor delas, aquecendo as mãos e tagarelando em meio à quietude da noite.

Mulan suspirou. Ela queria desesperadamente, naquele momento, estar de volta à casa de sua família, sentada com sua irmã. Ela nem protestaria se sua mãe tentasse pentear os seus cabelos rebeldes, torcendo-os e enrolando-os enquanto murmurava para si mesma. *Seu cabelo é como você, Mulan, impossível de controlar*, ela dizia. Mas sua voz era suave, e Mulan sentia os dedos gentis de sua mãe tocando os seus ombros, acrescentando silenciosamente: *Eu amo você*.

Chacoalhando a cabeça, Mulan afastou as lembranças de casa. Elas não lhe fariam bem. Os monges disseram que ela tinha de agir

como um homem. E os homens não ficam chorosos e sentimentais. Ao avistar a tenda que lhe fora designada, Mulan entrou.

Imediatamente, desejou não ter entrado.

Na sua frente, havia homens em vários estágios de nudez brincando e rindo uns com os outros. O rosto de Mulan ficou vermelho, e ela sentiu a garganta secar. Dois dos recrutas estavam trocando socos divertidos enquanto discutiam sobre quem deveria ter a melhor cama. Outro recruta procurava por suas roupas, jogando coisas por cima do ombro sem se importar. Havia, ainda, um recruta afiando a sua espada e outro limpando os dentes com a ponta de uma adaga.

Mantendo os olhos baixos, Mulan atravessou a tenda. Apesar dos soldados, a tenda em si estava praticamente vazia. Os únicos móveis eram as oito tábuas que serviam de camas e ocupavam praticamente todo o comprimento da barraca. Ao lado da maioria delas, havia pilhas de roupas e equipamentos derrubados por qualquer soldado que tivesse reivindicado a cama. Avistando uma das últimas camas vazias, Mulan foi em direção a ela. Mas, quando estava prestes a alcançá-la, um recruta se moveu na frente dela, esbarrando a sua pele nua nas pontas dos dedos de Mulan.

Ela, de repente, estancou.

Um momento depois, alguém esbarrou nela.

Virando-se, Mulan reprimiu um “ai!”. Era Cricket. E, com ele, Longwei. Eles retornaram o olhar dela, com as sobrancelhas erguidas. Mas, antes que qualquer um deles pudesse falar, o recruta maior que os havia intimidado antes apareceu. Ele, como todo mundo, estava quase nu. Quando viu os recrutas mais jovens, um enorme sorriso se espalhou pelo rosto. Por um momento, quase pareceu que ele estava genuinamente feliz em ver Cricket e Longwei, como se fossem antigos amigos. Mas, então, ele agarrou os dois pelo pescoço e os puxou para o tumulto crescente causado pelos recrutas.

Desesperada para ficar o mais longe possível do caos, Mulan mais uma vez tentou chegar à cama vazia. Mas parecia que o destino não estava a seu favor, pois, assim que ela a alcançou, os seus olhos encontraram os de Honghui. O belo recruta estava ao

lado de seu amigo, que Mulan lembrou ter ouvido que se chamava Po.

– Olha quem está aqui – disse Po, cutucando Honghui.

Por um momento, Mulan teve uma pontinha de esperança de que talvez Honghui tivesse se esquecido da briga. Mas, então, o recruta olhou para ela. Sua expressão ficou sombria.

Não esqueceu, Mulan pensou. Ela sabia que se Skatch e Ramtish estivessem lá, eles teriam dito que um homem de verdade não se desculpava. Mas a última coisa de que Mulan precisava era de um inimigo. Quanto menos atenção atraísse para si, melhor. Com isso em mente, ela abriu a boca para se desculpar, mas, antes que pudesse fazê-lo, uma voz alta ecoou pela tenda. Na mesma hora, os recrutas pararam a desordem e voltaram-se, todos, para a entrada da tenda. O Sargento Qiang, seu oficial comandante, estava lá em pé, com o rosto sob a sombra.

– Eu disse para vocês fazerem fila para tomar banho! – ele esbravejou.

– Banho? – Mulan repetiu, e o pânico a inundou.

O Sargento Qiang assentiu.

– Sim, banho! Vocês estão fedendo demais!

Enquanto os outros recrutas saíam, prontos para seguir as ordens e ansiosos para se livrarem do fedor, Mulan se levantou e mexeu em sua armadura. Ela não podia tomar banho. O segredo dela seria revelado e ela se meteria em sérios problemas. Mas também teria problemas se desobedecesse a uma ordem. Ela passou a mão nervosamente sobre a sua camisa nova, pegando uma barra solta. Ela não tinha escolha. Teria de fugir. Pegar as coisas dela, voltar para casa e sofrer as consequências. Não havia mais nada que ela pudesse fazer...

– E eu preciso de um voluntário para o serviço de guarda noturna!

Mulan nem hesitou. A mão dela disparou no ar.

– Eu! – ela disse. Sua voz alta parecia ansiosa demais para aquela tarefa banal. Abaixando a mão, ela acrescentou, dessa vez com mais calma:

– Quero dizer, eu me voluntario, senhor – enquanto se dirigia ao Sargento, viu Honghui e Po se olharem.

– É melhor ficar de olho – alertou Honghui, em tom despreocupado.

Po assentiu, acrescentando:

– Esses invasores do norte *comem* girinos.

Ao passar por ela, Po abriu a boca e mordeu o ar. Mulan manteve a expressão neutra. Ela não daria a eles a satisfação de vê-la abalada. Mas, assim que eles se foram, ela estremeceu. Brincadeiras à parte, ela acabara de se oferecer para um trabalho que a colocava na primeira linha de defesa contra os invasores. Se o Sargento não estivesse ali esperando, Mulan teria batido na própria cabeça. Ela estava se afundando cada vez mais em encrencas – e cada vez mais perigosas. Um sorriso triste se formou em seus lábios ao pensar na ironia: ela estava se afundando, mas não na água que tanto desejava para se lavar. Apenas em mais e mais problemas.



Mulan permaneceu em pé, gelada até os ossos, enquanto olhava para a escuridão além dos limites do quartel. Como a única recruta na torre, ela fora instruída, ou melhor, ordenada a manter os olhos e os ouvidos abertos. Os invasores, como o Sargento ressaltara, poderiam vê-la antes que ela pudesse vê-los. E, se passassem pelos portões sob a vigilância dela, não seria com eles que ela mais deveria se preocupar.

Nas primeiras horas, Mulan realmente desfrutou da patrulha. A torre de guarda estava quieta e, pela primeira vez desde que chegara ao acampamento, ela conseguiu relaxar. Sua respiração ficou calma, seu batimento cardíaco se normalizou e, algumas vezes, ela até cantarolou consigo mesma. Mas, cerca de três horas depois, começou a esfriar e, uma hora mais tarde, surgiram nuvens. No meio do turno, a chuva estava caindo a cântaros à sua frente.

Mas não *sobre* ela.

Ao se dar conta disso, ela se assustou e olhou para cima. E gemeu ao ver a Fênix. O pássaro estava empoleirado na borda do telhado da torre de guarda com a asa estendida, formando um guarda-chuva. Mulan semicerrou os olhos, irritada. Ela dissera ao

pássaro para deixá-la em paz. A última coisa que precisava era que alguém a visse sendo cuidada por um pássaro grande e feio.

Ela deu um grande passo para a direita. Instantaneamente, ficou encharcada.

No telhado, o pássaro arrastou-se para a direita. A chuva parou.

Irritada, Mulan deu um passo na direção oposta. Enquanto a chuva cobria o seu rosto e ensopava as suas roupas, ela olhou para a Fênix.

– Eu disse – ela sussurrou – que não preciso de você.

A Fênix parecia dar de ombros, como se dissesse: “Tudo bem”. E, em seguida, deliberadamente fechou as asas. Então, Mulan ficou lá parada, tomando chuva.



Os olhos de Mulan estavam quase se fechando, e seu corpo tremia de uma combinação de frio e exaustão quando o recruta seguinte chegou para substituí-la. Sem confiar em sua própria voz, Mulan acenou para ele e depois voltou às pressas para a sua tenda. Tudo que ela queria era deitar e dormir.

Mas, quando ela empurrou a aba da tenda, seus sonhos de ter uma boa noite de descanso evaporaram. Todas as camas estavam ocupadas. Algumas das tábuas de dormir tinham até mais de um recruta deitado sobre elas. Roncos altos e um grunhido ocasional soavam através da tenda, tornando o barulho local quase tão alto quanto se todos estivessem acordados e conversando. Respirando fundo, Mulan caminhou na ponta dos pés por entre as camas. Seus olhos examinaram da esquerda para a direita e de volta, procurando desesperadamente por um espaço vazio. Ela passou por Honghui e Po, deitados de costas. Ela pensou brevemente em torcer a camisa molhada sobre a cabeça deles para vingar-se por ter sido chamada de girino, mas pensou melhor quando Honghui grunhiu alto. Mesmo dormindo, ele era intimidador.

Quando estava prestes a desistir e ir procurar um lugar para dormir lá fora, ela viu um espaço pequenino e estreito no fundo da barraca. Ela foi até lá. Olhando em volta para se certificar de que ninguém havia acordado, ela tirou a camada mais úmida e suja de

roupa. Estremeceu ao passar a roupa pela cabeça. Seus ombros estavam rígidos devido às horas em que ficara parada, e ela teve medo de imaginar como estariam no dia seguinte. Mas, quando afrouxou as tiras de couro apertadas que cobriam o seu peito, ela conseguiu respirar melhor e se sentiu grata por isso. As tiras eram necessárias para proteger a sua identidade, mas não eram confortáveis.

Vestida com uma camisa branca longa e simples que, ela esperava, esconderia a maior parte de suas curvas, Mulan deitou-se cuidadosamente. Por um momento glorioso, ela simplesmente relaxou lá com os olhos fechados, deixando os seus músculos descansarem.

E, então, o soldado ao seu lado bufou alto e se virou. Ao fazer isso, ele jogou o braço sobre Mulan, prendendo-a no chão. Para o seu horror, ela percebeu que não era apenas um recruta – era Yao! Aquele valentão que intimidara Cricket. Erguendo a mão, ela tentou afastar cuidadosamente o braço dele, mas então ele soltou outro suspiro e jogou a outra mão sobre ela. Agora não apenas o seu corpo estava preso, mas também os seus braços. Ela estava presa.

A mente de Mulan começou a fervilhar enquanto o seu corpo permanecia congelado. Ela tinha que tirar Yao de cima dela. Mas, como? Ela não conseguia mexer os braços e, definitivamente, não podia se dar ao luxo de acordá-lo, pois ele a veria sem a armadura. A camisa branca era suficientemente camuflada para um espectador distante, mas Yao estava perto demais para que se sentisse confortável – em vários sentidos.

De canto do olho, ela viu uma pena aparecer. Era magricela e desbotada e, enquanto Mulan observava, começou a fazer cócegas no nariz de Yao. Com muito cuidado, ela levantou a cabeça. A Fênix estava em pé na beira da tábua, usando as penas da cauda para fazer cócegas em Yao. Ele murmurou enquanto tentava afastar a pena, mas a Fênix continuava fazendo cócegas. Yao espirrou. Quase acordando no processo, ele se virou, dando as costas para Mulan e passando um braço ao redor do soldado do outro lado.

Mulan respirou aliviada. Olhando para o pássaro, que agora estava pulando para fora da tenda, ela teve de admitir, apesar de sua relutância: talvez ela precisasse da ave... um pouquinho.

ONZE



–Roubo: pena de morte!

A voz do Sargento Qiang ressoou no centro do acampamento. A manhã tinha chegado rápido demais para o gosto de Mulan, que acordou com a voz alta do Sargento invadindo a tenda, ordenando que todos saíssem para os anúncios da manhã. Felizmente, na pressa que se seguiu, Mulan conseguiu se esconder nas sombras da tenda e se vestir. Agora ela estava lado a lado com centenas de outros recrutas e soldados experientes, enquanto o Sargento listava as regras uma por uma e os respectivos castigos de quem ousasse quebrá-las. O Comandante Tung estava em pé ao lado dele, os olhos se movendo sobre os homens reunidos à sua frente.

– Deserção – continuou o Sargento Qiang. – Pena de morte!

Os homens ouviam de cara fechada. Até Yao sabia que não era hora de brincar.

– Trazer mulheres para o campo ou associar-se a elas de qualquer forma – continuou o sargento. – Pena de morte!

Mulan lutou para manter o pânico e o medo longe de seu rosto. Ela sentiu como se todo mundo estivesse olhando para ela, embora soubesse que não era o caso. Ainda assim, ouvir as palavras do Sargento Qiang fez os seus medos parecerem muito mais reais. Ela sabia que havia uma penalidade para as mulheres no exército, mas morte? Isso pareceu um pouco... radical. Como se estivesse lendo seus pensamentos, o Sargento Qiang terminou seu discurso.

– Desonestidade? Penalidade... – ele fez uma pausa, deixando a palavra pairar no ar por um momento antes de terminar. – Expulsão!

Desonra.

Os recrutas ofegaram.

O sargento Qiang assentiu.

– Desonra para vocês, desonra para as suas famílias, desonra para a sua aldeia... Desonra para o seu país.

Pelo olhar no rosto dos homens ao seu redor, e pela maneira como todos se remexeram desconfortavelmente, Mulan sabia que eles estavam pensando a mesma coisa que ela. A desonra era um castigo muito pior que a morte. Mulan poderia jurar que o Sargento Qiang parecia mais feliz agora que tinha deixado todos os soldados nervosos. Marchando na frente deles, ele parou, batendo com o dedo no peito do recruta mais próximo.

– Vamos transformar cada um de vocês em homens!

Ao ouvirem isso, os soldados exclamaram gritos animados, mas Mulan levantou sem entusiasmo sua mão e voz. Por dentro, ela se encolheu. Como eles poderiam fazer dela um homem quando ela não era um homem? E, pior ainda, como seria o futuro dela se alguém descobrisse a verdade?



Mulan estava exausta. Depois da manhã de explicações e apresentações, eles foram enviados para o meio do acampamento para darem início ao treinamento. Por horas, ela e os outros praticaram manobras básicas de artes marciais repetidas vezes. Usando apenas braços, pernas e peso corporal, eles deviam se defender com o mínimo esforço. Os braços de Mulan doíam de tanto balançarem no ar, e ela tinha certeza de ter ouvido o seu quadril estalar durante um chute. Mas ela não deixou a dor detê-la. Enquanto outros soldados caíam de cansaço, Mulan continuava. Ela sentiu os olhos do Comandante Tung nela, e isso a fazia prosseguir. A certa altura, seu corpo já estava dormente, e seus membros se moviam como se fossem puxados por cordas. Ela se lembrou de estar na aldeia, tecendo no tear – os gestos haviam se tornado tão rotineiros que a sua mente podia vagar à vontade.

Só que agora ela não podia permitir que os seus pensamentos a afastassem da tarefa. Distraída, ela ouviu o Sargento Qiang gritar

com ela e rapidamente refez o movimento, corrigindo o erro. O Sargento ficou satisfeito e passou a torturar o próximo recruta da fila, Honghui.

Mulan deu uma espiada nele. Apesar do trabalho duro, os seus movimentos ainda estavam fortes e seu rosto, ainda focado. Cricket e Longwei não estavam se saindo bem. Ambos estavam ofegantes, com o rosto vermelho e o suor escorrendo pelas sobrancelhas. Um impulso competitivo tomou conta de Mulan, e ela sentiu uma nova energia infundir seu corpo dolorido. Ela não deixaria Honghui vencê-la. Nem mental, *nem* fisicamente.

Conforme o dia avançava, os recrutas foram transferidos de uma parte do campo para outra. Eles treinaram com o arco, atirando flechas em uma linha de alvos de vime distribuídos sobre uma colina. Por ordem do Sargento, os soldados apontavam as suas flechas e erguiam os arcos. Então, atiravam. Mulan se concentrou, seus olhos fixos no alvo. Mas isso não ajudava. Cada vez que lançava a flecha, ela caía pelo caminho. Felizmente, os outros pareciam estar enfrentando o mesmo problema. As flechas de Honghui se abriram enquanto Po continuava arrebentando a corda do arco. Apenas Cricket, ironicamente, teve alguma sorte. Puxando a flecha para trás, ele a segurou sem jeito na frente dele. Mulan podia ver sua mão tremendo pelo esforço de manter o arco firme. Então, ele fechou os olhos e soltou a flecha, que atravessou o campo e, com um *TUMP!* alto, acertou o alvo bem no centro. Quando ela e Honghui trocaram olhares impressionados, Mulan sentiu uma breve esperançazinha. Talvez ela não fosse uma forasteira para sempre.

O treinamento se estendeu durante aquela noite e pelos dias que se seguiram. Ainda evitando tomar banho com os outros soldados, Mulan continuou se voluntariando no turno da noite, o que a deixava exausta. Mas não houve indulto. Assim que aprenderam a série de manobras de artes marciais, receberam suas espadas e foram obrigados a aprender os movimentos novamente. Continuaram a trabalhar no campo de arco e flecha, com o sol batendo em suas costas, enquanto as flechas voavam para a esquerda, direita e, ocasionalmente, em linha reta. Mas isso não era o pior.

O pior era o santuário. Dia após dia, quando o sol estava alto no céu e quente em seus ombros, os recrutas recebiam dois baldes de água pesados. Levantando-os desajeitadamente até a altura dos ombros, com os braços estendidos nivelados com os ombros, eles eram instruídos a subir até o topo do santuário. Era uma enorme estrutura situada no topo de um penhasco rochoso, acessível apenas por centenas de estreitos degraus de pedra.

Respirando fundo, Mulan começou a jornada. Os primeiros passos foram administráveis. Mas, conforme subia, seus braços começaram a tremer. Ao seu redor, homens mais fortes começaram a tropeçar, fracassando no desafio. A água escorria pela borda dos baldes, e ela sentiu as pernas cada vez mais fracas até que, finalmente, afundou no chão, derrotada. À sua frente, Honghui, que havia chegado mais longe do que os outros, desistiu também. Mulan ficou parada, tentando recuperar o fôlego, furiosa consigo mesma e com sua fraqueza.

Ouvindo um grito do Sargento Qiang, ela viu que os outros haviam virado os seus baldes e estavam descendo os poucos degraus que haviam subido. Quando chegaram à base da escada, os soldados correram em direção a uma grande calha de água. Eles se apressaram, sedentos e impacientes. Mulan se aproximou lentamente, esperou que os outros terminassem e se adiantou. Pegando a concha, ela bebeu um pouco da água.

Quando o líquido atingiu seus lábios, Mulan reprimiu um gemido de alívio. Com os olhos fechados, ela não notou o Comandante Tung a observando. No meio do caos, ela permanecia firme. Os olhos dele se estreitaram com interesse. Hua Jun era uma surpresa. A cada tarefa proposta, ele encontrava uma maneira tranquila e graciosa de realizá-la. Ele não reclamara nenhuma vez e, mesmo quando estava sobrecarregado e fraco, seguia em frente. E, agora, ele havia esperado enquanto os outros homens agiam como bestas, permitindo-lhes a chance de satisfazer sua sede primeiro. Somente os líderes mais fortes tinham força de caráter para esperar dessa maneira. O Comandante assentiu para si mesmo. Hua Jun era alguém em quem devia ficar de olho.



– *Ela*, sim, é uma garota por quem vale a pena lutar.

A voz do Cricket destacava-se no refeitório barulhento. Entrando na tenda caótica, Mulan examinou os soldados e os assentos, procurando um lugar seguro para se sentar. Pelo canto do olho, viu Longwei saindo da tenda de cabeça baixa, com as poucas coisas dele agarradas ao peito. Ela engoliu em seco. Mulan ouvira o nome dele sendo chamado no santuário. O Sargento Qiang o vira despejando a água de seus baldes para facilitar a escalada e imediatamente o expulsou. Havia sido a menor das infrações, mas a penalidade foi rápida e severa. Mulan estremeceu ao pensar no que aconteceria se o segredo dela fosse descoberto.

Balançando a cabeça para afastar a ideia, ela voltou a procurar um assento. Vendo que a única opção era perto de Cricket e de outro jovem recruta chamado Ling, Mulan se aproximou e se sentou, tentando não chamar atenção para si. Quando começou a comer, Ling levantou um pedaço de papel. Nele havia um desenho de uma jovem mulher.

– Fomos prometidos um para o outro há vinte e sete dias – disse ele a Cricket. – O nome dela é Li Li. Sua pele é branca como leite. Seus dedos são como as tenras raízes brancas de uma cebolinha...

Mulan conteve uma risada. Uma cebolinha? Ela se perguntou o que Li Li pensaria se ouvisse essa comparação.

– Ling é um romântico! – disse Cricket, aparentemente mais impressionado que Mulan na escolha de palavras de Ling.

Ling sorriu como quem sonha acordado.

– Li Li me inspira – continuou ele. – Os olhos dela são como gotas de orvalho matinais. O cabelo, como montanhas distantes, escurecidas por nuvens negras...

Quando Mulan pensou que já tinha sorrido o suficiente, Yao bateu a mão na mesa, interrompendo Ling.

– Gosto das mulheres cheinhas! – ele disse, soltando uma risada alta e estrondosa. Ao seu redor, outros soldados expressaram a sua concordância. – Com quadris fortes e largos! – acrescentou.

Mulan encolheu-se. *É assim que os homens falam sobre mulheres?* O pensamento fez o seu estômago, que já estava reclamando do gosto horrível da comida, revirar. Nunca lhe ocorrera que homens tivessem tão pouco respeito por suas futuras esposas.

Ela sempre fora ensinada a falar com orgulho e respeito do homem com quem se casaria algum dia. De todos os homens, aliás. No entanto, aqui, apenas os “românticos” pareciam ter a cortesia de falar gentilmente do sexo oposto. Até Cricket, que Mulan pensara ser um homem decente, agora estava participando.

– Gosto de beijar mulheres com lábios vermelhos cor de cereja – disse ele, sorrindo para os homens ao seu redor na esperança de obter a mesma reação que Yao havia recebido.

– Então sua mãe deve ter lábios vermelhos cor de cereja – brincou Yao –, porque ela é a única mulher que você já beijou!

Os outros soldados riram, e Yao abriu um sorriso ainda maior.

– Eu não me importo com a aparência... – Po começou a dizer.

Pensando que o outro soldado estava defendendo as mulheres e fosse dizer algo bondoso, Mulan decidiu opinar.

– Eu concordo! – ela disse.

Mas as palavras seguintes de Po a fizeram se arrepender:

– Eu só me importo com o seu talento na *cozinha*!

Mulan desanimou. Voltando a atenção para a refeição pouco apetitosa, ela ficou surpresa ao ouvir seu nome.

– Diga-nos, Hua Jun – disse Honghui, chamando-a do outro lado da mesa. Ele a estava observando, tentando ler a reação dela aos comentários. Decidindo pressioná-la, ele continuou. – Diga-nos. Como é a *sua* mulher ideal?

Mais uma vez, a tenda ficou cheia de barulho enquanto os outros soldados expressavam o seu encorajamento.

– Sim! – gritaram. – Conte-nos!

Mulan estava morrendo de vergonha. Encontrou o olhar inquisidor de Honghui e semicerrou os seus olhos. Ela sabia o que ele estava tentando fazer. Ele a estava provocando para que ela se descontrolasse. Mas ela não deixaria isso acontecer. Fez uma pausa, organizando os seus pensamentos antes de responder:

– Eu acho – disse ela, certificando-se de manter a voz grave e firme – que minha mulher ideal é corajosa.

A sala ficou em silêncio. Os homens se entreolharam, confusos. Todos ficaram meio chocados e decepcionados. Exceto Honghui. Ele parecia interessado na resposta.

Teimosamente, Mulan continuou, sabendo que acabaria chamando a atenção. Mas ela não se importava. Queria mostrar a eles que as mulheres eram mais do que objetos.

– E ela tem senso de humor – alguns dos homens riram. – Ela também é inteligente!

Agora todos estavam rindo. Todos, exceto Honghui.

– Mas como ela é? – Cricket perguntou.

Mulan balançou a cabeça.

– Não é isso que importa.

– Corajosa, engraçada, inteligente – Yao repetiu. – Hua Jun não está descrevendo uma mulher, ele está descrevendo um *homem*! Ele está me descrevendo!

Quando a sala explodiu em gargalhadas, Mulan afundou na cadeira. De que adiantava? Era como tentar conversar com um monte de animais. Mas, quando ela levantou a cabeça, ficou surpresa ao ver Honghui sorrindo para ela. Ele piscou. Então, voltando-se para Yao, ele gritou:

– Corajoso, engraçado, inteligente? Não, esse não é você, Yao. *Definitivamente*, não é você.

Dessa vez, Yao foi o alvo da brincadeira, e Mulan pôde voltar ao anonimato. Aproveitando a oportunidade, ela se afastou. Mas não antes de dar a Honghui um pequeno sorriso agradecido.

DOZE



O quartel estava excepcionalmente quieto. Mulan estava sentada na beira da cama, calçando as botas. O menor esforço fazia os seus músculos doerem, e ela desejou muito poder tomar um banho quente para aliviá-los. Mas ela havia se oferecido novamente para o turno da noite. Não havia escolha.

Ainda estava amarrando a bota quando ouviu a aba frontal da tenda se abrir. Viu, então, que era Honghui entrando. Ao vê-la, ele abriu um sorriso. Mulan esqueceu seus músculos doloridos quando seu coração começou a bater um pouco mais rápido. Havia algo de encantador em Honghui, o que a deixava desconfortável. Ela não sabia por que ele estava ali agora. Deveria agradecê-lo por tê-la ajudado mais cedo? Ela não sabia o que um “homem” faria em tal situação.

Felizmente, ela não teve de tomar a decisão, pois Honghui se aproximou e se sentou na cama ao lado dela.

– Não deixe que eles o incomodem – disse ele, colocando os braços atrás da cabeça. – Especialmente aquele bobo do Yao.

Mulan se permitiu dar um pequeno sorriso. De alguma forma, e ela não tinha certeza de como, ela e Honghui passaram de inimigos a... aliados. Bem, quase. Ela se lembrou dos comentários ridículos de Yao no refeitório. Ainda não conseguia acreditar que ele via as mulheres como objetos, valorizadas apenas por sua aparência física e não por sua força de caráter. Um pensamento cruzou a sua cabeça. Honghui não chegara a falar de sua ideia do que seria uma

mulher “perfeita”. Ela se perguntou por que ele tinha ficado tão quieto.

– Já acharam uma noiva para você? – Honghui perguntou, invadindo os seus pensamentos. – Posso perguntar?

A pergunta assustou Mulan.

– Não – ela disse por reflexo.

Mas, então, percebeu que ter uma futura noiva a faria parecer mais “viril” para Honghui. Então, ela se corrigiu:

– Quero dizer... Sim. Acharam. Quase. Não deu certo.

– Sorte sua – disse Honghui, com a voz baixa.

Eles ficaram ali por um momento, a resposta dele pairando no ar. Mulan não tinha certeza do que dizer. Honghui quis dizer que ela teve sorte por terem lhe arrumado uma noiva, ou por ter dado errado?

– Eu tenho uma noiva prometida – disse Honghui, respondendo à pergunta não feita. – Espero que ela seja corajosa. E engraçada e inteligente – ele fez uma pausa e seus olhos ficaram distantes. Mulan se perguntou, quando olhou para ele, o que ele devia estar imaginando. Depois, acrescentou: – Porque ela se parece com um homem.

A admissão de Honghui surpreendeu Mulan. Por que ele admitiria isso para ela? O que ele esperava que ela dissesse? E ela não pôde deixar de se perguntar o que ele pensaria dela, se pudesse realmente vê-la. Felizmente, Honghui estava muito envolvido em seus próprios pensamentos para perceber sua expressão.

– Quero dizer – continuou ele –, como começar a *conversar* com uma mulher, quanto mais se casar com uma?

Pela primeira vez desde que se conheceram, Honghui parecia inseguro. O coração de Mulan, que já havia começado a se derreter pelo belo recruta, ficou ainda mais derretido. Arriscando, Mulan respondeu:

– Basta falar com ela como está falando comigo agora.

– Eu gostaria que fosse assim tão fácil – disse Honghui.

Ele fez uma pausa e sua expressão ficou mais incerta.

– E... E se ela não gostar de mim?

Mais uma vez, sua resposta surpreendeu Mulan. Ela se virou e, pela primeira vez, o observou por um tempo. Seus olhos estavam

focados no teto da tenda, seu peito subindo e descendo lentamente, respirando. Mas Mulan podia ver que ele estava genuinamente preocupado. Ao ser honesto, ele estava se permitindo ser vulnerável.

– Ela vai – disse Mulan, as palavras mais suaves do que ela pretendia.

Lentamente, Honghui olhou. Seus olhos se encontraram e, por um momento silencioso, não disseram nada, e o ar ficou pesado com uma emoção não dita. Sacudindo, Mulan pigarreou. Ela não tinha ideia do que acabara de acontecer, mas *sabia* que precisava aliviar o clima.

– Quero dizer, acho que ela vai – disse ela, dessa vez certificando-se de manter a voz sem qualquer emoção. – Nunca se sabe quando se trata de mulheres... – ela adicionou com um encolher de ombros e um olhar conspirador.

Honghui não disse nada, embora tenha se sentado. Balançando as pernas sobre o lado da cama, ele se aproximou. Mulan recuou instintivamente. O que ele estava fazendo? Por que ele estava se aproximando? Será que ele...? Ele chegou mais perto ainda. Respirou fundo e, por um momento, Mulan estava convencida de que ele iria beijá-la. E, então, ele recuou.

– Você realmente deve considerar pular a guarda dessa noite e ir tomar um banho – disse ele. – Você está fedendo, cara.

Então, levantando-se, ele deu um tapa no ombro dela e saiu. Mulan lamentou-se. *Que vergonha.* Erguendo o braço, ela respirou fundo. E lamentou ainda mais. Honghui estava certo. Ela estava fedendo. Exatamente como um homem.



Algo havia mudado. Começou no refeitório e continuou a crescer depois, durante a conversa na tenda. Uma amizade começou a se formar entre Mulan e Honghui. Uma amizade ligada a outra coisa que Mulan não tinha certeza se poderia nomear, mas que era inegável. Ela não temia mais Honghui, e o tempo passado nas tendas era mais fácil, sabendo que ela tinha um aliado.

No campo de treinamento, o relacionamento assumiu uma forma diferente. Estava ficando claro para os sargentos e soldados que, de todos os recrutas, Honghui e Mulan mostravam o maior potencial. Ninguém ficou surpreso com Honghui. Ele fora construído para ser um guerreiro. Forte, intenso e inteligente. Mas Mulan *era* uma surpresa. Ela nunca era a primeira ou a mais rápida, mas sempre cumpria as tarefas e o fazia com uma dignidade silenciosa que fazia os outros pararem e prestarem atenção. Com o passar dos dias, ela foi ficando mais forte também.

Em pé no meio do treino matutino, Mulan segurou uma lança na frente do corpo. Os recrutas já haviam terminado a primeira parte do treinamento e agora usariam lanças de verdade na simulação de um combate um a um. Instintivamente, Mulan e Honghui foram um em direção ao outro. Quando o Sargento Qiang deu o sinal, eles levantaram as lanças.

E, então, começaram a lutar.

Ataque. Bloqueio. Ataque. Bloqueio. Cada movimento que Honghui fazia, Mulan antecipava, erguendo a lança no ritmo constante e suave que Honghui conhecia. O ritmo foi aumentando conforme eles se moviam cada vez mais rapidamente. Mulan saltava quando Honghui chutava. Honghui bloqueava quando Mulan o atacava, devolvendo-lhe o seu próprio ataque. De um lado para o outro, seus movimentos eram estranhamente bonitos. Eles se enfrentavam com a mesma intensidade, olhos nos olhos.

Sem saber que outros haviam parado suas próprias lutas para assistir, Mulan e Honghui continuaram se enfrentando. Eles lutavam de maneira mais rápida e ferozmente, cada qual determinado a fazer o outro vacilar. Soldados aplaudiram o par. Ouvindo a comoção, o Comandante Tung emergiu de sua tenda e ficou ao lado do Sargento Qiang. Eles trocaram olhares antes que o Comandante focasse a sua atenção em Mulan. O suor escorria pela testa dela, e ele podia ver os seus ombros tremendo, mas a concentração em seu rosto era inabalável.

Mulan girou e pegou Honghui desprevenido. Ele tropeçou para trás e, por um momento, pareceu que Mulan tinha a vantagem. Mas, com um movimento suave, ele se virou e atirou a lança dela no chão. Jogando as mãos no ar e soltando um grito de vitória,

Honghui não viu Mulan estender a mão e pegar a lança novamente. Ele também não viu a determinação em seu rosto. Mas o Comandante Tung viu. Ele viu o olhar e a aplaudiu silenciosamente.

Com um grito, Mulan foi atrás de Honghui. A ferocidade dela era incomparável, e Honghui não teve escolha a não ser ficar na defensiva, levantando a arma para bloquear o ataque, enquanto Mulan girava a lança no ar. Soltando um grito, ela correu na direção dele e pulou...

Por um momento, ela pareceu pairar no ar, como se tivesse asas. E, então, em um movimento tão rápido que foi quase invisível, ela derrubou a lança dele. Houve um estalo alto quando uma lança bateu na outra, e então um suspiro quando a arma de Honghui saiu voando de sua mão. Enquanto os homens aplaudiam, Mulan saltou novamente, só que dessa vez ela também girou no ar, com o pé saindo e encontrando a lança ainda no ar. Batendo o pé rápida e furiosamente, ela chutou a ponta da lança, atirando-a pelo ar com velocidade e força. A lança bateu na lateral de um poste e ficou lá, fincada na madeira.

Mulan aterrissou e jogou a própria lança no chão. Os aplausos dos homens pararam. Eles ficaram boquiabertos enquanto olhavam de Mulan para Honghui e vice-versa.

Ao recuperar o fôlego, Mulan sentiu a adrenalina sair de seu corpo. Lentamente, ela percebeu os olhos dos soldados nela e se encolheu de vergonha. Tinha se permitido dominar pela necessidade de vencer e por seus sentimentos confusos por Honghui. Ela se empolgou e atraiu uma atenção indesejada para si mesma. Essa era a última coisa de que precisava – especialmente agora, quando estava começando a sentir que poderia se enturmar.

Murmurando um pedido de desculpas para Honghui, Mulan abaixou a cabeça e se afastou apressadamente. Atrás dela, o resto dos homens assistiu, chocado, em silêncio. O que, todos se perguntaram, haviam acabado de testemunhar?

TREZE



Toda vez que Mulan fechava os olhos, via-se girando no ar e sentindo o chão sob os pés quando aterrissava. Via os diferentes olhares dos outros soldados – alguns surpresos, outros impressionados, outros ainda incomodados. Porém, mais do que tudo, ela via Honghui olhando para ela, e foi esse olhar que permaneceu em sua memória. Ele parecia ter ficado surpreso. Como se não achasse que ela fosse capaz de derrotá-lo. Ela não sabia se isso a deixava orgulhosa ou um pouco ofendida. De qualquer maneira, o olhar dele – e dos outros – agora a assombravam.

Ela ainda não tinha certeza do que acontecera com ela. Seu corpo tinha começado a se mover por conta própria. Era como se um interruptor tivesse sido acionado e todo o treinamento e a prática tivessem se encaixado, em harmonia. Mas havia algo a mais naquilo. Algo que parecia mais profundo e maior que ela. Quando estava girando no ar, chicoteando sua lança como se fosse uma extensão de seu corpo, teve o mesmo sentimento daquele dia, na infância, quando perseguira a galinha pela aldeia e caíra do telhado. Naquele momento, assim como agora, não conseguiu explicar o que tomou conta dela.

E isso a assustava.

Agora ela estava deitada em sua cama dura, desejando que os seus olhos se fechassem. Mas, toda vez que ela se mexia, o odor do seu próprio corpo incomodava as suas narinas. Ela precisava de

um banho para se limpar – e para deixar aquele dia para trás. Ela pegou roupas limpas e saiu da barraca na ponta dos pés.

O acampamento estava quieto e vazio, pois todos os soldados haviam se retirado para as suas tendas. Mulan moveu-se rapidamente. Seus passos mal emitiam um som, era como se ela flutuasse sobre o chão em direção ao lago, na beira do acampamento. Uma lua brilhante no céu iluminava a superfície imóvel da água. Mulan sorriu ao ver a água fresca.

Dando uma espiada por cima do ombro para se certificar de que ninguém estava olhando, Mulan se despiu. Soltando as suas roupas em uma pilha no chão, ela deslizou para dentro da água gelada. Um suspiro de pura felicidade escapou de seus lábios. A água lavou a sujeira que se agarrava à sua pele, e o frio fez bem aos seus músculos doloridos. Afundando sob a superfície, ela deixou o silêncio envolvê-la. Ela ficou lá mergulhada, suspensa entre o fundo escuro do lago e a superfície por um longo momento, e a sua mente foi se acalmando. Ali, em silêncio, ela era mais uma vez apenas Mulan. Não Hua Jun tentando provar a si mesmo. Ela não tinha percebido o quanto aquela atuação tinha sido mentalmente difícil até agora, quando permitiu que o seu corpo e a sua mente relaxassem.

Quando ficou sem fôlego, Mulan permitiu que seu corpo retornasse à superfície do lago. Mantendo os olhos fechados, ela sentiu o ar secando a água em sua face. Seus cabelos, pesados pelo líquido, fizeram seu couro cabeludo doer, e ela segurou o coque, ansiosa para soltá-lo. Mas, assim que os seus dedos tocaram os longos fios pretos, ela ouviu uma voz chamando.

– Hua Jun!

Os olhos de Mulan se abriram. Examinando a beira do lago, ela avistou Honghui.

– Precisamos conversar! – ele gritou enquanto tirava as próprias roupas.

Mulan entrou em pânico. Imediatamente, ela tentou submergir seu corpo enquanto desviava os olhos de Honghui. Ele tirou a roupa rapidamente e sem vergonha.

– Eu vim aqui para ficar sozinho... – Mulan gritou, espirrando água enquanto tentava se afastar. Desesperada, ela procurou algo,

qualquer coisa, para cobrir seu corpo. Honghui ignorou seu protesto. Pulando na água, ele nadou em sua direção.

– O que *foi* aquilo hoje? – ele disse enquanto dava braçadas na água. – Você foi incrível.

– Eu não quero falar sobre isso – disse Mulan, virando as costas para ele.

Parando a alguns metros de distância, Honghui ficou em pé no lago. Ele olhou para ela com curiosidade. Quando Mulan não se moveu em sua direção, Honghui nadou para encará-la. Mas ela espelhava os seus movimentos, mantendo as costas para ele. Ele continuou assim mesmo.

– Ensine-me como você fez aquilo. Mostre-me.

Mulan balançou a cabeça.

– Deixe-me em paz – ela repetiu.

As palavras saíram mais duras do que ela pretendia. Mas Honghui não se incomodou.

– Por quê? – ele perguntou. – O que você tem? Pensei que éramos amigos.

– Não sou seu amigo! – Mulan gritou.

Sua voz ecoou na água. Ela se encolheu. Sabia tão bem quanto Honghui que isso não era verdade. Eles *eram* amigos. Ou, pelo menos, eles estavam se tornando amigos. Ela espiou por cima do ombro e viu os olhos confusos de Honghui. Ela sabia que doía, mas estava tentando protegê-lo. Ele não podia descobrir o segredo dela. Isso significaria desonra para os dois. Como Mulan permaneceu em silêncio e o ar ficou tenso, a confusão de Honghui se transformou em raiva.

– Então me olhe nos olhos e diga isso – ele exigiu. Mulan não falou nada. – Não vou embora daqui até que você me olhe nos olhos e diga que não somos amigos.

Mulan engoliu em seco. Ela sabia que Honghui estava falando sério. Ele ficaria lá o tempo que fosse para fazê-la se virar para ele. Mas o que ela poderia fazer? Então, Mulan viu um clarão branco se movendo ao longo da superfície da água. Erguendo os olhos, ela reconheceu a Fênix. A ave dobrou as asas e mergulhou em direção à superfície do lago. Ela perfurou a água atrás de Honghui com um *SPLASH!*

Ouvindo o som, Honghui se virou. Ele olhou dentro da água, tentando ver abaixo da superfície. Mas o mergulho da Fênix agitou o fundo do lago e tornou a água mais escura.

– O que foi isso? – Honghui perguntou, examinando nervosamente a superfície da água. – Tem algo lá embaixo!

Então, seus olhos se arregalaram e ele soltou um grito quando a Fênix mordeu suas pernas. Sem esperar para ver o que o estava mordendo, Honghui virou-se e começou a nadar freneticamente até a costa. Quando chegou à terra firme, pegou as roupas e correu, sem olhar para trás.

Vendo-o partir, Mulan deu um suspiro de alívio. Essa tinha sido por pouco. Ela estremeceu ao pensar no que teria acontecido se não fosse pela Fênix.

Como se fosse uma sugestão, o pássaro apareceu na frente dela. Aprumando-se, a Fênix lançou a Mulan um sorriso satisfeito, como se dissesse: “Existem maneiras piores para um pássaro passar o tempo”.

Mulan riu.

– Obrigada – disse ela com sinceridade.

A ave ergueu-se no ar e, com uma última piscadela em sinal de cumplicidade, saiu voando, seguindo Honghui de volta ao acampamento.

Mulan suspirou. A Fênix a ajudara a sair daquele enrosco. Mas o que ela faria quando visse Honghui de manhã? Ele estaria magoado e seu ressentimento se transformaria em raiva. Ela mal começara a encontrar o seu lugar no acampamento. E daí foi fazer aquela coisa ridícula com a lança... E agora isso? Ela parecia criar problemas para si mesma. Suspirou de novo. Ela realmente tinha estragado tudo – e agora teria de pagar o preço.



Parecia que Mulan tinha acabado de fechar os olhos quando ouviu o grito para acordar. Ela se levantou relutantemente. Ao seu redor, os outros soldados estavam vestindo as suas roupas e armaduras, amarrando botas e pegando seus vários equipamentos.

Avistando Honghui, Mulan abaixou a cabeça, tentando evitar contato visual. Mas o espaço era pequeno, e era impossível que um evitasse o outro o tempo todo. Indo para a fila de botas, Mulan se inclinou e quase engasgou quando seu ombro acidentalmente roçou o de Honghui. Ela pulou para trás e estava indo se recolher no dormitório quando a voz do Sargento Qiang soou atrás dela, ecoando por todo o acampamento.

– Hua Jun! – ele berrou.

Mulan parou com tudo e olhou para trás.

– Apresente-se ao Comandante Tung – ele continuou.

Mulan saiu da tenda, mas não antes de cruzar o olhar com o de Honghui. Ela não tinha certeza, mas julgou ter visto uma faísca de compaixão naquele olhar. Mas, assim que piscou, desapareceu e foi substituída novamente pela frieza. Os seus ombros despencaram de desânimo. O que ela esperava? Que Honghui do nada a perdoasse por ter agido friamente na noite anterior, só porque agora levaria uma bronca?

Mantendo a cabeça baixa, ela cruzou o acampamento em direção à tenda do Comandante Tung. Embora a sua posição no exército lhe permitisse desfrutar de aposentos luxuosos, ele preferia um espaço modesto. Ao entrar, Mulan notou a mobília simples e a cama de montar parecia nunca ter sido usada. O Comandante Tung era um soldado. Só dormiria após a vitória na batalha.

Sentado à sua escrivaninha, o Comandante olhou para cima ao ouvir Mulan chegando. Ele fez um gesto para que ela se aproximasse. Então, colocando sobre a escrivaninha o utensílio que estava usando para escrever, apoiou as palmas das mãos abertas. Mulan resistiu ao impulso de sair correndo.

Enfim, ele falou.

– Tenho observado você, Hua Jun – começou. – Tem treinado duramente e, com certeza, não lhe falta vontade – ele pausou, como se estivesse medindo o impacto das próximas palavras. – Mas há algo segurando você. Algo... Algo que você parece estar escondendo.

Mulan sentiu a sua boca abrir e fechar como a de um peixe. O que ele queria dizer? O que ele *sabia*? Ela ficou ali parada, sem

saber o que fazer. Temia que, a qualquer momento, soldados entrarassem e a conduzissem à sua desonra.

– Comandante... – ela começou a dizer.

Sem noção do impacto que as suas palavras haviam causado, o Comandante levantou a mão, pedindo silêncio.

– Eu senti no momento que o conheci. Mas agora tenho certeza. Sabe, eu também tenho um segredo... – O Comandante olhou Mulan nos olhos. – Eu conheço o seu pai. – Vendo a expressão de surpresa de Mulan, o Comandante Tung assentiu. – Hua Zhou e eu lutamos juntos. Ele era um grande soldado. E, em você, Hua Jun, vejo a sombra da espada dele. Talvez essa sombra esteja pesando sobre os seus ombros.

Mulan abaixou a cabeça, sem coragem de encarar o Comandante. Ela não queria deixá-lo ver a emoção que tomara o seu rosto. Ele não fazia ideia do quão verdadeiras eram as suas palavras, embora não fossem verdadeiras no mesmo sentido que ele estava imaginando. O amor de seu pai, não a sua sombra, pesava sobre ela. Assim como a verdade que ela não podia compartilhar.

Entendendo o silêncio dela como consentimento, o Comandante Tung prosseguiu.

— Você não pode deixar que o legado de seu pai o impeça de lutar como poderia. Precisa cultivar o seu dom.

Dom? Mulan olhou para ele e sua confusão foi substituída por tristeza.

– Senhor? – ela perguntou.

– O seu *chi*, Hua Jun – o Comandante Tung respondeu. – É poderoso. Por que você o esconde?

Mais uma vez, Mulan ficou sem palavras. Chi. A força vital que corria por todas as pessoas. Ela ouvira o seu pai falar de guerreiros que possuíam uma força maior do que outros. Guerreiros cujo chi lhes permitia serem mais rápidos e mais fortes, e de se moverem com tanta graça e imponência que às vezes pareciam voar. O fato de o Comandante insinuar que assim era o chi de Mulan parecia-lhe... impossível. Mas, ali em pé, uma pequena chama começou a incendiá-la. Isso explicaria tanta coisa... A Fênix. A luta com Honghui. Talvez, só talvez, o Comandante Tung não estivesse

errado. Mas ela não podia arriscar revelar qualquer coisa sobre si, pois poderia acabar revelando tudo.

– Eu... Eu não sei – disse ela.

Percebendo a luta interna pela qual ela estava passando, o Comandante Tung assentiu de forma compreensiva.

— Vamos expô-lo. Permitir que se desenvolva. A verdade nunca dói tanto quanto a descoberta de uma mentira.

E, com um aceno de cabeça, ele dispensou Mulan.

Lentamente, ela saiu com as palavras do Comandante na cabeça. Ele não adivinhara o seu segredo, mas, de alguma forma, é como se ele tivesse revelado algo ainda mais profundo.

CATORZE



–"**O**chi permeia o universo e todas as coisas vivas."

Na manhã seguinte à conversa, o Comandante Tung reuniu os recrutas. Organizando-os em um círculo ao seu redor, ele mostrou uma série de movimentos lentos e intrincados. Enquanto se movia, falava. Os recrutas assistiram, hipnotizados pela maneira como o comandante e sua arma pareciam formar um só corpo. Sua espada se tornou uma extensão do braço; suas pernas eram como as raízes de uma árvore, firmemente plantadas no chão até serem erguidas, leves como penas. Ele fez um sinal para eles, e Mulan e os outros começaram a espelhar os seus movimentos.

– Todos nós nascemos com ele – continuou o comandante Tung. – Mas apenas os mais dedicados se conectarão profundamente ao seu chi e se tornarão grandes guerreiros.

Mulan concentrou-se e seu corpo passou a se movimentar por conta própria. Ela ouviu a voz do comandante passando sobre ela como a água do lago, com o mesmo efeito calmante.

– Tranquilo como um bosque – disse ele. – Mas pegando fogo por dentro.

Girando o braço no ar, Mulan praticou os movimentos simples muitas e muitas vezes. Ela treinou durante toda a tarde e, depois, quando ficou de guarda. Ao terminar o turno, voltou para o lago, onde praticou sob o luar. A cada movimento de sua espada, ela sentia o seu chi se fortalecendo, como as pétalas da magnólia à

beira da água. A sensação era esquisita e empoderadora, como algo totalmente novo, mas também estranhamente familiar.



Nos dias seguintes, o treinamento dos recrutas se intensificou. De início, foi uma mudança sutil. Alguns minutos a mais ao fim de cada sessão. Um pouco mais de latidos – e de mordidas – do Sargento Qiang, que gritava as ordens. As tensões aumentaram quando ficou claro que eles não estavam mais praticando para uma batalha possível, mas para uma batalha real.

– O inimigo rouran é forte – o Sargento Qiang advertiu, enquanto Mulan e os outros praticavam uma série de movimentos marciais. – Eles são cruéis e imprevisíveis. No entanto, a força física não precisa ser combatida com a mesma força. O guerreiro cede a força... E a redireciona. – Ele parou em frente à Mulan. Ela manteve o olhar à frente, sem permitir que ele a intimidasse.

Desde que ela e o Comandante Tung haviam conversado, Mulan não conseguia pensar em nada além de seu chi. Ele a consumia. Ele a abastecia. Ele a conduzia. Em cada momento livre, ela se focava nele. As palavras do comandante foram como uma faísca. Elas a fizeram perceber que devia ao seu pai ser o melhor guerreiro que poderia ser. Se não tentasse, tudo o que fizera teria sido em vão. Então, noite após noite, dia após dia, ela praticava. E noite após noite, dia após dia, ela ficava mais e mais forte.

Sob a luz da lua, à beira do lago, ela praticava as manobras que agora lhe pareciam naturais. Em sua cabeça, ela ouvia as palavras do Sargento Qiang. *A desvantagem pode ser transformada em vantagem*, ele dizia aos soldados empunhando espadas, girando lanças no ar, erguendo os escudos de defesa.

O seu foco e a sua prática constantes não passaram despercebidos. Ela sentia os olhos do Comandante Tung e do Sargento Qiang mais sobre ela do que sobre os outros. Mas isso não a fazia se encolher. Ela se sentia cheia de coragem e com uma força que não sabia que tinha.

Havia ainda um desafio, porém, que a frustrava.

– Cem gramas podem movimentar quinhentos quilos – disse o sargento quando Mulan e os outros se aproximaram dos degraus íngremes que levavam ao santuário.

Todos eles pararam, com os olhos erguidos em uníssono para o desafio diante deles. De cada lado de Mulan havia um balde cheio de água até a borda. À frente dela, outros soldados pegaram os seus baldes e subiram os degraus. Mulan esperou. As palavras do Sargento Qiang ecoaram em sua cabeça. “Cem gramas podem movimentar quinhentos quilos”, sussurrou para si mesma. Fechando os olhos, ela se concentrou. Sentiu a já conhecida onda de energia percorrendo seu corpo – ela estava conectada ao seu chi. Os grunhidos e gemidos dos outros homens desapareceram. Ela sentia apenas a brisa suave em suas bochechas. Ainda de olhos fechados, ela imaginou o topo do santuário. Lembrou-se da paz que sentira sob a magnólia. Canalizando tudo isso, ela abriu os olhos.

Então, abaixou-se, agarrou as alças dos baldes e as ergueu. Pareciam mais leves do que nas primeiras vezes em que ela enfrentara o desafio, graças ao seu treinamento de força. Mas ela sabia que o desafio não estava nos primeiros passos, mas na resistência necessária para alcançar o topo. Passo a passo, ela subiu.

À sua frente, o ritmo dos outros recrutas estava diminuindo. Um por um, eles começaram a cair. Primeiro Cricket, com o rosto molhado de lágrimas, afundou nos degraus. Depois Po, que jogou os baldes para o lado e simplesmente se deitou, derrotado. Yao foi o próximo a falhar. Bravo, ele atirou os seus baldes de madeira, que quebraram contra o penhasco rochoso.

Ainda assim, Mulan continuou. Seus passos eram firmes e os ombros, imóveis. A água nos baldes não estava espirrando. Ela foi ficando mais forte a cada passo. O foco em seu rosto nunca vacilou, mesmo quando ela passava por seus camaradas caídos.

Logo, o único recruta que restou foi Honghui. Alguns passos à frente dela, o suor pingava da testa dele, e seus baldes estavam cada vez mais próximos do chão. Seus passos eram pesados e sua respiração, ofegante. Como o de Mulan, seu rosto estava focado, mas a dúvida estava começando a aparecer.

Mulan não percebeu nada disso. Ela continuou andando. Passo a passo, cada vez mais alto, reunindo forças até que alcançou Honghui – e passou por ele. Ela sentiu o olhar dele em suas costas. E o ignorou. Ela não estava ali. Seu corpo estava na escada, os braços segurando os baldes, mas a sua mente estava em um lugar mais profundo. Era alimentada por pensamentos de seu pai, sua mãe, sua irmã. Pensamentos sobre a Fênix, que estava tão conectada a ela e que a havia feito encontrar uma força própria.

Atrás dela, o corpo de Honghui cedeu. Ele afundou nos degraus. Agora, só restava Mulan. Enquanto Honghui, o Comandante Tung, o Sargento Qiang e todos os outros observavam, Mulan continuou subindo. Passo a passo, cada vez mais alto, até que...

Chegou ao topo.

Por um longo momento, Mulan ficou em pé, com o peito subindo e descendo uniformemente. Ela se virou, com os olhos arregalados, e avistou a paisagem deslumbrante do alto do santuário. Os olhos dela pararam sobre a Fênix pousada em uma estátua próxima. Abrindo as asas, a Fênix gorjeou triunfantemente.

O orgulho a invadiu. Ela conseguiu. Conseguiu o que nenhum homem conseguira. Ela, Mulan, uma garota de uma aldeiazinha, tornara o impossível possível. Ela se virou para olhar os soldados reunidos lá embaixo. Só então, quando viu os olhares de admiração, perplexidade e espanto em seus rostos, ela se permitiu dar um sorriso.



A cabeça do Comandante Tung encheu-se de pensamentos. Hua Jun conseguiu. Conquistou o santuário. Em todos os seus anos treinando soldados, ele vira apenas poucos homens realizarem a mesma tarefa. E nenhum deles o fez com a graça e o foco que Hua Jun demonstrou. Afastando-se do santuário, o comandante caminhou em direção à sua tenda. O Sargento Qiang deu um passo ao lado dele.

– Hua Jun é um verdadeiro líder – observou o sargento.

Ele também ficara impressionado com o sucesso do soldado. O Comandante Tung assentiu.

– Sim. Ele tem o mesmo espírito de seu pai, um guerreiro – e fez uma pausa, com o rosto pensativo. – Mas sinto que algo o impede de se soltar ainda mais.

– Talvez com o tempo ele supere o obstáculo – disse o Sargento Qiang depois de um momento.

O comandante parou e virou-se para o segundo em comando.

– Estamos sem tempo – disse ele. – O inimigo avança. Nos posicionaremos à primeira luz da manhã.

Ele não precisava dizer mais nada. Com um aceno de cabeça, o Sargento Qiang se virou e ordenou que os soldados se reunissem no acampamento. Apesar da exaustão e de suas pernas cansadas, os homens apressaram-se. Mulan chegou por último, depois de descer do santuário. Quando todos estavam reunidos, o Comandante Tung tomou seu lugar diante deles.

– Nosso treinamento não terminou – disse ele. – Mas vivemos em tempos de guerra. Portanto, temos que nos adequar à mudança dos ventos.

Ele fez uma pausa para se certificar de que tinha a atenção de todos. Satisfeito ao ver que os homens o ouviam, continuou:

– Vamos partir para defender o Mercado das Estepes Montanhosas.

A resposta foi rápida. Surpresa, medo e emoção se espalharam pelos homens. Sussurros cresceram entre eles como uma onda. Era o que estavam esperando – e o que mais temiam. Do seu lugar lá atrás, Mulan sentiu o rosto empalidecer. A energia e a força que ela acabara de sentir desapareceram. Uma coisa era realizar uma tarefa de treinamento. Outra totalmente diferente era participar de uma batalha real.

O Comandante Tung levantou uma mão. Os homens ficaram em silêncio.

– Agora vocês farão o Juramento do Guerreiro, prometendo fidelidade aos Três Pilares da Virtude.

O comandante sacou a espada. Os olhos de Mulan se arregalaram quando viram que era idêntica à do pai dela. Percebendo que ela o encarava, o Comandante Tung olhou e acenou a cabeça sutilmente em sua direção.

– Sem cada um desses pilares, seu chi vital fica enfraquecido.

Um por um, os aprendizes desembainharam suas espadas e as seguraram no alto. Ao erguer a sua, Mulan viu a inscrição brilhando sob o sol. Os seus olhos leram as palavras conforme, lá na frente, Tung as dizia em voz alta.

– Coragem! – ele gritou.

Os soldados, incluindo Mulan, ecoaram a palavra de volta.

– Lealdade!

Novamente, depois do grito do comandante, os soldados gritaram de volta. Uma sensação de pavor começou a crescer no estômago de Mulan quando ela viu a próxima palavra.

– Verdade! – o Comandante Tung terminou.

Ao seu redor, todos os outros soldados gritaram a palavra, suas vozes cheias de emoção e orgulho. Mas Mulan ficou quieta. Como ela podia jurar ser verdadeira quando estava vivendo em uma mentira?

QUINZE



Acabeça de Mulan continuava inundada de pensamentos na manhã seguinte, quando eles marcharam para fora do acampamento, em direção ao Mercado das Estepes Montanhosas. As batidas de seu coração acompanhavam os passos dos jovens soldados.

Sua mentira estava pesando mais do que a mochila em suas costas. Ela queria manter o segredo, mas sentia que devia revelá-lo. Aqueles homens eram agora seus amigos. O Comandante Tung e o Sargento Qiang se tornaram seus mentores. Ela estava traindo todos eles e, para conseguir se concentrar no campo de batalha, ela precisava de uma mente clara, livre dessas preocupações. No entanto, o silêncio era seu amigo também. Não falar permitiria que ela mantivesse seu segredo, enquanto a outra opção resultaria em um castigo pior que a morte... a desonra.

Ela olhou para Honghui marchando, de cabeça erguida e olhos límpidos. O que, ela se perguntou, *ele* faria em seu lugar? Que conselho ele lhe daria, caso ela perguntasse? Uma imagem da Fênix, então, surgiu em sua mente. Seus ancestrais gostariam que ela revelasse quem era? Ou eles prefeririam que ela vivesse na mentira? Quando eles pararam para acampar naquela noite, Mulan tomou a sua decisão.

A caminho da tenda do comandante, ela fez uma pausa. Respirando fundo, conseguiu se recompor.

– Comandante Tung – disse ela, anunciando a sua entrada. – É Hua Jun.

– Entre, Hua Jun – a resposta do Comandante Tung foi rápida e concisa.

Ao entrar na tenda, Mulan prestou continência ao seu comandante. A atenção dele estava concentrada na espada sobre o seu colo. Ele a estava afiando de maneira delicada e metódica.

– Comandante Tung – começou Mulan. – Há algo pesando em meu coração. Preciso lhe fazer uma confissão – sua boca ficou seca quando o comandante olhou para ela. Ela abriu e fechou a boca várias vezes, tentando desesperadamente fazer sua língua formar as palavras certas. – Tem a ver com as três virtudes...

Foi o mais longe que ela conseguiu chegar. O Comandante Tung observou a sua luta interna. Para a sua surpresa, ela viu compaixão nos olhos dele, como se estivesse comovido. O comandante então ficou em pé e se aproximou dela.

– Não há vergonha em sentir medo antes de uma batalha – disse ele, confundindo o motivo de sua visita. – Na verdade, confessar a insegurança é uma prova de sua honestidade.

As palavras dele apunhalaram a consciência já cheia de culpa de Mulan. Honestidade? Ela estava lá para lhe dizer o quanto era *desonesta*. Ela balançou a cabeça, tentando colocar a conversa de volta nos trilhos e dizer o que precisava dizer.

– Sim, comandante – disse ela –, mas as outras virtudes...

O Comandante Tung a interrompeu.

– Hua Jun – ele falou, em tom sério. – Eu venho fazendo isso há muito tempo. A minha carreira é baseada em minha capacidade de julgar o caráter das pessoas. Você é um bom homem. Talvez um dia você me acompanhe até a minha aldeia, onde eu irei apresentá-lo à minha filha.

À filha dele? Mulan ficou perplexa. Aquelas eram as últimas palavras que ela esperava ouvir saindo da boca dele.

– E à nossa casamenteira – concluiu o Comandante Tung.

Os joelhos de Mulan fraquejaram quando ela entendeu o que as palavras do comandante implicavam. Sem saber como responder, ela se curvou. Não teve escolha senão acenar com a cabeça.

– Seria minha grande honra, comandante.

Ele sorriu, com alívio no rosto. Mulan percebeu que ele estava estranhamente nervoso em dizer uma coisa dessas a ela. O que fez

com que a mentira que ela estava vivendo parecesse ainda mais vergonhosa. Ela viera dizer a verdade, mas acabou ainda mais enrolada na fraude que criara.

– Estou ansioso pelo olhar no rosto de seu pai quando você der essa notícia – disse o comandante, encerrando a conversa.

Saindo da tenda, Mulan soltou um suspiro trêmulo. Ao fazê-lo, viu a Fênix parada a alguns metros de distância. O pássaro ouvira toda a conversa, e seu olhar para Mulan parecia dizer: “Esse foi o máximo que você conseguiu?!”.

– Bem, o que eu deveria fazer? – Mulan sussurrou.

A Fênix lançou outro olhar para ela. Esse foi ainda mais fácil de ler: “Não sei. Talvez não concordar em se casar com uma mulher?”

– Obrigado por seu apoio – disse Mulan, sem se preocupar em sussurrar ou afastar o sarcasmo de sua voz. – De verdade.

Mas a Fênix tinha razão. Ela não devia ter concordado. Devia ter contado a verdade, conforme planejado. Em vez disso, ela alimentou a mentira, e agora as coisas não podiam ficar piores do que já estavam.



Felizmente, Mulan não teve tempo de se apegar ao caos crescente de sua situação. Chegando de volta à sua tenda, ela teve apenas algumas horas de sono inquieto antes que os soldados fossem novamente despertados e ordenados a seguir em frente.

Marcharam pela estepe, sobre o chão seco e coberto de arbustos, que lhes oferecia pouca proteção contra os elementos naturais ou quaisquer inimigos em potencial. O olhar de Mulan flutuou sobre a paisagem árida enquanto eles caminhavam, e sua mente parecia tão esgotada quanto a terra ao seu redor. Depois de algumas horas de marcha, o solo começou a ficar irregular sob os seus pés, e os arbustos deram lugar a uma paisagem rochosa.

À distância, erguia-se o Mercado da Estepe Montanhosa, protegido pelas encostas de um lado, mas vulnerável do outro, onde ficava a entrada. Chegando em frente à entrada, o Comandante Tung levantou a mão. Mulan e os outros pararam e esperaram pela abertura dos pesados portões. Conforme foram abrindo, o mercado

lá de dentro foi ficando visível. Era como os outros mercados sob o domínio do Imperador: repleto de vendedores negociando os seus produtos, além de alguns edifícios menores. Havia muitas pessoas, mas não estava lotado. Em um canto, Mulan viu uma taverna. Então, seus olhos se arregalaram e ela soltou um grito de felicidade.

– Vento Negro!

Enquanto os outros soldados procuravam o que causara essa reação, Mulan correu pela guarnição em direção à taverna. Seu cavalo estava amarrado em frente. Ouvindo a voz dela, ele pareceu abrir um sorriso feliz e recuou, tentando se libertar das rédeas. Mulan o abraçou, sentindo o seu cheiro familiar e reconfortante. Por fim, ela se afastou. Com a mão ainda gentilmente esfregando o pescoço do cavalo, seus olhos se voltaram para a porta da taverna. Então, eles se estreitaram. Ela sabia exatamente quem estava lá dentro.

Dando um último tapinha em Vento Negro e prometendo que voltaria, Mulan invadiu a taverna. Ela avistou Skatch e Ramtish imediatamente. Eles estavam sentados à mesa, olhando para um mapa. Suas vestes e barbas pareciam mais sujas do que quando ela os vira pela última vez. Mulan aproximou-se com passos determinados. Ramtish a viu e ela ficou ainda mais furiosa ao vê-lo se remexer no banco.

– Lembra-se daquele recruta, aquele garoto... – ela ouviu Ramtish dizer para Skatch.

O outro homem assentiu.

– Hua Jun – disse ele.

– Lembra-se de que você o ensinou a defender a sua posição, a ser o dono do lugar?

Skatch resmungou um sim, mas continuou olhando o mapa. Ramtish continuou.

– Ponta da lâmina e tudo mais?

– E daí? – Skatch disse, irritado por estar sendo distraído.

– Ele levou a sua lição a sério – concluiu Ramtish.

Skatch olhou para cima – e deu de cara com os olhos brilhantes de Mulan.

– Hua Jun! – ele disse, dando um pulo com um sorriso nervoso no rosto.

Mulan não retribuiu o sorriso. Quando Honghui, Yao, Po, Ling e Cricket entraram atrás dela, Mulan saltou no ar e, em um movimento rápido, chutou Skatch com os dois pés. Com força. Ele recuou, caindo no chão com um baque. Sua barba falsa, solta pelo impacto, ficou pendurada no queixo. Girando, Mulan agora mirou Ramtish. O homem imediatamente levantou as mãos.

– Não no rosto… – ele começou a dizer.

Mas Mulan não o deixou terminar. Ela saltou de novo e, dessa vez, girou no ar antes de chutar Ramtish no peito. Então, foi a barba falsa dele que começou a descolar, deixando muitos espectadores confusos.

Enquanto os dois ladrões a encaravam com uma mistura de reverência e medo, Mulan se virou e saiu da taverna. Atrás dela, os outros soldados ficaram para lutar com Skatch e Ramtish. Quando encontrou o Comandante Tung, os dois monges falsos já estavam pendurados pelos colarinhos, com as cabeças pendendo desconfortavelmente entre as tábuas de madeira.

– Conte-nos o que houve, Hua Jun – pediu o Comandante Tung, enquanto o sol se punha sobre o pátio da guarnição.

Ao lado dele, estava o comandante do mercado. O Sargento Qiang e os outros soldados estavam a alguns passos de distância, observando com curiosidade. Mulan se adiantou.

– Eu conheci esses dois bandidos na estrada – explicou ela, olhando feio para eles. – Eles me ofereceram comida e bebida, e... – ela fez uma pausa com a voz insegura. Não queria admitir que a haviam enganado, que ela acreditara que eram monges e até tinha bebido com eles. Isso a faria parecer fraca e ridícula. – E... – ela gaguejou.

Para a sua surpresa, Skatch entrou em cena.

– Hua Jun nos mostrou uma rara generosidade de espírito – ele disse, olhando para ela através dos cabelos que caíam sobre seus olhos. – Oferecendo um lugar junto ao fogo dele. Em troca, nós traimos a sua confiança.

Os olhos de Mulan se arregalaram. Skatch estava protegendo a sua honra. Mas por quê? O que conseguiria com isso? Ela olhou para ele, curiosa para ver o que diria a seguir.

– É verdade – continuou Skatch. – Nós não somos monges. Na verdade, somos bandidos. Uma escolha de carreira estranha, talvez, mas é uma profissão muito tradicional. Nós, bandidos, somos um elemento integrante da Rota da Seda. Elimine-nos e a delicada construção de toda a empreitada se desfaz.

Inacreditável, pensou Mulan. Skatch estava fazendo parecer que roubar era honroso. Uma tarefa que outros *precisavam* que ele realizasse. Ela olhou para o rosto do Comandante Tung e viu que ele também parecia incrédulo. Ramtish, cuja expressão Mulan não conseguia entender direito, concordou.

– Posso acrescentar, Comandante, que também poderíamos ter roubado a espada do rapaz, mas eu, pessoalmente, senti que isso seria errado.

Mulan resistiu à vontade de rir alto. Ela duvidava muito que fosse esse o caso. É verdade que ela não conhecia bem esses homens, mas podia apostar que fora Skatch que deixara a espada. Dos dois, ele parecia ser o mais gentil, se é que esse termo podia ser usado para qualquer um dos dois.

Percebendo que o comandante e os outros estavam perdendo a paciência, Skatch continuou argumentando.

– Portanto, se Hua Jun acha que, no seu coração, consegue nos perdoar – ele fez uma pausa e virou-se para o Comandante Tung – e o sábio comandante também encontrar uma forma de nos perdoar, podemos nos soltar daqui e...

O comandante já ouvira o suficiente. Ele levantou a mão, silenciando Skatch. Chamou o Sargento Qiang.

– Sargento, qual é a penalidade por roubar o cavalo de um soldado durante a guerra? – perguntou ele.

– Morte – respondeu o Sargento Qiang.

Os rostos agora sem barba de Skatch e Ramtish empalideceram. E os olhos de Mulan se arregalaram.

– Hua Jun – disse o Comandante Tung, voltando-se para ela. – Esses malfeitores roubaram seu cavalo?

Mulan hesitou, mas, depois de um segundo, ela assentiu:

– Sim.

Foi impedida de dizer mais, porém, porque se ouviu um grito repentino de um soldado atrás dela.

– Batedores no portão!

Um momento depois, as grandes portas se abriram e dois homens correram. Seus cavalos estavam ensopados de suor, seus rostos, pálidos. Desmontando, eles apressaram-se até o comandante.

– Böri Khan está a menos de meio dia daqui – relatou o primeiro. – Eles se preparam para a batalha. Estamos em menor número.

Imediatamente, os soldados começaram a murmurar. Virando-se para os guardas posicionados no topo dos portões, o comandante do mercado gritou:

– Fechem o cerco! – sua voz expressava medo, o que alarmou os homens ao seu redor.

Ao lado, o Comandante Tung permaneceu calmo. Mais uma vez, ele levantou a mão. Na mesma hora, a guarnição ficou quieta.

– Não! – ele disse ao comandante do entreposto. – Apareceremos de surpresa. Deixe Khan descarregar as suas flechas em território de nossa escolha. Quem se move primeiro controla o inimigo.

Ele fez uma pausa e olhou para os seus soldados, encarando por mais tempo Mulan. Então, virou-se para o Sargento Qiang.

– Prepare os homens – ordenou.

Os soldados não hesitaram. Imediatamente, entraram em ação, preparando-se para a batalha. Mas o sargento hesitou. Mulan o viu acenar com a cabeça para Skatch e Ramtish, que estavam esquecidos.

– Comandante Tung... E os bandidos? – ele perguntou.

O comandante mal registrou a pergunta, distraído com a notícia. Mas Mulan ouviu. E ela pensou em uma maneira de talvez salvar os dois homens da pena de morte. Ela não gostava deles, mas não queria a sua morte pesando em sua consciência. Ela se dirigiu ao Comandante Tung.

– Com licença, Comandante... – ela começou.

Ele fez sinal com a cabeça para ela continuar.

– Como estamos em menor número, talvez esses malfeitores possam ajudar?

Um olhar de surpresa e aprovação cruzou o rosto do Comandante Tung. Ele assentiu.

– Bem pensado. Se eles perecerem no campo de batalha, pelo menos terão feito algum serviço. Arme-os.

Depois de sua ordem, o comandante se afastou. Atrás dele, soltaram Skatch e Ramtish. Ambos pareciam chateados com a sua repentina liberdade.

– Arme-os? – disse Skatch, repetindo as palavras do Comandante Tung.

– Como? Lutaremos contra os rourans? – acrescentou Ramtish, balançando a cabeça e tentando voltar para onde estavam.

Ao lado dele, Skatch fez o mesmo.

– Posso sugerir que todas as opções sejam consideradas antes de embarcarmos em uma decisão tão precipitada? – disse ele aos soldados.

– Certamente existem outras maneiras de prestarmos serviço... – acrescentou Ramtish. – Aliás, nós bem que poderíamos... – ele lutou para pensar em algo, qualquer outra coisa que pudessem fazer para ajudar. – Limpar cocô de cavalo!

– Sim! – exclamou Skatch, concordando com a ideia. – A superabundância de estrume no campo de batalha tem sido uma questão empurrada para debaixo do tapete por tempo demais...

Mulan perdeu a paciência.

– Chega! – ela disse. E, para a sua surpresa, os dois homens se acalmaram. – Vocês me protegeram. Agora eu protegi vocês – ela puxou a espada. – Não me façam me arrepender.

Dando-lhes as costas, ela foi se juntar aos outros. Enquanto se afastava, podia sentir o olhar de aprovação de Skatch sobre ela. Ela conteve um sorriso. Eles eram desagradáveis, mas não eram pessoas horríveis. Não mereciam morrer. Ela os salvou. Agora eles teriam de usar os seus truques para sobreviverem no campo de batalha.

DEZESSEIS



No campo dos rourans, os guerreiros também se preparavam para a batalha. As espadas estavam sendo afiadas e os arcos, esticados. Böri Khan também estava se preparando. Seu peito nu brilhava enquanto ele se banhava. Era um ritual que lhe permitia preparar-se física e mentalmente para a luta que tinha pela frente.

Khan estava satisfeito. Seu exército havia crescido e agora centenas de *yurts* cheios de centenas de homens pontilhavam a paisagem árida ao seu redor. Levara mais tempo do que ele esperava, mas, com a morte de Duba Tegin, ele havia garantido a lealdade de todas as tribos.

Agora só precisavam dominar o Império.

Ouvindo o familiar grito de um falcão, ele se virou quando o pássaro voou para a sua tenda. Enquanto ele observava, a criatura se transformou. Asas se tornaram braços, garras viraram pés, e logo Xianniang materializou-se diante dele.

– Você tem notícias do mercado? – perguntou Khan, sem parar de se lavar.

A bruxa assentiu. Ela estivera em patrulha na maior parte da noite e parecia incomodada por não ter toda a atenção dele.

– Novos soldados – ela relatou. – Crianças. Cairão facilmente. Antes da lua nova, você tomará o reino. Você terá sua vingança. Isso se o nosso plano continuar em pé.

Com as palavras dela, a mão de Böri Khan parou e ele ergueu o olhar para encontrar o dela. Ele não gostou do tom desafiador de sua fala.

– O que colocaria o nosso plano em risco? – ele perguntou, dando um passo ameaçador em direção à bruxa.

– Preciso confiar em você – disse Xianniang friamente.

Ela não se afastou do corpo musculoso de Böri Khan. Em vez disso, estufou o peito, como se tentasse se igualar a ele.

– Você *não pode* confiar em mim – respondeu ele, com um pouco de satisfação diante da surpresa que cintilou no rosto da bruxa. – Mas você não tem escolha. Quando a encontrei nas estepes, vagando sozinha, você não passava de uma exilada. Como um vira-lata desprezado. Seus poderes não significariam *nada* sem mim.

Ele parou, suas palavras pairando pesadas no ar. Ele olhou para Xianniang, esperando por sua resposta.

Em um piscar de olhos, as garras de Xianniang estavam em seu pescoço.

– Eu poderia rasgar você em pedaços em um instante – ela disse entredentes.

Böri Khan sentiu as garras na garganta e viu a raiva nos olhos da bruxa, mas permaneceu calmo. Quando falou, sua voz saiu calma e gélida.

– Lembre-se do que você quer. Um lugar onde seus poderes não serão difamados. Um lugar onde você será aceita por quem você é.

Ele viu a expressão da bruxa ficar mais irritada ao ouvir as palavras que ela havia compartilhado com ele em um momento de vulnerabilidade.

– Você não conseguirá o que deseja sem mim. E quer saber o porquê? – ele fez uma pausa, embora soubesse que ela não responderia. – Nenhum exército seguirá uma *mulher* – e deixou as palavras pairarem no ar. – Confiando em mim ou não, sou sua única opção.

Böri Khan viu a raiva esmaecer em seus olhos. Xianniang sabia que ele estava certo.

– Lembre-se de que você também precisa de mim, Böri Khan – ela respondeu após uma breve pausa, apertando ainda mais o pescoço dele.

– Não nego – disse Böri Khan.

Eles se entreolharam por um longo momento. Xianniang retirou as suas garras da garganta de Böri Khan.

– Vamos terminar o que começamos – disse ela.

Dessa vez, Böri Khan assentiu.

– Sim – ele concordou. – E você cuidará para que nada, nem ninguém, nos impeça.

Empurrando-a, Böri Khan vestiu uma túnica e caminhou até a porta do *yurt*. Sim, as coisas estavam se encaixando. Ele tinha o seu exército. Tinha a sua bruxa. E logo teria o seu reino.



Mulan olhou para a névoa espessa diante dela. O sol tentava atravessar a massa cinzenta que tornava difícil distinguir objetos reais de sombras. Montada em Vento Negro, ela conseguia enxergar um pouco mais do que os soldados no chão. Mas não muito mais.

Ela ficou surpresa quando o Comandante Tung ordenou que parassem no meio do vale enevoado. Parecia que isso os colocaria em desvantagem estrategicamente. Mas, aparentemente, não. Dessa forma, o Comandante lhes explicou, eles contariam com o elemento surpresa. Sabiam de que direção o exército de Rouran estava vindo, enquanto o inimigo não tinha ideia do que estava à sua espera.

À medida que o sol ficava mais forte, a névoa ia se dissipando. Lentamente, as sombras desapareceram. Quando o horizonte clareou, revelando um exército enorme em frente ao batalhão imperial, a respiração de Mulan ficou presa na garganta.

Os rourans pareciam cobrir o horizonte inteiro, com bandeiras de dezenas de tribos flamejando no ar. À frente de todos, estava Böri Khan montado em seu garanhão escuro como a meia-noite, com os olhos frios e calculistas, visíveis mesmo àquela distância. Mulan ficou tensa e, sob ela, Vento Negro empinou de nervoso. Como parte da cavalaria, Mulan estaria em um dos últimos grupos a atacar. Mas não importava quando ela iria. Agora que vira o inimigo, a sua última fagulha de esperança de que seria possível evitar a batalha havia desaparecido.

Virando-se, ela viu os amigos em pé na infantaria: Po, Yao e Ling. A confiança usual desaparecera de seus rostos e fora substituída

pela apreensão. Procurando ainda mais, Mulan avistou Skatch e Ramtish. Sem as suas barbas falsas e roupas de monge, eles pareciam menores. E o medo estava gravado em todas as rugas do rosto deles. Mulan sentiu uma pontada de compaixão pela dupla. Eles não queriam fazer parte dessa guerra, e ainda assim ela os trouxera para lá. Se sobrevivessem à batalha que estava por vir, ela prometeu descobrir uma maneira de se desculpar – mesmo que ainda não os tivesse perdoado por roubar Vento Negro.

Os olhos dela pararam em Honghui. Para a sua surpresa, ele estava olhando para ela. Por um momento, eles se encararam. Os outros sons desapareceram, e tudo que Mulan podia ouvir eram os suspiros irregulares de sua própria respiração e as batidas do seu coração. Ela viu em Honghui o mesmo olhar interrogativo, o mesmo pedido de desculpas silencioso que ela sabia que estavam em seus próprios olhos. Ambos reconheceram que essa poderia ser a última vez que se veriam vivos. E, naquele momento, toda a competição e a animosidade entre eles diminuíram. Havia agora algo que nenhum deles admitiria: respeito... mas também algo mais profundo. Algo que eles não sabiam explicar, mas que fazia Mulan corar e Honghui se remexer.

O som de tambores ecoou pelo vale, assustando Mulan. Ela desviou o olhar do de Honghui. Afastando a sensação estranha que estava se instalando em seu estômago, Mulan voltou-se para o vale e para o inimigo no horizonte. Estava na hora de focar.

Era a hora da batalha.

À medida que as batidas se tornavam mais altas e rápidas, a linha de frente dos soldados imperiais se ajoelhava. Atrás deles, os arqueiros avançaram, preparando os seus arcos. Cricket estava no meio deles, com os olhos límpidos e os ombros firmes. Mulan ficou impressionada. O garoto se tornara um guerreiro.

O Comandante Tung levantou a mão. O exército parecia respirar todo junto. E, então, o Comandante deu o sinal. Quando a bandeira imperial acenou, os arqueiros fizeram as suas flechas voarem. Elas se arquearam sobre o vale – agora um campo de batalha – em direção ao exército rouran.

Se o Comandante Tung pensara que a primeira onda de ataque intimidaria Böri Khan, logo se provou que ele estava errado. O

guerreiro nem esperou que as flechas pousassem antes de dar o seu próprio sinal. Em um instante, o som dos tambores foi abafado pelos cascos de centenas de cavalos, com Böri Khan liderando o seu exército pelo vale.

Os arqueiros continuaram atirando flechas. Algumas encontraram os seus alvos, derrubando rourans de suas selas, mas eles mal causaram um pequeno estrago. O exército rouran era enorme. Seria preciso mais do que arqueiros para derrubá-lo.

Esperando ansiosamente pelo sinal do Comandante Tung, Mulan observou Böri Khan gritar para alguns de seus homens. Mais de uma dúzia de guerreiros afastaram-se das tropas principais e avançaram à frente, puxando todo o exército atrás. Agindo rapidamente, o Comandante Tung gritou ordens para a cavalaria – da qual Mulan fazia parte – atacar o líder rouran. Enquanto o resto da infantaria e os arqueiros se arriscavam contra a horda que se aproximava, a cavalaria investiu contra Böri Khan.

A crina de Vento Negro chicoteava ao galope. À frente, Mulan podia ver Böri Khan, e os guerreiros, que agora ela reconhecia como os Guerreiros das Sombras, notaram o ataque. Com um grito, um deles virou-se sobre o seu cavalo, ficando de frente para eles. Enquanto o seu cavalo galopava normalmente, o Guerreiro das Sombras atirou duas flechas contra os inimigos.

Um soldado imperial próximo gritou quando foi atingido e derrubado do cavalo. Mulan não teve tempo de registrar o medo; um momento depois, a outra flecha passou raspando por ela. Ela ouviu um baque quando outro soldado tombou. Ainda assim, continuaram galopando naquela direção.

Enquanto o solo mudava embaixo deles, ficando mais rochoso, Mulan começava a apontar as suas próprias flechas. Ela mal percebeu o ambiente montanhoso e úmido em que haviam entrado. Só tinha olhos para os guerreiros rourans. Mais soldados inimigos giravam sobre os seus cavalos, disparando flechas cada vez mais rapidamente. Os soldados imperiais começaram a cair com mais e mais frequência. Alguns foram derrubados por flechas, outros quando os seus cavalos tropeçavam no terreno rochoso. O vapor causado pelo ar quente subia das aberturas vulcânicas, obscurecendo a visão de Mulan, mas ela continuava galopando

conforme, um a um, os soldados imperiais decidiam que o líder rouran estava longe demais e batiam em retirada para o campo de batalha.

Logo Mulan ficou sozinha.

O ritmo de Vento Negro diminuiu. Mulan olhou por cima de seu ombro, vendo que os outros soldados galopavam para longe. A vontade de segui-los era forte. Mas ainda mais forte era o som da voz do Comandante Tung em sua mente, falando dos Pilares da Virtude. Como membro do Exército Imperial, era seu dever ser leal e corajosa. Ela podia não ser capaz de viver de acordo com a virtude da Verdade, mas isso não significava que não poderia lutar pelos outros pilares. Afastando o olhar do exército em fuga, ela viu Böri Khan desaparecendo no vapor à sua frente.

Cheia de coragem, ela incentivou Vento Negro a seguir em frente.

DEZESSETE



Mulan fez Vento Negro diminuir a velocidade. O vapor estava muito denso, e ela queria evitar que o grande cavalo tropeçasse em uma das fontes termais que pontilhavam a paisagem. Por um período que pareceu levar horas, mas que não passou de minutos, cavalo e amazona perambularam, perdidos, pelo vapor.

Quando as nuvens se dissiparam, Mulan prendeu a respiração. A paisagem era composta por uma profusão de cores vibrantes. Lava vermelha jorrava das aberturas vulcânicas, transformando-se em linhas de rocha negra congelada, resfriadas pelo ar. Era como se ela tivesse embarcado em um mundo totalmente diferente.

E Böri Khan não estava em lugar algum.

Um grito agudo encheu o ar. Olhando para cima, Mulan só teve um momento para avistar o falcão mergulhando em sua direção antes de ser derrubada de Vento Negro. Ela caiu no chão com tudo. Seu elmo, solto pelo impacto, saiu rolando. O coque, preso por tanto tempo, se desfez, deixando os seus cabelos caírem sobre os ombros. Levantando-se, Mulan tentou alcançar o elmo. Mas, antes que conseguisse, o falcão pousou à sua frente. Enquanto Mulan observava incrédula, o falcão se transformou em uma linda mulher. A mulher parecia forte – e letal.

– Você é uma bruxa... – murmurou Mulan, com as palavras presas na garganta.

A mulher assentiu. Ela se aproximou, olhando Mulan de cima a baixo, os olhos analisando a armadura e depois se movendo para

os cabelos, que agora estavam soltos sobre os ombros de Mulan. Algo brilhou em seus olhos, uma revelação.

– Você manteve o seu segredo. Muito bem. Mas agora você está no meu caminho e deve recuar. Vá embora.

Os olhos de Mulan se arregalaram quando ela percebeu que essa mulher podia ver além de seu disfarce. A raiva cresceu dentro dela por ter sido pega pela bruxa.

– Sou Hua Jun – disse Mulan. – Soldado do Exército Imperial.

Erguendo a espada, ela investiu contra a bruxa. Mas Xianniang a afastou. Com um aceno de mão, ela atirou Mulan no chão. Mulan soltou um grito e voltou a ficar em pé. Ela não deixaria a bruxa detê-la. Mais uma vez, atacou Xianniang e, de novo, a bruxa desviou.

– A mentira enfraquece você – disse Xianniang, envolvendo os seus longos dedos em torno do pescoço de Mulan.

O coração de Mulan bateu forte no peito. Ela era fraca, isso era verdade. Ainda assim, ela não deixaria a outra mulher perceber seu medo. Ela olhou nos olhos da bruxa.

– Você seria uma tola de lutar comigo, mesmo que fosse mais forte.

Erguendo a espada, Mulan tentou atacar a bruxa. Mas, em resposta, Xianniang pegou a lâmina e a abaixou.

– Você está me fazendo perder tempo – disse a bruxa, frustrada.

Em desespero, Mulan puxou a espada. Para a sua surpresa, a lâmina cortou a palma da mão da bruxa. Vendo o sangue, os olhos de Xianniang encheram-se de raiva.

– Por que você não me escuta? – ela gritou.

Mulan recuou. Ela usou toda a sua força para manter a espada firme. Xianniang deu de ombros e, em seguida, puxou uma adaga de seu cinto e atirou. Mulan tentou bloqueá-la, mas a força da adaga era grande e, quando entrou em contato com a espada, arrancou-a de sua mão. A espada girou pelo ar antes de pousar no chão, deslizando até a fina crosta de lava resfriada que cobria um lago próximo.

O pânico tomou conta de Mulan. A espada do pai dela! Ela não podia perdê-la. Sem se importar por virar as costas para a bruxa, Mulan correu até a lava resfriada. Assim como gelo, era mais escorregadia do que parecia, e Mulan caiu instantaneamente. O

impacto fez a superfície rachar em torno dela. Ela sabia que acabaria quebrando e que não tinha muito tempo. Mas tinha de recuperar a espada. Engatinhando, ela avançou sobre a lava conforme mais rachaduras se formavam ao seu redor.

Atrás dela, Xianniang pisou na lava, mas seus passos eram tão leves que não deixaram nenhuma pegada na fina camada cinzenta que cobria o lago. Sangue escorria da ferida que Mulan havia provocado em sua mão, pontilhando o chão de vermelho.

Mulan finalmente alcançou a espada. Com um grito triunfante, ela a agarrou e ficou em pé. Ao se virar, notou que a bruxa lhe assistia.

– Eu sou Hua Jun. Soldado do Imperador.

Xianniang tinha ouvido o suficiente.

– Eu avisei você, *Hua Jun* – Xianniang zombou. – Você morrerá fingindo ser algo que não é.

Em um piscar de olhos, Xianniang atirou outra adaga. Ela voou pelo ar, atingindo Mulan no peito.

Mulan foi erguida no ar e jogada para trás. Quando caiu com tudo, a crosta de lava rompeu-se. Mulan caiu no buraco – e no lago sob ele.



O peito de Mulan ardia conforme ela afundava mais. Sua mão, ainda segurando a espada do pai, estava congelada. Ela se sentiu impotente. Tudo que podia fazer era deixar-se afundar, sobrecarregada pela armadura que usava.

De repente, ela viu um flash colorido, e então algo mergulhou na água acima dela. A princípio, Mulan temeu que fosse a bruxa vindo acabar com ela. Mas a figura sombria tomou forma, revelando-se como a Fênix. Ao alcançá-la, o pássaro se virou e, envolvendo as longas penas de sua cauda ao redor do pulso de Mulan, puxou-a para cima.

Um momento depois, Mulan irrompeu na superfície, abrindo a boca para sugar o ar. Ela ficou deitada no chão duro ao lado do lago por um longo momento, com os olhos fechados, enquanto o seu batimento cardíaco diminuía. Depois, abriu os olhos.

No mesmo instante, ela desejou não ter aberto.

Ali, saindo de seu peito, estava o punhal de bruxa.

A ponta da lâmina desaparecia dentro da armadura de Mulan. Mas, enquanto olhava assustada, esperando o sangue derramar da ferida, os seus olhos se estreitaram. Com as mãos trêmulas, ela puxou a adaga. Então, Mulan viu, para o seu alívio, que ela não havia atravessado a sua pele, mas a atadura de couro que estava enrolada em seu peito.

Com toda a força, a respiração de Mulan saiu de seu peito, e ela deu um grito de gratidão. Aquilo que ela vestia para mentir e que poderia ter sido o motivo de sua desonra acabara de salvar sua vida.

Lentamente, ela se levantou. Virando-se, viu a Fênix sentada a alguns passos de distância. Suas penas estavam molhadas, e ela parecia cansada, mas feliz. Encontrando o seu olhar, Mulan acenou para ela em sinal de agradecimento. O pássaro assentiu. “Eu sempre protejo você”, ela parecia dizer. E, pela primeira vez, Mulan percebeu o quanto ela precisava da Fênix, agora e durante toda a longa jornada.

Erguendo a espada do chão, ela leu a inscrição, focando os olhos em uma palavra. “Verdade...”, ela disse em voz alta. Verdade. Sim. Era a virtude com a qual ela tanto lutava e que, ainda assim, desejava abraçar. E agora ela precisava ser verdadeira consigo mesma. Não daria ouvidos às palavras da bruxa, nem se permitiria duvidar. Ela precisava seguir o seu coração.

Mulan correu e pulou nas costas de Vento Negro. O cavalo relinchou quando ela o incentivou a avançar. Atrás dela, ouviu as asas da Fênix batendo. Juntos, eles correram pelo vale em direção ao campo de batalha. Sua armadura, solta devido à luta, foi caindo no chão, peça por peça. Os seus longos cabelos emolduravam o seu rosto na ventania. Não havia como esconder quem ela era agora. Mas ela não se importava. Estava cansada de fingir. A bruxa a via como ameaça suficiente a ponto de querer matá-la. Ela *era* forte. E não era mais Hua Jun. Era Mulan. Era uma mulher. E era uma guerreira.

Ao chegar à beira do vale, pôde ouvir os sons da batalha lá embaixo. Mulan seguiu, montada em seu Vento Negro. Abaixo, o Exército Imperial tentava, em vão, manter os rourans à distância. Os

soldados estavam de costas, suas espadas brilhavam à luz do sol enquanto lutavam contra os atacantes rourans. Flechas continuavam cruzando o ar, mas estavam sendo disparadas sem um alvo, pois os arqueiros simplesmente tentavam sobreviver.

Lá no alto, Mulan viu a bruxa, mais uma vez em sua forma de falcão. Ela estava circulando acima dos dois exércitos, soltando gritos ameaçadores que encorajavam os rourans e faziam os soldados imperiais tremerem de medo.

Mulan não hesitou. Impulsionando Vento Negro, ela correu morro abaixo e entrou na luta. Conforme seguia seu caminho, ela levantava a sua espada e a girava no ar. Ao seu lado, os inimigos caíam quando o metal os alcançava. Ela nem percebeu os olhares atordoados do Comandante Tung ou de Honghui quando avistaram a poderosa guerreira fazendo o que nenhum deles conseguira fazer – vencer. Concentrada, ela parecia uma miragem através do vapor que subia do fundo do vale. Os cabelos dela cobriam o seu rosto, e o seu braço se movia tão rapidamente que ela parecia não ser real.

Enquanto corria, as narinas de Vento Negro se alargavam e seus cascos batiam fortes contra o chão. Juntos, eles formavam algo mágico. Chegando ao centro da batalha, Mulan reuniu coragem e se levantou para ficar em pé nas costas do cavalo. Então, com um grito, ela saltou e voou pelo ar. Por um momento, ela ficou suspensa, antes de aterrissar no chão com a espada erguida à frente.

No mesmo momento, os rourans correram em direção a ela. Canalizando o seu treinamento e concentrando-se em seu chi, Mulan se perdeu no balanço rítmico de sua espada. Ao seu redor, os homens que ela conhecera como amigos brigavam bravamente. A espada de Honghui derrubou dois rourans ao mesmo tempo, enquanto Yao gritava e gritava, usando a sua espada de maneira selvagem, mas eficaz. Até Skatch e Ramtish estavam dando tudo o que podiam dar, chutando, arranhando e jogando pedras para se protegerem.

Centímetro por centímetro, o Exército Imperial parecia ganhar posição. Se era a aparência da misteriosa guerreira ou apenas a sorte, não importava. Centímetros eram tudo de que precisavam. Com a energia renovada, os soldados continuaram a lutar.

Avistando o último grande grupo de invasores, carregando espada e escudo, Mulan correu na direção deles.

Em grupo, eles se viraram para enfrentar o guerreiro que se aproximava. Mas Mulan não diminuiu a velocidade. Ela continuou correndo e, exatamente quando parecia que ia colidir de cabeça com os soldados rouran, mais uma vez saltou no ar. Com os pés leves e a mente concentrada, ela saltou sobre os invasores, usando os elmos e os escudos levantados deles para se impulsionar para a frente. Em um piscar de olhos, ela atravessou todos eles, pousando depois no chão.

Furiosos, os rourans se viraram e começaram a persegui-la.

Mulan se permitiu dar um pequeno sorriso. Era isso que ela queria. Correndo em direção à outra extremidade do vale, ela chegou a uma grande formação rochosa. Do outro lado, havia uma parede de vapor. Uma rajada de vento soprou o vapor por um momento, revelando uma grande fenda no chão. Mulan hesitou apenas um pouco antes de pular. Atrás dela, o vapor voltou ao chão, escondendo a fenda de vista.

Os gritos de raiva dos invasores ficaram mais altos quando viram a sua presa desaparecer. Com sede de sangue nos olhos, eles seguiram, correndo e pulando da rocha. Mas os seus gritos de raiva se transformaram em medo quando caíram, um por um, na fenda profunda logo depois da rocha. Da fenda, formada pela pressão da lava, subia o vapor que engolia os rourans. Em segundos, os guerreiros invasores sumiram da superfície.

Do outro lado, com a espada ainda levantada, estava Mulan, pronta para o próximo ataque. O resto do Exército Imperial chegou à beirada da fenda, com os olhos arregalados ao perceberem o que ela fizera.

Ouvindo os passos de dezenas de homens, Mulan virou-se para ver outro grupo de invasores vindo da direção oposta. Ela levantou a espada. Mas, antes que os rourans a alcançassem, eles pararam com tudo, derrapando no chão. Dezenas de pares de olhos pousaram sobre ela e depois sobre o penhasco, do outro lado. Eles viram o Exército Imperial em pé atrás dela, empunhando suas espadas no alto.

Então, deram as costas e saíram correndo.

No momento que se seguiu, o único som que Mulan pôde ouvir foi o do próprio coração batendo. Eles conseguiram! *Ela* conseguiu! Derrotaram os invasores do norte.

Mas a sua vitória durou pouco. Os soldados imperiais mal deram um grito de alegria, e o piado de um falcão atravessou o ar. Olhando para cima, Mulan viu a bruxa circulando cada vez mais rapidamente enquanto observava os invasores correrem como covardes. Mulan sabia que a bruxa era o verdadeiro inimigo. Ela agarrou o seu arco e apontou uma flecha. Mirando, soltou-a no ar. A flecha saiu voando. Mulan prendeu a respiração e esperou. Enquanto observava, o falcão virou-se. Por um breve momento, parecia que a flecha de Mulan o atingiria. Mas, pouco antes da acertá-lo, o falcão se transformou, dividindo-se em centenas de pássaros menores.

Eles encheram o ar, bloqueando o sol. Depois, de uma só vez, eles se posicionaram para o ataque. Gritos altos tomaram conta e os pássaros mergulharam em direção ao Exército Imperial. Os homens se abaixaram, tentando se proteger das criaturas, mas elas continuavam atacando.

– Formação de tartaruga! – gritou o Comandante Tung, sua voz cortando o grito dos pássaros e dos homens.

Enquanto os soldados se reuniam, erguendo os escudos acima da cabeça para se parecerem com o casco de uma tartaruga, Mulan examinou o horizonte. Seus olhos se arregalaram quando ela viu o movimento na cordilheira coberta de neve que dominava uma extremidade do vale. No topo, ela notou dezenas de arqueiros rourans preparando-se para atirar. Os seus olhos se arregalaram mais ainda quando avistaram um grande trabuco sendo colocado em posição.

Essa espécie de catapulta de madeira poderia matar dezenas de soldados imperiais com um único tiro. Podia atirar uma pedra enorme ou dezenas de outras menores. Era uma arma poderosa – e mortal.

Os pássaros haviam sido apenas uma distração. O Exército Imperial não vencera. Ainda não. Um segundo ataque estava prestes a acontecer. Presos no vale abaixo, o Comandante Tung e seu exército não teriam chance.

Erguendo a mão levemente, Mulan viu a montanha refletida na lâmina de sua espada. E teve uma ideia.

Tirando proveito da formação de tartaruga, ela escapou por debaixo da cobertura de escudos. Ela assobiou alto e, um momento depois, Vento Negro correu até ela. Pulando sobre o seu lombo, ela o virou em direção à cordilheira. Enquanto galopavam para longe dos outros soldados, Mulan se abaixou e pegou um elmo imperial. Depois outro, e outro, e mais outros. Satisfeita, ela continuou em direção à cordilheira.

Sua última vitória havia sido por sorte. Mas ela precisaria de mais do que sorte para realizar esse novo plano.

DEZOITO



Escondida no alto de um penhasco, Mulan olhou para a cordilheira onde o exército de rourans preparava o seu ataque. Viu um dos homens gritando ordens, enviando alguns soldados para a beira da cordilheira com arcos e flechas, enquanto outros carregavam uma pedra grande e pesada para o trabuco. Gemendo com o esforço, os homens a colocaram em posição, de modo que ela caísse com tudo sobre o vale – e os soldados imperiais.

Esperando um momento para se certificar de que estava pronta, Mulan olhou à sua frente. Os elmos que ela recolhera no campo de batalha estavam alinhados em uma fileira. Vento Negro estava escondido em segurança. Ela estava pronta. Erguendo o arco, ela se virou e mirou nos rourans.

Sua primeira flecha voou pelo ar. Houve um grito de surpresa quando um invasor caiu no chão. Depois, outro. E outro. Não demorou muito para os soldados perceberem o que estava acontecendo. Um deles virou-se e Mulan o viu vasculhando a cordilheira onde ela estava escondida. Avistando os elmos imperiais, ele soltou um grito de raiva. Dando novas ordens, ele fez os seus homens desviarem a atenção do vale. Eles moveram o trabuco até ficar apontado para a montanha onde Mulan estava.

Ao sinal do líder, os rourans dispararam flechas sobre a fila de elmos imperiais, sem saber que não passavam de um truque, manequins para enganar o inimigo. Quando pareceu que os soldados imperiais estavam ilesos, os rourans ficaram ainda mais

irritados. A atenção deles voltou-se para o trabuco. Mulan assistiu, esperando que o seu plano desse certo.

No momento seguinte, o grupo de invasores tacou fogo na pedra coberta de combustível, já posicionada no trabuco. A pedra rapidamente se incendiou. Os invasores, então, a lançaram.

Diante da pedra flamejante cortando o ar, Mulan prendeu a respiração. A pedra era enorme e pesada e, embora tivesse sido lançada com grande força, parecia se mover em câmera lenta pelo céu. Para o plano de Mulan funcionar, ela precisava que a pedra voasse com toda a força.

Voando cada vez mais para perto, acabou batendo na encosta cheia de neve atrás dela com um estrondo alto. O barulho do impacto ecoou montanha e vale abaixo. O Exército Imperial, parecendo tão pequeno quanto formiguinhas lá embaixo, pareceu paralisar ao ouvir o barulho. Mulan esperou. Então, abaixou-se e colocou a mão no chão. E sentiu. Apenas a menor das vibrações foi suficiente para dizer a ela que seu plano havia funcionado.

Sem esperar para ver o resultado da avalanche que já começara a rolar penhasco abaixo, Mulan saiu correndo. Ela tropeçou e deslizou pela neve pesada, enquanto o chão ia tremendo mais violentamente conforme a avalanche ficava mais forte.

Mulan ouviu os gritos dos invasores conforme os estrondos aumentavam e, então, os gritos se transformaram em berros aterrorizados quando, atrás dela, formou-se uma parede branca. A avalanche avançou na direção deles, sem se importar com o exército que destruía em seu caminho. A neve, volumosa e silenciosa, agora era um animal livre, engolindo qualquer coisa à sua frente. Sentindo o vento da avalanche atrás dela, Mulan ganhou velocidade. Mas a neve continuava se aproximando. Ela assobiou alto, e Vento Negro apareceu. Ele correu para o lado dela e, pouco antes de a neve a engolir, ela pulou nas costas do cavalo.

Juntos, eles galoparam à frente da avalanche enquanto a neve beliscava os cascos do cavalo. Atrás dela, o exército invasor não teve a mesma sorte. Sem cavalos e carregando o peso de suas armaduras, eles desapareceram em meio à massa branca.

Mulan logo se esqueceu deles. Ela apenas continuou galopando, com a preocupação e o medo crescendo em seu estômago. Quando

elaborara o plano, ela se esquecera do principal: ela não conseguiria controlar a neve. Ela queria que a avalanche destruísse o inimigo, mas não havia pensado no que aconteceria depois disso. Agora a neve estava indo em direção ao Exército Imperial. E sua velocidade não estava reduzindo.

Impulsionando Vento Negro, Mulan viu os rostos dos soldados imperiais mais claramente ao descer pela encosta da montanha. Ela assistiu, horrorizada, ao trabuco caindo descontroladamente, espatifando-se bem em cima de Cricket. Seu grito ficou preso na garganta enquanto observava Honghui correr e empurrar o trabuco de cima do amigo. Tirando Cricket dali, assim que ficou em pé, Honghui foi atingido por uma onda de neve que o tragou.

Mulan não hesitou. Batendo as pernas contra as laterais de Vento Negro e puxando as suas rédeas, ela virou o cavalo relutante em direção à neve. Vento Negro bufou com o esforço ao tentar se mover para o local onde Honghui havia desaparecido. Ele mal conseguia andar na neve e, sobre as suas costas, Mulan lutava para permanecer em cima dele.

De repente, Mulan viu a mão de Honghui surgindo de debaixo da neve. Estendendo o braço, ela conseguiu agarrar a mão dele e, então, com a sua última gota de força, ela o puxou sobre as costas de Vento Negro. Ele estava desfalecido sobre a sela, com os olhos fechados e a respiração superficial. Girando Vento Negro mais uma vez, Mulan galopou à frente. O solo foi ficando menos irregular e a neve começou a diminuir, depois parou por completo.

A avalanche terminara.

No silêncio que se seguiu, Mulan parou Vento Negro, que ofegava na tentativa de recuperar o fôlego. Ele a salvara – e também Honghui. Estendendo a mão, ela lhe deu um tapinha agradecido no pescoço antes de descer.

Com esforço, ela conseguiu tirar o corpo inconsciente de Honghui de cima do lombo de seu cavalo. Deitando-o gentilmente, ela olhou para ele por um longo momento, observando o seu peito subir e descer. Ele estava vivo. Ela o salvara a tempo.

Ouvindo os gritos dos outros homens que acordavam de seu estado de choque, Mulan dirigiu a Honghui um último olhar suplicante. Ela queria ficar para ter certeza de que ele realmente

ficaria bem, mas precisava se certificar de que os ataques dos rourans tinham mesmo terminado. Virando-se, ela desapareceu na névoa.



O corpo de Honghui doía por completo. Quando abriu os olhos, ele viu que estava deitado perto do que restara do Exército Imperial. Sua cabeça latejava e, quando tentou ficar em pé, as suas pernas quase cederam. A última coisa de que ele se lembrava era de quando salvara Cricket. Depois, apenas uma cortina branca. Acordou, então, no chão.

Mas, pelo menos, estava acordado. Teve uma sensação estranha, quase uma lembrança de alguém o puxando, de alguém o ajudando, embora soubesse que isso era impossível. Apenas a mais louca das pessoas enfrentaria a avalanche. Afastando esse pensamento, ele foi até o Comandante Tung. Quando se aproximou, ouviu Cricket o chamando.

– Alguém viu Hua Jun? – perguntou Cricket, escaneando a área.

Honghui percebeu que o Comandante Tung também prestou atenção à pergunta. Seus olhos cansados da batalha procuraram os seus homens. Avistando Honghui, ele o chamou.

– Você viu Hua Jun? – perguntou o Comandante.

Honghui balançou a cabeça, com um buraco crescendo em seu estômago. Hua Jun tinha sido engolido pela neve? Ou derrubado pela flecha de um invasor, antes mesmo de a avalanche começar?

Um dos soldados deu um grito. Honghui viu, então, uma figura à distância. O nevoeiro tornava difícil distinguir detalhes, mas, quando a figura se aproximou, Honghui de repente conseguiu respirar profundamente. Era a mulher guerreira que ele tinha visto em batalha. Não havia nenhuma dúvida sobre isso. Os seus longos cabelos chacoalhavam para trás enquanto ela atravessava o vale no topo de seu cavalo gigante.

– Vento Negro?

Ao ouvir Cricket, Honghui virou-se assustado para o jovem soldado agora bem ao lado dele. Ele também estava olhando para a guerreira. *Vento Negro?* Honghui repetiu silenciosamente. Do que

Cricket estava falando? Vento Negro era o cavalo de Hua Jun. Sua boca se abriu quando a amazona saiu da névoa e ficou bem em frente a eles. O cavalo era *mesmo* Vento Negro. O que significava que a mulher que o estava montando era...

– Hua Jun? – perguntou o Comandante Tung, dando voz aos pensamentos de Honghui.

A guerreira balançou a cabeça enquanto desmontava do cavalo.

– Eu sou Hua Mulan – respondeu ela, com sua voz forte, firme e feminina.

A cabeça de Honghui virou para o Comandante Tung e depois para o soldado que ele conhecia como Hua Jun. O rosto do Comandante empalideceu, e suas mãos tremeram um pouquinho enquanto olhava para Mulan. Honghui podia ver – e compreender – a dificuldade do Comandante de entender o que estava acontecendo.

Mulan também conseguia ver. Ela se endireitou, mantendo uma expressão estoica. Mas Honghui viu o desconforto surgindo no corpo dela. Os seus ombros caíram um pouco, e ela parecia estar tremendo de leve. A orgulhosa guerreira estava começando a desaparecer sob o olhar horrorizado do Comandante Tung.

Ao lado de Honghui, Cricket ofegou enquanto fazia a conexão.

– Ele é uma *garota*...? – perguntou ele, balançando a cabeça.

Os outros soldados também murmuraram baixinho, chocados e quase não acreditando no que estavam vendo. A raiva de Honghui só foi aumentando. Hua Jun mentira para ele. Ele, ou melhor, *ela* tinha sido capaz de lhe dizer como se dirigir a uma mulher não porque já tivesse falado com uma, mas porque ela *era* uma! Ele havia se permitido ficar vulnerável na frente dela, e ela até o vencera em batalha – mais de uma vez. Suas bochechas ficaram vermelhas quando ele se lembrou do episódio do lago.

Enquanto isso, a expressão do Comandante Tung estava gélida.

– Você é uma impostora – ele sussurrou, sua voz pesada com a decepção. – Você traiu o seu regimento.

Mulan abaixou a cabeça de vergonha. O Comandante Tung continuou:

– Você trouxe desgraça para a família Hua.

Suas palavras cortaram Mulan como uma espada em seu coração. Ela levantou a cabeça. Não havia nada pior que ele pudesse dizer.

– Comandante... – ela implorou.

Mas o Comandante não a deixou terminar.

– Sua mentira é minha vergonha – continuou. – Quando voltarmos para a capital, entregarei o meu posto.

Um murmúrio de choque se espalhou entre os soldados. Ele renunciaria ao cargo? Isso seria quase inédito! O Comandante Tung tinha uma carreira de décadas. Fora um dos comandantes mais poderosos e conhecidos de todo o Exército Imperial. E agora ele jogaria tudo fora por causa da mentira de Mulan? Os homens olhavam uns para os outros. Mulan podia até ter ajudado a derrotar os rourans na luta, mas será que valera a pena perder o seu líder graças a essa vitória? Enquanto os murmúrios ficavam mais altos, o Sargento Qiang deu um passo à frente.

– Qual é a punição atribuída a um impostor? – perguntou ele.

O Comandante Tung não hesitou:

– Expulsão.

Com isso, os murmúrios tornaram-se mais altos, o horror se misturando ao medo a cada palavra. Honghui viu Mulan balançar a cabeça. Ela deu um passo em direção ao Comandante, com os olhos implorando para que ele entendesse.

– Prefiro ser executada – disse ela.

O Comandante a ignorou, virando as costas para ela. O Sargento Qiang, dando um passo à frente, respirou fundo e, na presença de todos, sentenciou-a formalmente.

– A partir deste momento em diante – disse ele – você está expulsa do Exército Imperial do Imperador.

Quando as palavras do Sargento atingiram Mulan, o seu corpo pareceu se encolher. Os olhos dela perderam a luz. Honghui assistiu a isso sentindo um misto de emoções desenfreadas. Mulan merecia aquilo. Ela mentira para todos e os colocara em risco. Ela mexeu com a cabeça dele – e com o coração. Ainda assim, ele não conseguia deixar de pensar que ela fora imprudentemente corajosa em fazer o que fizera. Entrar para o exército, arriscando ser

descoberta a cada passo. Mas ela tinha conseguido. E tinha se saído muito bem. Tinha os salvado. *Todos* eles.

Ele sacudiu a cabeça, endurecendo o seu coração. Isso não importava. Não mais. Ela estava expulsa. Passaria o resto de seus dias sozinha e envergonhada.

Mulan pegou as rédeas de Vento Negro e se afastou, mantendo os olhos no chão, envergonhada demais para fazer contato visual com qualquer um dos soldados. Honghui observou-a indo embora até se tornar apenas um pontinho no horizonte. Hua Jun, ele se deu conta enquanto se virava e caminhava até os seus camaradas, não existia mais. As coisas foram resolvidas como deveriam ter sido.

Mas, se foram resolvidas como deveriam ter sido, Honghui se perguntou, por que parecia tudo tão errado?

DEZENOVE



Mulan se sentia vazia. Ela caminhava sem direção nem propósito. A palavra “expulsão” martelava em sua cabeça, e ela via o olhar de aversão e decepção no rosto do Comandante Tung, além do olhar de traição no rosto de Honghui.

Ela nunca tivera a intenção de magoá-los. Só queria fazer a sua parte. No entanto, de alguma forma, ela sempre soube que esse dia chegaria. De uma forma ou de outra. Mas, por um breve e feliz momento, ao fazer com que a avalanche acabasse com o inimigo, ela se sentira forte, orgulhosa. Como se pudesse fazer qualquer coisa.

Mas, para quê? Agora ela estava expulsa. Não podia voltar para casa. Nem para o exército. Então, apenas seguiu em frente... Deixou para trás o vale e foi subindo as montanhas com Vento Negro ao seu lado. A cada passo, o ar esfriava um pouco, mas ela mal se dava conta disso.

Ao chegar à beira de um penhasco, Mulan parou. O mundo inteiro parecia se estender diante dela. O sol poente refletia na neve em tons de vermelho e rosa. À sua frente sentou-se a Fênix, com as penas brilhantes combinando com toda a cena. Mulan olhou para a bela vista, e seu coração se partiu ainda mais.

Afundando no chão, ela se permitiu chorar. Os soluços chacoalhavam o seu corpo enquanto ela envolvia a si mesma em um abraço, buscando um conforto que não conseguia encontrar. Enquanto o choro se intensificava, ela lutava para recuperar o fôlego. Seu peito estava apertado. Ela se sentia quebrada por

dentro, como se uma parte sua tivesse sido destruída e nunca mais fosse ser consertada.

– O que foi que eu fiz? – ela disse, olhando para a Fênix. – Eu nunca poderei enfrentar a minha família... Nunca poderei voltar para casa...

Ao dizer as palavras em voz alta, Mulan sentiu-se ainda mais desolada e abaixou a cabeça. Ela não era mais a forte guerreira que havia se tornado; era agora uma garotinha frágil e assustada.

Ali, sentada, sentiu a Fênix aproximando-se dela. A ave a abraçou com uma de suas asas. Aquilo era demais para Mulan suportar. Ela não merecia o amor incondicional da Fênix, mas se permitiu aceitá-lo, abraçando-a de volta.

Por um longo momento, a ave e a menina ficaram imóveis. O choro de Mulan se suavizou. Quando conseguiu recuperar o fôlego, sentiu uma sombra caindo sobre elas. Mulan olhou para cima e avistou um grupo de pássaros pretos voando em formação. Seu voo mais parecia uma linda – e sinistra – dança.

Havia algo de familiar nos pássaros. Enquanto seguia os seus movimentos, Mulan percebeu o porquê. Eram os mesmos pássaros pretos que tinham atacado o exército.

Como se fosse uma coreografia, os pássaros voaram diretamente até ela e, ao se aproximarem, se transformaram. A bruxa estava agora diante delas. Incentivada pela Fênix, Mulan ficou em pé. Erguendo a espada e juntando a pouca força que lhe restava, ela encontrou o olhar penetrante da bruxa.

– Se você está aqui para me matar – disse ela –, prometo que não será fácil.

– Matá-la? – Xianniang respondeu enquanto as suas sobrancelhas erguiam-se de surpresa. Ela balançou a cabeça. – Não. Sua desonra é pior que a morte.

As palavras foram como um tapa na cara de Mulan. Ela apertou com mais força a espada, forçando-se a manter a respiração calma e a expressão inabalável. Ela não queria dar à bruxa a satisfação de ver a sua dor. Mas não conseguiu.

Ao reconhecer a agonia de Mulan, a expressão dela se suavizou.

– Eu entendo você – disse a bruxa, depois fez uma pausa. Seus olhos ficaram pensativos, como se ela estivesse buscando algo na

memória. – Eu era uma garota como você quando o meu povo se voltou contra mim.

A espada estava tremendo na mão de Mulan. Havia desgosto nas palavras da bruxa. E, pela primeira vez desde que conhecera Xianniang, Mulan não a viu como uma bruxa, mas como uma mulher. Ela rapidamente julgara Xianniang como uma pessoa terrível, porque sabia que ela era aliada dos Guerreiros das Sombras. Mas Mulan não parara para se perguntar por quê. Por que alguém com tanto poder se submeteria ao comando de Böri Khan? Mas agora estava compreendendo: o próprio povo de Xianniang a tinha expulsado. Olhando para a bruxa, Mulan percebeu que elas tinham mais em comum do que ela poderia imaginar.

Como se estivesse lendo os pensamentos de Mulan, a bruxa prosseguiu. A dor em sua voz estava refletida em seu rosto enquanto ela falava.

– Eu vivi uma vida de exílio. Sem país. Sem aldeia. Sem família – fazendo uma pausa, Xianniang se certificou de que Mulan estava olhando para ela e acrescentou: – Nós somos iguais.

– Não, não somos – disse Mulan, ainda que o mesmo pensamento tivesse passado por sua mente. – Não podemos ser.

Xianniang balançou a cabeça.

– Nós somos, sim. Quanto mais poder eu mostrava, mais eu era esmagada. Assim como você. Você os salvou hoje. E, ainda assim, eles se voltaram contra você.

Mulan sentiu como se o chão sob seus pés estivesse tremendo. Xianniang estava dizendo a verdade. O Comandante Tung e os outros *haviam* se voltado contra ela, apesar de tudo o que havia feito por eles.

– Junte-se a mim – disse a bruxa, observando Mulan lutar com os seus pensamentos. – Seremos mais fortes juntas.

Por um longo momento, Mulan não disse nada. Ela não podia negar que, juntas, formariam uma dupla poderosa. Mas o que ela estaria sacrificando ao dar as costas ao mundo que conhecia? Lentamente, ela começou a se sentir mais segura.

– Você segue um covarde. Um líder que foge da batalha – disse Mulan.

Xianniang riu:

– Böri Khan não fugiu da batalha! – ela disse. – Esse “covarde” vai tomar a Cidade Imperial. E o seu Imperador cairá.

As palavras da bruxa finalmente tiraram Mulan de seu nevoeiro mental. *Cair?*, ela pensou. *O que a bruxa queria dizer?*

– Isso não pode acontecer! – Mulan gritou, mais uma vez a força a inundando. Ela deu um passo à frente.

– Mas é isso que deve estar acontecendo agora – disse Xianniang.

Embora ela estivesse provocando Mulan, havia fúria em sua voz, como se ela mesma não quisesse que fosse verdade. Ela se aproximou.

– Junte-se a mim. Conquistaremos juntas um lugar para nós.

Mulan olhou para a bruxa. Sua mente estava agora acelerada. Böri Khan havia desaparecido. Ele fugiu, e seu exército foi derrotado... Não foi?

De repente, Mulan entendeu o que a bruxa estava querendo dizer. Böri Khan não foi derrotado. Aquela derrota fazia parte de seu plano maior. Seu desaparecimento não fora uma batida em retirada. Ele estava indo atrás do próprio Imperador!

Balançando a cabeça, Mulan olhou para a bruxa. Ela ergueu o queixo, transformando-se novamente na mesma guerreira confiante que derrotara os rourans no campo de batalha.

– Eu já tenho o meu lugar! – declarou. – É meu dever lutar pelo reino e proteger o Imperador!

Virou-se, assobiou para Vento Negro e montou em suas costas. A tristeza e o desespero que ela vinha sentindo foram substituídos por uma onda furiosa de determinação. Ficava furiosa ao pensar que Böri Khan poderia se sair vitorioso. Mas, subitamente, ficou intrigada ao se lembrar do tom de fúria que ouvira nas palavras da bruxa.

Puxando as rédeas de Vento Negro, Mulan olhou para ela mais uma vez. Xianniang retribuiu o olhar, com decepção em seus olhos. E com algo a mais. Algo como admiração.

Sem dizer mais nada, Mulan começou a descer a montanha. A Fênix soltou um grito alto e saiu voando, seguindo-a.

– Eles não a ouvirão! – Xianniang gritou. – Será sempre um exército de homens!

Mas Mulan não olhou para trás. Deixou que Xianniang acreditasse que ela nunca encontraria um lugar no Exército Imperial. Mulan não se importava. Salvar o Imperador era só o que importava agora. E, para fazer isso, seria preciso avisar o Comandante Tung.



– O que está acontecendo aqui? – a voz do sargento Qiang ecoou pelo campo quando viu Mulan galopando em meio aos soldados.

Ignorando a pergunta do sargento e os olhares curiosos dos homens, ela saltou de Vento Negro e apressou-se até o Comandante Tung. Mas, vendo a sua expressão severa, Mulan diminuiu os passos. Quando chegou até ele, ela se curvou. Depois, olhando para cima, forçou-se a encará-lo.

– Comandante Tung – ela começou. – Temos que proteger o Imperador! A vida dele está em perigo!

Murmúrios duvidosos irromperam pelo campo. Os soldados não acreditaram nela. Parecia que nem o Comandante Tung.

– O exército de Böri Khan acaba de ser dizimado. A vida do Imperador nunca esteve tão segura.

Mulan sacudiu a cabeça.

– É nisso que Böri Khan *quer* que vocês acreditem. Por favor... – ela parou e olhou em volta, em busca de apoio. Não vendo nada além de olhares frios, continuou: – Vocês têm de me ouvir...

Dessa vez, foi o Comandante Tung que balançou a cabeça.

– Apenas um homem tolo ouviria alguém cuja própria existência é uma mentira.

Suas palavras doeram mais do que a adaga da bruxa. Uma parte dela queria se virar e ir embora. Mas, se ela partisse agora, todos estariam em perigo. O futuro do reino era mais importante do que o seu orgulho. Respirando fundo, ela persistiu:

– Na batalha, Böri Khan partiu com alguns de seus homens. Primeiro, pensei que ele fosse um covarde batendo em retirada, mas agora sei que ele estava indo para o leste, em direção à Cidade Imperial – ela fez uma pausa para recuperar o fôlego. – Esse era o plano dele o tempo todo. Enquanto o Exército Imperial estivesse

focado em seus ataques à Rota da Seda, Böri Khan escaparia para a capital para matar o Imperador!

Ela parou. Suas palavras pairaram no ar. Ela viu os soldados se levantarem enquanto processavam a notícia. Alguns acenaram com a cabeça, percebendo que o que Mulan sugeria fazia sentido do ponto de vista estratégico. Se pensasse que estava seguro, o Imperador seria um alvo fácil. Mulan voltou-se para o Comandante Tung. Ela viu a dúvida em seu rosto enquanto ele tentava equilibrar os seus sentimentos de traição e a sua experiência como comandante. Mulan sabia que ele via a verdade das palavras dela. Só tinha de fazê-lo ver algo nela além de sua mentira.

– Não existe exército no mundo capaz de derrubar a Cidade Imperial – continuou Mulan com palavras respeitosas, mas diretas. – Mas talvez um grupo pequeno e bem treinado consiga. Quando empregados corretamente, cem gramas podem movimentar quinhentos quilos.

O Comandante Tung fez uma pausa. Ele olhou para Mulan, e ela podia vê-lo amolecer um pouco. Ela não era apenas uma soldada. Ela havia provado a sua bravura mais de uma vez. Era uma aluna perspicaz, uma recruta disposta e uma guerreira corajosa. Ele *tinha* que ver isso. *Tinha* que passar por cima do seu único erro – mesmo que tivesse sido um grande erro.

– O senhor acreditaria em Hua Jun! – exclamou uma voz. – Por que não acreditaria em Hua Mulan?

Mulan virou a cabeça. Os seus olhos percorreram a multidão de soldados que a observava. Para a sua surpresa, ela viu que a voz pertencia a Honghui. Olhando diretamente para ela, ele fez um aceno com a cabeça, e ela podia jurar que viu um brilho nos olhos dele. Embora parecesse um pequeno gesto, era enorme para Mulan.

– Ela arriscou tudo revelando a sua verdadeira identidade – Honghui continuou, sua voz ficando mais forte. – Ela é mais corajosa do que qualquer homem aqui.

Ele parou e se virou para os outros soldados, desafiando-os a desafiá-lo. Desafiando-os a discordar. Mulan sentiu um nó formando-se em sua garganta. Apesar de sua traição, Honghui a estava defendendo. Era mais do que ela poderia esperar, e uma

onda de gratidão a preencheu. E cresceu ainda mais quando outros soldados, seguindo a liderança de Honghui, começaram, um a um, a sair em sua defesa.

– Acredito em Hua Mulan! – disse um deles.

– Sim! – acrescentou outro.

O coração de Mulan disparou quando Cricket, Po e até Yao juntaram-se ao coro de apoio. Eles estavam em pé ao lado dela; mesmo sem seu disfarce, eles acreditavam nela.

Mas e o Comandante Tung? Mulan voltou-se para o líder. Seu rosto estava imóvel e sua expressão, impossível de ler. Por um longo momento, enquanto as vozes ao redor foram se dissipando, eles ficaram frente a frente, sem falar, sem piscar.

– Tragam-me a minha espada – disse o Comandante Tung.

Enquanto o Sargento Qiang ia se aproximando, os soldados reunidos trocaram olhares nervosos. O que o comandante ia fazer? Diante dele, Mulan preparou-se para o pior.

– Hua Mulan – começou o Comandante Tung, chamando-a por seu verdadeiro nome pela primeira vez. – Suas ações trouxeram desgraça e desonra a este regimento, a este reino e à sua própria família – ele parou. Quando falou novamente, a sua voz estava cheia de respeito. – Mas a sua lealdade e a sua coragem são inquestionáveis. Você vai nos liderar enquanto cavalgamos para a Cidade Imperial – e, virando-se, ele se dirigiu aos outros soldados: – Preparem os cavalos!

Enquanto os homens entraram em ação, enchendo o vale com o som de espadas, Mulan ficou entre os seus companheiros soldados. Ela sentira orgulho ao chegar ao topo do santuário. E se sentira poderosa quando enganara o exército invasor e desencadeara a avalanche encosta abaixo. Mas nada disso se comparava ao que ela estava sentindo agora. Ela estava indo salvar o Imperador. E não apenas como soldada, mas como líder – e sendo ela mesma.

VINTE



O Palácio Imperial estava quieto. Do alto do céu, o sol projetava longas sombras na sala do trono. Sentado em seu trono, o Imperador estava em silêncio, perdido em seus pensamentos. Ele ouvira relatos perturbadores sobre os danos que Böri Khan e seus Guerreiros das Sombras haviam causado na Rota da Seda. Era apenas uma questão de tempo até o pânico e o medo se espalharem pelo reino. E com pânico e medo, viriam instabilidade e perigo. Isso não poderia acontecer. Ele precisava proteger seu povo e manter seu reino seguro.

O Imperador dirigiu o seu olhar para as portas da sala do trono se abrindo. O Chanceler vinha em sua direção, com urgência em seus passos. Quando chegou ao trono, fez uma reverência. Depois, endireitando-se, falou:

– Vossa Majestade. Uma palavra em particular?

O Imperador assentiu, tentando manter o rosto neutro enquanto os outros oficiais e atendentes da sala se afastavam. Ele conhecia o Chanceler havia muito tempo. Se ele parecia tão preocupado, algo de muito errado devia estar acontecendo. Infelizmente, ele estava certo.

– Batedores me informaram que Böri Khan se infiltrou na cidade – disse o Chanceler, com urgência em sua voz. – Ele está se reunindo no Palácio Novo com um pequeno grupo de assassinos altamente qualificados.

O Imperador inclinou a cabeça para refletir por um momento, sua mente estava acelerada com as notícias. Böri Khan teve a ousadia

de ocupar o Palácio Novo. A construção, como dizia o nome, era nova e ainda não estava terminada. Erguida em homenagem ao seu pai, tinha um significado especial para o Imperador. Também estava menos protegida, o que a tornava um alvo fácil. Se Böri Khan tinha sido capaz de tomar o Palácio Novo, então sua força era maior do que haviam previsto.

Quando o Imperador olhou para o seu Chanceler, a sua costumeira expressão amável já não estava mais ali. Em seu lugar, havia a expressão de um guerreiro feroz e mortal.

– Prepare os meus soldados – disse ele. – Vamos ao local imediatamente.

– Vossa Majestade – protestou o Chanceler. – É muito perigoso.

– A sua lealdade e preocupação com a minha segurança são muito valorizadas – disse o Imperador.

Mas ficou claro que ele não tinha a intenção de ouvir o seu conselheiro dessa vez. Apontando para os generais e outros oficiais que haviam se recolhido nas sombras e agora davam um passo à frente, ele se preparou para dar ordens.

O chanceler o interrompeu antes que ele pudesse começar.

– Se me permite o atrevimento, Vossa Alteza Imperial... – ele começou sob um olhar severo do Imperador. Mas, apesar do olhar, o líder assentiu para que ele continuasse. – Coloque-me no comando do seu Exército Imperial. Eles seguirão as ordens e cercarão o Palácio Novo.

O Imperador ficou em silêncio enquanto pesava as palavras do Chanceler. Tomando o silêncio como uma oportunidade, o Chanceler continuou:

– Por favor, leve em consideração os seus cidadãos. Sua segurança deve ser garantida.

As palavras arrebataram o Imperador. Embora não fosse o que ele escolheria fazer, o Chanceler estava certo. Ele era o Imperador. Atirar-se nos braços abertos do inimigo sem apoio era uma manobra tola que poderia deixar o Império sem governo. Não, o Chanceler estava certo. Ele deu, então, as suas ordens.

– Estou colocando o Chanceler no comando da Guarda Imperial. O comando dele é o meu comando.

Enquanto os generais e oficiais se curvavam em concordância, o Imperador continuou, em voz alta:

– Esse monstro que ataca as nossas rotas comerciais! Esse assassino que ameaça o nosso modo de vida! Vou matar Böri Khan como matei o pai dele. Com as minhas próprias mãos.

Sem dizer mais nada, o Imperador saiu da sala do trono. Atrás dele, o Chanceler apenas assistiu à cena. Por vários minutos, ele ficou lá, com os olhos semicerrados e as mãos entrelaçadas enquanto oficiais e generais circulavam por todos os lados da sala. Depois de alguns momentos, ele se dirigiu a uma das janelas. Um lampejo de aprovação brilhou em seus olhos quando viu o Imperador se afastando do palácio, ladeado por sua guarda.

O Chanceler dirigiu-se para um dos oficiais mais velhos.

– Reúna todos os guardas imperiais imediatamente. Isso inclui todos os guardas de todas as torres e de todos os portões.

O anúncio foi recebido com murmúrios chocados.

– Mas quem protegerá a cidade? – perguntou o oficial.

– Você questiona o julgamento de Sua Majestade, o Imperador? – retrucou o Chanceler duramente.

O oficial sênior logo balançou a cabeça.

– Claro que não, Chanceler – disse ele, recuando. – Vou tomar providências imediatamente.

Quando finalmente a sala do trono ficou vazia, o Chanceler caminhou em direção ao trono. Erguendo o braço, puxou um alfinete da nuca. Quando o corpo do homem caiu no chão, inconsciente, uma centena de pequenos pássaros se ergueram em seu lugar. Havia sido Xianniang o tempo todo. Os pássaros se levantaram e dispararam em direção à porta aberta. Subindo aos céus, organizaram-se de forma bem definida. Eles eram um sinal.

Enquanto isso, no canteiro de obras do Palácio Novo, Böri Khan avistou o bando de pássaros. Um sorriso se espalhou por seu rosto. Xianniang conseguira. Ela convencera o Imperador a deixar o seu palácio aberto e desprotegido e correr direto para a armadilha. O homem era um tolo. E agora ele pagaria por isso. Böri Khan fez um sinal para os seus Guerreiros das Sombras e observou enquanto eles se reuniram sobre um andaime na torre de vigilância a oeste e desapareceram.



Cavalgando Vento Negro, Mulan entrou pelos portões da Cidade Imperial. Haviam partido em alta velocidade do Mercado da Estepe Montanhosa, e tanto os cavalos quanto os cavaleiros estavam cansados. Mas, vendo os portões abertos e sem vigilância, ela e os outros soldados imperiais instantaneamente entraram em alerta. O corpo de Mulan ficou tenso e ela sentiu sua pele formigar. Algo estava errado. Impulsionando Vento Negro, ela e seus companheiros adentraram a Cidade.

Os cidadãos abriram caminho com medo e surpresa. Os soldados não diminuíram a velocidade até chegarem à praça principal do Palácio Imperial. Quando a adentraram, Mulan puxou as rédeas de Vento Negro, diminuiu a velocidade do cavalo e olhou por cima do ombro, para o Comandante Tung, com preocupação no olhar. A praça não deveria estar aberta. Os portões não deveriam estar desprotegidos. Onde estavam os homens que guardavam o Imperador e o Palácio?

Houve o som de madeira rangendo. Girando a cabeça, Mulan viu os portões da praça se fecharem. Um momento depois, foram trancadas. Eles estavam presos!

– É uma emboscada! – Mulan gritou para os outros soldados, enquanto os cavalos nervosos se remexiam e relinxavam.

Desembainhando sua espada, o Comandante Tung gritou aos soldados para se organizarem em formação tática. Assim que ele terminou, figuras escuras apareceram nas varandas que circundavam a praça. Em seguida, as figuras revelaram ser os Guerreiros das Sombras de Böri Khan. Eles saltaram das varandas, aterrissando no chão com a graça de uma dançarina, mas já com as espadas erguidas para a batalha.

O Comandante virou-se para Mulan:

– Proteja o Imperador! – ordenou.

Mulan não hesitou. Pulando nas costas de Vento Negro, saiu cavalgando pela praça. Seus braços chicotearam a espada no ar em movimentos precisos e fluidos enquanto ela afastava os atacantes que entravam em seu caminho. Atrás dela, o Comandante Tung convocou outros soldados para ajudá-la. Na mesma hora, Honghui,

Cricket, Po e o resto dos soldados correram à frente para afastar os guerreiros do caminho de Mulan.

Livre de seus atacantes, Mulan entrou no Palácio em busca do Imperador. Logo chegou à sala do trono. Enquanto corria, agradeceu silenciosamente ao Comandante Tung por sua liderança e preparação. Durante toda a viagem até a capital, ele descrevera a planta do Palácio para ela, caso tivessem de se separar durante a missão. Ela virou à esquerda e à direita e depois subiu um lance de escada, alcançando as portas da sala do trono.

Então, empurrou as portas e entrou. Os barulhos externos da batalha desapareceram quando as portas se fecharam atrás dela. Avistando uma figura no trono, ela correu pela sala comprida e se curvou.

– Vossa Majestade – disse com o coração acelerado ao ver o líder em segurança. – Sou Hua Mulan, do Quinto Batalhão. Vim para protegê-lo.

– Impossível.

A cabeça de Mulan levantou-se com a surpresa, ao ouvir uma conhecida voz feminina responder. Olhando para cima, os seus olhos se ajustaram à escuridão da sala, e ela viu que não era o Imperador sentado no trono. Era Xianniang. A bruxa olhou para ela. Depois, levantou-se e falou novamente, com a voz cheia de descrença.

– Uma mulher liderando o exército de um homem.

Os olhos de Mulan se estreitaram. A bruxa podia pensar o que bem quisesse. A verdade era que o Comandante Tung, Honghui e todos os outros soldados a haviam aceitado. E estavam contando com ela agora.

– Onde está o Imperador? – ela perguntou, desembainhando a espada e avançando em direção ao trono.

Mas os seus passos diminuíram quando ela se aproximou de Xianniang. A dor e o luto estavam gravados no rosto da bruxa, deixando as suas feições estranhamente mais bonitas. Ela parecia vulnerável – e assustada. Mulan sentiu vontade de perguntar o que tinha acontecido. Mas ela não precisava. Ela sabia. A vitória de Böri Khan podia estar se aproximando, mas Xianniang estava sozinha. De muitas maneiras.

– Você estava certa – disse Mulan, abaixando a arma. – Nós *somos* iguais.

Xianniang dirigiu-lhe um sorrisinho triste.

– Com uma diferença: eles aceitam você e nunca me aceitaram.

As palavras da bruxa estavam cheias de emoção, Mulan viu uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. O coração de Mulan ficou apertado. Pouco tempo antes, ela também se sentira como se não pertencesse àquele mundo. No entanto, ironicamente, Xianniang havia lhe dado forças para abraçar a sua verdadeira identidade. Agora, talvez, ela pudesse fazer Xianniang ver que havia outra saída.

– O tempo todo, você disse que a minha jornada era impossível – disse Mulan, suavizando a voz enquanto se aproximava do trono. – No entanto, aqui estou. A prova de que existe um lugar para pessoas como nós.

– Não – respondeu Xianniang, balançando a cabeça e encolhendo-se com um sentimento de derrota. – É tarde demais para mim.

Mulan embainhou sua espada. Parou em frente ao trono, desarmada e vulnerável. Por um longo momento, guerreira e bruxa se entreolharam. Mulan não se mexeu e sua respiração permaneceu firme enquanto observava Xianniang lutando para escolher um lado.

– Por favor – disse Mulan, quebrando o silêncio. – Preciso da sua ajuda.

A voz dela, forte e orgulhosa, ricocheteou nas paredes da sala do trono. Mulan não conseguia ler a expressão da bruxa. Então, Xianniang deu um passo adiante. Mulan respirou, hesitante. O que ela iria fazer?

Em resposta, Xianniang soltou um grito agudo. Mulan levou a mão aos ouvidos enquanto observava a bruxa soltar a adaga e descer as escadas do trono – diretamente em sua direção. Logo antes de trombar com Mulan, Xianniang soltou outro grito e se transformou em um falcão. Voando sobre a cabeça de Mulan, a bruxa desapareceu pelas portas da sala. Mulan correu atrás dela pelo corredor e seguiu o falcão enquanto ele voava pelos degraus do palácio e acima da Praça Imperial.

Com a cabeça arqueada para trás, Mulan foi seguindo o pássaro, que continuou a sobrevoar a Cidade e depois seguiu em direção ao Palácio Novo. Mulan o acompanhou com os olhos. Enquanto isso, lá embaixo, o Comandante Tung e seus homens lutavam, tentando derrotar os Guerreiros das Sombras. Mulan subiu em um telhado acima da praça. Seus olhos se fixaram no falcão enquanto ela corria sobre as telhas. Quando chegou à beirada do telhado, foi saltando sobre as coberturas das casas próximas. Seus passos eram confiantes, apesar das superfícies irregulares e da grande altura arquitetônica. Em pouco tempo, chegou ao canteiro de obras do Palácio Novo. Só então diminuiu a velocidade.

Saltando até o chão, Mulan ficou em pé, recuperando o fôlego enquanto o falcão mergulhava na torre de vigilância a oeste. Um sorrisinho abriu-se em seu rosto. Ela sentiu que Xianniang atendera ao seu pedido de ajuda. Em algum lugar no meio da construção, devia estar o Imperador – e Böri Khan. Agora Mulan só precisava encontrá-los.



– Por que você está aqui?

A voz de Böri Khan explodiu de raiva quando Xianniang voou pela janela da torre. Andaimes cobriam o interior do edifício inacabado. O líder rouran estava em uma das plataformas elevadas de madeira, e o Imperador se encontrava amarrado a um poste atrás dele. Voltando à sua forma humana, ela se aproximou do guerreiro rouran, ignorando o seu olhar mortal. Ele não tinha mais poder sobre ela.

– O ataque encontrou uma resistência feroz – disse Xianniang.

Os olhos de Böri Khan se arregalaram em descrença.

– De quem? – ele retrucou.

Xianniang quase sorriu, mas manteve a expressão estoica ao responder:

– Uma jovem aldeã.

Böri Khan riu.

– Uma garota?

Caminhando em direção à borda da torre, Xianniang olhou ao redor. No chão, lá embaixo, avistou Mulan correndo em direção à torre. Ela estava calma e composta, com uma expressão focada.

Voltando-se para Böri Khan, Xianniang balançou a cabeça.

– Não – e completou com a voz forte e orgulhosa: – Uma *mulher*. Uma guerreira. Ela lidera um exército de soldados corajosos e leais. E esse exército também está a caminho.

Ela sorriu ao ver o efeito das suas palavras no rosto de Böri Khan, que se contorceu de raiva. Ele olhou pela janela inacabada da torre como que procurando o exército. Em vez disso, viu Mulan vindo na direção deles – a guerreira que ameaçava arruinar seus planos.

– Uma mulher está liderando um exército – Xianniang continuou, pronunciando as palavras lenta e deliberadamente. – E ela não é uma *vira-lata* desprezada.

– Você a trouxe até aqui – acusou Böri Khan, voltando-se para Xianniang. Ele parecia surpreso.

– Você não deveria ter confiado em mim – disse ela.

O momento foi um eco da conversa anterior. Só que agora era ela que estava com o poder. Porque não precisava mais dele. E ele sabia disso. O rosto de Böri Khan ficou vermelho, e suas mãos tremiam de raiva. Ele agarrou o arco e apontou uma flecha diretamente para a bruxa. Xianniang não se mexeu, exceto para levantar uma sobrancelha perfeitamente arqueada.

– O que faz você pensar que pode me matar? – ela perguntou.

– Não posso – respondeu Böri Khan. Rápido como um raio, ele se virou e apontou a flecha na direção de Mulan, que havia passado pelos portões do Palácio Novo e estava parada lá embaixo. – Mas eu posso matar a garota – disse ele, atirando a flecha.

Xianniang observou a flecha se mover no ar como se estivesse em câmera lenta. Olhando para Mulan, sabia que não podia deixar a garota morrer nas mãos de Böri Khan. O guerreiro rouran foi o último de uma longa fila de pessoas que fizeram Xianniang se sentir aprisionada, com medo de abraçar o poder que tinha dentro de si.

Xianniang estava certa. Elas eram semelhantes. Mulan havia escondido quem era, talvez não na forma de um pássaro, mas sob a armadura de um homem. No entanto, ela finalmente abraçou quem era e permitiu que outros vissem o seu verdadeiro eu. Mulan havia

feito o que Xianniang nunca conseguira fazer: ela se tornara livre. Se Mulan morresse agora, tudo que ela representava, tudo pelo que lutava, seria por nada.

Xianniang sabia o que tinha que fazer. Pulando pela janela, ela se transformou em um falcão. Com um bater de asas, ela se posicionou na trajetória da flecha.

A flecha perfurou o seu corpo, atirando-a andaime abaixo. O vento assobiou em seus ouvidos enquanto caía. Pouco antes de atingir o solo, os braços de Mulan se abriram e a pegaram. Quando Mulan a abaixou no chão, Xianniang se transformou de volta em sua forma humana. Ela olhou para Mulan e deu um sorriso enfraquecido, a vida já deixando o seu corpo. Sua cabeça ficou pesada, e Xianniang deixou-se tombar. Ao fazê-lo, encontrou os olhos de Mulan, cheios de surpresa e compaixão.

– Faça valer o seu lugar, Hua Mulan – ela sussurrou.

E, então, com um último suspiro, o seu peito ficou imóvel.

VINTE E UM



Mulan olhou para a mulher à sua frente. Na morte, o rosto da bruxa parecia tranquilo. Isso trouxe algum conforto a Mulan. Xianniang tinha sido muitas coisas, mas, em seu coração, ela fora mesmo uma forte guerreira. Ela não precisava ter morrido. Não precisava ter sofrido nas mãos de Böri Khan por tanto tempo só para se sentir aceita. Mas, agora, pelo menos ela estava livre.

Ficando em pé, Mulan tentou se afastar da dor que, surpreendentemente, estava sentindo. A melhor coisa que poderia fazer por Xianniang agora era derrotar Böri Khan e salvar o Imperador. Pegando a sua espada, ela correu através do labirinto. Feixes de luz cortavam as sombras e o vento soprava através das vigas e escombros, provocando um som sibilante.

Mulan avistou Böri Khan. O guerreiro estava de costas para ela, em frente a uma grande fornalha. No interior, metal fundido fluía em uma enorme banheira, enchendo-a com um líquido escaldante. Focado na fornalha, ele não ouviu Mulan se aproximar. Aproveitando a sua distração, Mulan examinou a área, procurando por algum sinal do Imperador. Ela vasculhou ao redor com os olhos e parou ao avistá-lo. Ele estava amarrado a um poste e sangrando por vários ferimentos, mas estava vivo.

Respirando fundo, Mulan foi na ponta dos pés até uma viga e a escalou. Usando as barras cruzadas que ziguezagueavam sobre a sala, Mulan foi se aproximando cada vez mais do Imperador. Ela estava quase lá quando uma grande sombra pairou sobre ela.

Böri Khan estava à sua frente, bloqueando o caminho até o Imperador. Na meia-luz, ele parecia gigantesco, como o personagem de um pesadelo. Ele a mediu de cima a baixo com um ar de zombaria.

– A *garota* que veio salvar a dinastia – ele disse, com a voz cheia de desdém.

Mulan sabia que, para Böri Khan, ela não passava de uma garotinha. Mas ele estava errado. Ela era *muito* mais do que isso. Assumindo sua posição de guerreira, ela ergueu a espada.

– Se você se render – ela começou. – Vou garantir que a sua morte seja rápida e indolor.

Em resposta, Böri Khan riu. E, então, atacou. Com um movimento rápido e potente, ele girou a sua espada sobre Mulan. O movimento foi tão rápido que ela mal teve tempo de levantar a espada para bloqueá-lo. Mas o movimento a desequilibrou, e ela caiu. Com um baque, ela despencou sobre uma viga abaixo dela, e o impacto lhe roubou o ar.

Enquanto tentava ficar em pé, Böri Khan a seguiu. Ela rolou para trás e saltou, desviando da espada oscilante. Rastejando pela viga, ela olhou tanto para Böri Khan quanto para o Imperador.

Böri Khan continuou vindo em sua direção, seu riso cruel fazendo as vigas vibrarem. Sua espada chicoteava pelo ar, e Mulan saltou para outra viga para se proteger. O metal fez um som estridente ao destruir a viga da qual ela acabara de sair. Aproveitando esse erro, Mulan correu para cima, aproximando-se novamente do Imperador. Ela ouviu o rugido de raiva de Böri Khan vindo atrás dela.

Saltando de viga em viga, Mulan estava apenas a alguns passos à frente do grande guerreiro. Mas, mantendo-se à frente, ela logo alcançou o Imperador preso. Virando-se a tempo, Mulan conseguiu se defender da espada de Böri Khan mais uma vez. O som de metal com metal encheu o ar enquanto ela lutava para manter-se forte contra a investida de Khan. Mas, então, ele usou toda a sua força em um movimento tão poderoso que a espada saiu voando da mão de Mulan.

Horrorizada, ela viu a lâmina caindo, caindo, até mergulhar com tudo na banheira de metal líquido da fornalha. Ela soltou um grito de desespero ao ver a espada de seu pai derreter e desaparecer.

Por um longo momento, ela olhou para a fornalha. Ela havia perdido a espada de seu pai. Ela havia perdido tudo. Que chance teria agora contra o grande e poderoso Böri Khan?

De repente, lá de cima, ela ouviu uma voz.

– Você é uma guerreira poderosa.

Erguendo os olhos, ela viu o rosto do Imperador. Mesmo preso, ele tinha um olhar firme e calmo.

– Erga-se como a Fênix – o Imperador falou. – Lute pelo reino e pelo povo.

Erga-se como a Fênix. As palavras do Imperador penetraram em Mulan. Era por isso que a Fênix a ajudara? Tudo a havia conduzido a este momento? Ela se lembrou da desolação que sentira no penhasco da montanha, exilada e sozinha. E, então, pensou sobre a força que ela encontrara ao enfrentar Xianniang e sobre o poder que sentira quando o Comandante Tung a aceitou de volta. Ela havia superado os obstáculos que surgiram em seu caminho. Ela *era* uma fênix. Tinha renascido para se tornar uma guerreira.

Ouvindo asas batendo atrás dela, lentamente Mulan ficou em pé e virou-se. Ela perdeu o fôlego ao avistar a Fênix com as grandes asas abertas. A ave já não era a criatura triste de quando Mulan a conhecera. Ela era linda. Forte. Magnífica. As cores vivas de suas asas ofuscavam a vista de Mulan.

Tomada por um sentido de propósito renovado, pelo poder das palavras do Imperador e pela Fênix, Mulan encarou Böri Khan. O guerreiro rouran hesitou apenas por um instante, surpreso ao ver a sua resiliência, e, em seguida, correu na direção dela.

Mulan também correu em sua direção. Por um momento, parecia que eles trombariam. Mas, no último segundo, Mulan saltou. Pairando sobre Böri Khan, ela pousou sobre um fino pilar de bambu atrás dele. Equilibrando-se perfeitamente apesar da estreiteza da superfície, ela desafiou Böri Khan com um sorriso.

O guerreiro rugiu e balançou a sua espada, partindo o bambu de uma só vez. Mas não derrubou Mulan. Saltando sobre outro, e depois outro, ela foi de bambu em bambu enquanto Böri Khan continuava a movimentar a sua espada de maneira selvagem. Chegando ao final dos pilares, ela levantou o braço e agarrou um

pedaço de bambu que oscilava no ar após ter sido cortado. Pousou no solo e estendeu o bambu à sua frente, como se fosse um bastão.

Sua respiração estava ofegante. Ela estava exausta. Cada músculo doía e até mesmo os seus ossos pareciam arder. Ela tinha lutado durante tanto tempo. Primeiro para encontrar o seu lugar no exército e, depois, na batalha contra centenas de guerreiros ferozes. E, agora, contra o guerreiro rouran mais forte de todos. Ela não sabia por quanto tempo aguentaria. Mas, se parasse, o Imperador morreria, e o que seria do reino? Uma imagem do *tulou* veio à sua mente. A pacata aldeia habitada pelas mesmas famílias geração após geração. O que seria de seu lar? Da sua família? Ela tinha de continuar lutando. Respirando fundo, ela levantou o bambu.

Mais uma vez, Böri Khan veio em sua direção. Com movimentos fluidos, Mulan usou o bambu para bloquear a espada dele. Mal era possível ver o bastão se movendo pelo ar, tal era a destreza que ela usava para movimentá-lo. Böri Khan tentou acompanhar o movimento atordoante, mas acabou tropeçando. Aproveitando a oportunidade, Mulan parou de girar e acertou-lhe o rosto. Ele soltou um grito ao levar sua mão até a bochecha.

Mulan continuou se movendo. Ao correr de volta na direção do Imperador, ela ouviu Böri Khan vindo atrás dela. Então, virou-se e levantou o bambu assim que a espada de Böri Khan quase atravessou sua cabeça. Mulan gritou quando a sua lança improvisada de bambu rachou no meio, partindo-se em duas. O guerreiro rouran continuou a movimentar a espada, quebrando a madeira abaixo e cortando uma corda presa nas proximidades. Sem a corda para segurá-la, uma das vigas gigantes soltou-se, assim como o andaime preso a ela. Ele balançou para a frente e para trás, entre onde Mulan e o Imperador estavam.

Observando o longo pedaço de madeira, Mulan teve uma ideia. Ela saltou sobre o andaime na tentativa de usá-lo para chegar ao Imperador. Mas ele estava muito alto. Desesperadamente, ela agarrou-se na viga horizontal e ficou pendurada ali, abraçada ao pedaço de madeira. Com o seu peso e a força do salto, a viga começou a balançar de um lado para o outro.

Böri Khan, com o rosto cheio de raiva, saltou e agarrou a extremidade oposta do pedaço de madeira. A madeira rangeu com o

peso dos dois, cada qual pendurado em uma extremidade. Böri Khan e Mulan pegaram impulso para subirem na viga. Eles tentavam se equilibrar sobre o pedaço de madeira balançando para trás e para a frente.

Olhando para o chão lá embaixo, que agora parecia muito distante, Mulan respirou, nervosa. Böri Khan não pararia até derrotá-la. Ela o viu começando uma manobra em sua direção, mas seu peso fez com que o seu lado da viga se erguesse, forçando-a a se mover para o centro, aproximando-se do rouran. Bastaria a Böri Khan acertá-la com a espada e ela cairia dali. Ela tinha todos os motivos para recuar.

Mas, então, como se houvesse algo no fundo de seus pensamentos que a lembrava do motivo para continuar, ela ouviu a voz do Comandante Tung em sua cabeça e a leitura em voz alta dos Pilares da Virtude. Ela ouviu o Imperador incentivando-a a se erguer como a Fênix. Ela viu, em sua mente, o magnífico pássaro. E ela soube, naquele momento, que não iria desistir. Lentamente, Mulan dobrou os joelhos e levantou os braços, ficando na postura do guerreiro que o Comandante tinha lhe ensinado. Com o seu centro de gravidade rebaixado, o equilíbrio ficou mais forte. O ambiente ao seu redor desapareceu, e ela estava de volta às margens do lago, praticando os movimentos que o Comandante Tung ensinava aos soldados. Conforme Böri Khan vinha em sua direção, Mulan movia-se para frente e para trás, atacando e se defendendo e, ao mesmo tempo, permanecendo estável e focada.

Böri Khan, por outro lado, foi ficando cada vez menos concentrado. Conforme Mulan escapava de todos os seus ataques, a sua irritação foi crescendo. Os movimentos de sua espada tornaram-se menos controlados. Soltando um grito furioso, ele foi com tudo para cima dela.

Mulan mal teve de se mover. Usando a energia dele contra ele mesmo, ela deixou que ele a perseguisse sobre a viga estreita, tirando a espada de sua mão quando ele passou por ela. Ao chegar à ponta da viga, ele se virou e deu de cara com a lâmina de sua própria arma apontada para a sua garganta.

Böri Khan olhou para ela com surpresa, e Mulan saltou para cima, segurando uma corda que pendia do teto. Em seguida, usando a

espada do rouran, ela cortou a corda que ainda segurava a viga. Pouco a pouco, a corda começou a ceder. Então, com um rangido alto, acabou rasgando, e Böri Khan despencou lá embaixo, no chão.

Sem esperar para ver se Böri Khan já havia se recuperado da queda, Mulan pulou sobre a plataforma em que o Imperador estava amarrado. Ela correu e cortou as cordas que o prendiam. O coração de Mulan acelerou enquanto ela tentava desesperadamente soltar o Imperador. Ouvindo o homem prender a respiração, ela se virou e viu que Böri Khan estava em pé no chão, seu arco na mão direita e uma flecha apontada para eles.

Böri Khan puxou a flecha para trás.

Mulan cortou as cordas mais rapidamente.

Ao mesmo tempo que o rouran atirou a flecha, Mulan terminou a tarefa. Com as mãos livres, o Imperador posicionou-se e, pouco antes de a flecha perfurar o seu peito, ele ergueu o braço e a agarrou. Com um olhar de desafio, o Imperador atirou a flecha no ar.

Ambos, Böri Khan e Mulan, ficaram boquiabertos. Mas Mulan foi a mais rápida a se recuperar. Vendo a flecha subindo e depois descendo para o chão, ela decidiu aproveitar a chance. Saltando no ar, ela girou em torno de seu corpo, estendeu o pé e, com um *tack!*, chutou com tudo a ponta da flecha. O movimento lançou a flecha pelo ar, em direção a Böri Khan.

Levantando a mão, o grande guerreiro tentou pegá-la. Mas ele não foi rápido o suficiente. Alimentada pela força e pelo poder de Mulan, a flecha perfurou o peito de Böri Khan, derrubando-o no chão, onde ficou deitado, imóvel.

O silêncio pairou quando Mulan assimilou a realidade do que tinha feito. Seu corpo tremia com a adrenalina, e os seus joelhos estavam bambos. Ela se virou. O Imperador ficou olhando para ela com uma expressão que ela não conseguia interpretar. Ela imediatamente ajoelhou-se ao chão, fazendo uma reverência.

– Levante-se, soldado – disse o Imperador. Mulan levantou-se. – Diga-me o seu nome.

Mulan respirou fundo, parando por um breve momento. Ela tinha acabado de derrotar Böri Khan, o guerreiro mais temido da China. Tinha vencido com a própria força e habilidade e, assim, salvado o Imperador e todo o reino. Um calor se espalhou dentro dela quando

se deu conta da magnitude do que tinha feito. Alguns momentos passaram em sua mente: Xianniang sacrificando a própria vida. O Comandante Tung acreditando nela. Honghui a defendendo. Ela tinha passado tanto tempo fingindo ser alguém que não era com a esperança de, assim, conseguir ajudar. A ironia era que, o tempo todo, ela só precisava ter sido ela mesma. Erguendo a cabeça, Mulan encontrou o olhar do Imperador.

– Eu sou Hua Mulan – ela respondeu e, quando o nome ecoou pela torre, ela sorriu.

VINTE E DOIS



O Palácio Imperial estava reluzente. Centenas de lampiões coloridos flutuavam no céu, enquanto pessoas enchiam as ruas, riam e celebravam. Um desfile, liderado por um grande dragão vermelho, cruzou a rua principal, enquanto a música e o aroma de comida espalhavam-se pelo ar.

Mulan estava em pé na sala do trono, com a mente toda embaralhada.

As últimas horas haviam sido surreais. Assim que o Imperador pronunciou o seu nome, Mulan encheu-se de medo. Ela o tinha protegido, e tinha feito isso como a mulher que era. E a sua presença no exército ainda era ilegal. Ela o seguira do Palácio Novo ao Palácio Imperial com um nó na garganta, convencida de que ele iria puni-la. Mas, para sua surpresa, ele a trouxe para o Palácio para condecorá-la.

Agora ela estava diante do trono. Era uma pequena figura rodeada por dezenas de velas que iluminavam a sala, tornando-a quente e luminosa. Atrás dela, as pessoas mais importantes da cidade a observavam atentamente. Entre elas, estavam o Comandante Tung, Honghui e o restante do seu batalhão. Até Ramtish e Skatch estavam lá, mesmo depois de terem sido forçados a lutar. Na verdade, eles pareciam quase bonitos, agora que tinham tomado um bom banho e que estavam ali em pé, exalando orgulho.

Levantando-se de seu trono, o Imperador aproximou-se de Mulan. Ela fez uma reverência e sorriu, mas ele a incentivou a endireitar-se.

– Hua Mulan – o Imperador começou, e sua voz ecoou pela multidão. – O povo tem com você uma dívida de gratidão. Eu lhe devo a minha vida. Em gratidão por seu serviço e por sua dedicação, convido-a a tomar o seu lugar entre os nossos maiores guerreiros condecorados, tornando-se uma oficial da minha Guarda Imperial.

Atrás dela, foram ouvidos os murmúrios de surpresa. O que o Imperador lhe oferecera era uma incrível honra. Na verdade, era a maior honra que qualquer soldado poderia desejar. Mulan prendeu a respiração e teve de desviar o olhar do Imperador para que ele não visse a emoção tomando conta de seu rosto. Mas, ao desviar, ela deu de cara com Yao, com lágrimas escorrendo sobre o seu rosto enquanto observava Mulan com orgulho. Ver o grande soldado chorando fez Mulan sorrir, e ela se virou de novo para o Imperador. Ela sabia o que tinha a dizer.

– Vossa Majestade – ela começou. – Sinto-me profundamente honrada por esse convite incomensurável. Mas, com humildes desculpas, não posso aceitá-lo.

Mais uma vez, um murmúrio de surpresa percorreu a sala cheia. As pessoas tentavam compreender a sua resposta. Apenas o Comandante Tung parecia compreendê-la, e ele lhe dirigiu um sorriso tranquilizador enquanto ela prosseguia:

– Parti de casa na escuridão, traindo a confiança da minha família. Fiz escolhas que podiam levá-la à desonra. Depois jurei ser leal, corajosa e verdadeira. A fim de cumprir esse juramento, devo voltar para casa e fazer as pazes com a minha família.

Houve uma pausa enquanto o Imperador refletia sobre as palavras de Mulan. Depois, ele assentiu. Levantando a voz, ele se dirigiu formalmente à sua corte.

– Devoção à família é uma virtude essencial!

Enquanto os seus escribas tomavam nota dessa nova declaração oficial, o Imperador olhou mais uma vez para Mulan. Ele não disse nada por um momento, e seus olhos acolhedores pareceram atravessar a alma dela. Então, como se estivesse satisfeito com o que vira, ele assentiu novamente. Dessa vez, em um tom de voz que só ela conseguia ouvir, ele disse:

– Muito bem, Hua Mulan.

Então, ele se virou e retornou ao seu trono. Mulan foi até os soldados – agora, seus amigos. A noite era uma criança, e a festa estava apenas começando. Pelas próximas horas, Mulan decidiu, ela não pensaria na viagem de volta para casa e apenas aproveitaria o momento. Ela teria tempo para pensar sobre o que dizer quando visse a sua família – e o seu pai – mais tarde.

A luz da alvorada já brilhava sobre a Cidade Imperial quando Mulan, puxando seu Vento Negro, atravessou a ponte em direção ao portão principal. No céu ainda havia alguns lampiões à deriva, enquanto um barco vazio flutuava sobre a água. A cidade estava silenciosa após a grande festa, assim como Mulan.

– Você não pode ir embora.

Ouvindo a voz de Honghui, Mulan virou-se, surpresa com a emoção que sentiu ao ver o belo rapaz. Durante a noite toda, ela tinha tentado encontrá-lo, mas em vão. Havia tanta coisa que ela queria dizer. Ela queria pedir perdão e dizer que sempre quisera lhe contar a verdade. Ela queria dizer olá – e adeus. Mas, agora que ele estava ali, na sua frente, ela ficou sem palavras.

Honghui chegou mais perto, e o sol nascente fez o seu cabelo brilhar e os seus olhos cintilarem. Ele sorriu enquanto se aproximava, e Mulan não pôde deixar de sorrir de volta.

– O Imperador me deu permissão para ir embora – disse ela. – Mas você não?

– Nós não dissemos adeus – respondeu Honghui.

– Adeus, Honghui – ela respondeu.

– Adeus, Mulan.

Houve uma estranha faísca quando os seus olhos se encontraram. Os dois queriam – precisavam – dizer mais, mas nenhum queria ser o primeiro a fazê-lo. Mulan parecia um pouco inquieta. Diante dela, Honghui passou uma mão pelo cabelo. Mulan se perguntou como seria poder pegar naquela mão.

Como se estivesse lendo os seus pensamentos, Honghui fez exatamente isso. Estendendo a sua mão, ele tentou pegar a mão dela. Nervosa, Mulan agarrou ainda mais as rédeas de Vento Negro. Honghui sacudiu a cabeça.

– Você ainda não quer pegar na minha mão? – ele perguntou. A sua voz soou suave e profunda com a emoção.

Por que ela estava hesitando? Honghui estava lá, na frente dela, pedindo-lhe a mão e, no entanto, naquele momento, ela estava mais assustada do que nunca – mais ainda do que quando enfrentara Böri Khan. Aquilo parecia mais real, mais perigoso, mais importante. O ar estava carregado com uma eletricidade que ela ainda não sabia definir. Segurando a respiração, Mulan deixou os seus dedos se entrelaçarem nos dele. Ao fazer isso, uma emoção atravessou todo o seu corpo. Ela olhou para os seus dedos, agora entrelaçados, e viu um futuro. Levantando os olhos, ela encontrou o olhar de Honghui. Pela primeira vez, ela realmente olhou para ele e deixou que ele olhasse para ela... Como Mulan. Ela moveu a cabeça para mais perto da dele. Chegando cada vez mais perto, ela fez uma pausa quando os seus lábios estavam a apenas centímetros dos de Honghui.

– Eu nunca beijei um homem – disse ela.

Honghui sorriu.

– Nem eu.

E, então, ele levou os seus lábios até os dela. Eles se beijaram, e seus dedos se entrelaçaram com ainda mais força. Mulan entregou-se ao beijo de Honghui. Ao ouvir uma pomba da manhã arrulhando nas proximidades, Mulan deu-se conta de que aquilo era tudo com que tinha sonhado, mas com que nunca se permitira sonhar. Foi perfeito.

Mulan afastou-se relutantemente, interrompendo o beijo. O seu rosto corou, e ela tirou uma mecha de cabelo dos olhos, sorrindo sem jeito para Honghui. Se pudesse, ela teria ficado lá, sobre aquela ponte, beijando Honghui pelo resto de sua vida. Mas ela dissera ao Imperador que tinha pazes a fazer, e não podia se distrair, mesmo que fosse pela coisa mais gostosa do mundo.

Pegou as rédeas novamente e jogou-as por cima de Vento Negro. Depois, saltou sobre o cavalo. Com um último olhar e o medo de que sua voz falhasse graças a tanta emoção caso ela falasse, Mulan virou-se e partiu cavalgando. Mas, antes de chegar aos portões, ela ouviu Honghui gritar:

– Eu a verei de novo, Hua Mulan!

Ela se virou e o viu parado ali onde o deixara, com a sua mão no ar, acenando um adeus. Ela sorriu de volta para ele. *Sim*, ela

pensou, *eu espero*. Então, impulsionou Vento Negro, desaparecendo pela porta e deixando o Palácio e Honghui para trás.



Depois de muito viajar, Mulan finalmente entrou em sua aldeia com o coração batendo forte no peito. Ela passara toda a viagem desde o Palácio até ali pensando no que diria quando se reunisse com a sua família, mas agora que o momento chegara, ela estava apavorada. E se eles não a quisessem de volta? E se eles já a tivessem desonrado? E se lhe dissessem para partir e nunca mais voltar?

Conforme Vento Negro foi diminuindo o ritmo, Mulan percebeu os moradores vindo ao pátio, curiosos para ver quem havia chegado. Vendo Mulan, os seus rostos ficaram cheios de interesse. A casamenteira saiu de sua casa – e ficou furiosa ao ver Mulan.

Parando no pátio, Mulan viu a porta de sua casa aberta. Um momento depois, a sua irmã saiu de lá. Ao ver Xiu, todo o seu medo desapareceu. Desmontando de Vento Negro, Mulan correu para abraçar a irmã. Ela estava em casa.

Mulan afastou-se um pouco. Olhando para Xiu, ela sorriu calorosamente. A irmã mais nova olhou para ela de forma... diferente. Mas, então, com a voz acolhedora e feliz, ela disse:

– Tenho tantas perguntas a fazer! – ela disse, agarrando a mão de Mulan e a apertando com firmeza.

Mulan riu.

– Fale primeiro de você!

– Eu tenho um pretendente – Xiu disse, soltando uma risada ao ver a expressão surpresa de Mulan. – Você vai gostar dele.

– Estou feliz por... – Mulan não teve a chance de terminar porque a sua mãe as interrompeu, jogando os braços ao redor de Mulan e a abraçando com força. Os braços da mãe pareciam tremer enquanto envolviam Mulan. Nenhuma palavra precisava ser dita. Ela sabia que tinha sido perdoada.

Mas, então, por cima do ombro de sua mãe, ela avistou o pai. Em silêncio, Zhou estava em pé apoiado sobre a bengala. A expressão dele era indecifrável e os seus olhos, impossíveis de ler.

Interrompendo o abraço da mãe, ela se aproximou dele. Mais uma vez, o coração começou a pular em seu peito. Ela tinha praticado seu discurso para ele uma centena de vezes, mas ainda assim lutava para encontrar as palavras.

– Peço perdão, pai. Roubei o seu cavalo, roubei a sua armadura... E roubei a sua espada. – Ela engasgou com a palavra. Parando, ela reuniu toda a coragem que encontrara no campo de batalha. – E eu a perdi... A espada se foi. Eu entendo agora o quanto a espada significa para o senhor.

O silêncio pairou sobre eles enquanto Mulan olhava para o pai, desesperada para ouvir a sua resposta. E, quando ele falou, sua voz tremia de emoção.

– É a minha filha que significa tudo para mim. – Com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, Zhou continuou: – E eu é que lhe devo um pedido de desculpas. Foi o meu orgulho insensato que a mandou embora daqui.

Mulan começou a balançar a cabeça para dizer que não, mas parou quando Zhou segurou a sua mão. Ele a examinou, observando as vestes de guerreira que ela estava usando e a sua postura firme, mesmo emocionada como estava. Ele assentiu lentamente, dando-se conta de quem ela era, do que havia se tornado.

– Um guerreiro reconhece outro – ele disse, sua voz agora cheia de orgulho. – Você sempre esteve aqui, mas eu a estou vendo pela primeira vez. – Aproximando-se, ele a puxou para um abraço. Mulan o abraçou de volta, sentindo-se finalmente em paz.

Vendo-os assim, a mãe de Mulan soltou um grito de felicidade e correu para agradecer aos antepassados. Olhando em direção ao santuário, Mulan sorriu quando viu a estátua da Fênix, com a cabeça inclinada e a asa torta.

O momento foi interrompido por uma voz alta, anasalada e simplesmente desagradável. Virando-se, Mulan viu a casamenteira se aproximando.

– Não há um só homem em todo o reino que vá querer se casar com Mulan agora – ela zombou.

Mulan estava prestes a protestar quando o pai se adiantou. Ele sacudiu a cabeça.

– Não há um só homem em todo o reino bom o suficiente para Mulan – ele disse. Então, virou as costas para a casamenteira, e ele e Mulan foram se juntar ao restante da família no santuário. Esticando o braço, Mulan ajeitou a cabeça da Fênix.

– Obrigada – ela sussurrou. – Obrigada por cuidar de mim. Obrigada por tudo.

De repente, um som de batidas encheu o ar. Em seguida, a bandeira do Imperador foi avistada, e a Guarda Imperial galopou até o pátio. Os aldeões ficaram em choque ao perceberem quem eram os homens. A aldeia nunca tinha sido honrada com a presença da Guarda Imperial.

Imaginando que a sua presença ali tinha relação com alguma situação de perigo, Zhou virou freneticamente para a filha.

– Soldados vieram para puni-la – disse ele. – Você precisa se esconder!

Mulan sacudiu a cabeça.

– Não me esconderei mais – ela disse, esperando para ver o que os soldados fariam. O líder removeu o elmo. Ela sorriu ao ver quem era. O Comandante Tung olhou para ela e fez um aceno de cabeça. Depois, virou-se para o pai de Mulan.

– Olá, velho amigo – disse ele.

Ainda sem entender o que estava acontecendo, Zhou entrou na frente de Mulan.

– Tung Yong – disse ele, cumprimentando o Comandante. – Sinto-me honrado por receber você e a Guarda Imperial. Mas, se estiverem aqui para disciplinar Mulan, terão de passar por cima de mim. – Apertando a bengala com a mão, ele endireitou a postura o máximo que pôde. Apenas Mulan percebeu que a sua perna ferida estava tremendo.

O Comandante Tung balançou a cabeça.

– Não acredito que seja necessário. – Olhando por cima do ombro, ele sinalizou para um dos guardas. Descendo de seu cavalo, o guarda pegou uma linda caixa comprida de trás de sua sela e levou-a até o Comandante Tung, que falou em voz alta, para que toda a aldeia pudesse ouvir: – Sob a ordem de Sua Majestade Imperial, o Imperador, entrego este presente a Hua Mulan. Ela

trouxe honra a seus antepassados, à sua família, à sua aldeia e ao seu país.

Enquanto o Comandante falava, Zhou olhava da filha para o velho amigo e vice-versa, lutando para processar o que estava acontecendo. Ao redor deles, os aldeões observavam com os olhos arregalados, e a casamenteira, que ouvira mais atentamente do que todos, desmaiou, despencando no chão com tudo. Ignorando o som da queda da mulher, o soldado entregou a caixa a Mulan.

Mulan olhou para o presente e, em seguida, para o Comandante Tung. Ela não tinha certeza do que fazer. Mas, com o assentimento do comandante, lentamente abriu a tampa. Ela prendeu a respiração. Dentro, havia uma espada. Hipnotizada, Mulan tirou-a da caixa. Então, ergueu a espada e a girou no ar sob a luz do sol, fazendo-a brilhar. Era magnífica e, em sua mão, ficava graciosa também.

– Como convém a uma grande guerreira – disse o Comandante Tung –, a espada é marcada com os Pilares da Virtude.

Os olhos de Zhou não desviaram da espada de sua filha quando ele sussurrou as palavras que sabia que ela encontraria lá:

– Lealdade. Coragem. Verdade.

Mas, com o movimento da espada, Zhou se calou. Havia outro símbolo gravado na parte de trás do cabo.

– Qual é o quarto pilar que estou vendo? – ele perguntou, confuso.

O Comandante Tung sorriu.

– Leia-o em voz alta, Mulan – disse ele.

Lentamente, Mulan correu um dedo sobre a inscrição. Ela leu a palavra silenciosamente primeiro e, em seguida, em voz alta.

– Devoção à família – ela disse.

O decreto do Imperador era agora um lembrete permanente de tudo que ela tinha dado em nome da honra de sua família. Tirando os olhos da espada, Mulan encontrou o olhar de seu pai. Ele olhou para ela cheio de orgulho. Ele se endireitou, ficando mais alto e imponente do que quando estava no exército. Ao lado dele, sua mãe e sua irmã também a olhavam com orgulho.

– Você trouxe honra para todos nós – disse ele.

A respiração de Mulan acelerou em seu peito. Era tudo que ela sempre quisera ouvir. Era a razão, ela sabia agora, pela qual lutara tão arduamente, que a fizera encontrar o seu chi e que a tinha conduzido adiante em vez de virar as costas e abandonar tudo.

A voz do Comandante Tung interrompeu os seus pensamentos, e ela se virou para olhar mais uma vez para o homem que a tinha ajudado a se tornar uma guerreira. Ele olhou para ela com orgulho.

– O Imperador pede-lhe para reconsiderar o convite para se juntar aos nossos maiores guerreiros condecorados, como uma oficial da Guarda Imperial.

Mais uma vez, os aldeões começaram a murmurar, chocados ao ouvirem que um posto tão glorioso havia sido oferecido à sua Mulan.

– Ele aguarda ansiosamente pela sua decisão.

Todos os olhos se voltaram para Mulan, todos curiosos para ouvir o que ela diria. De cima, ouviu-se um gorjeio potente de pássaro, que ecoou sobre o *tulou*, fazendo com que todos erguessem a cabeça para ver de onde vinha um som tão magnífico. Mulan sorriu. Ela não precisava olhar para saber o que estava lá. Mas, ainda assim, ela levantou a cabeça. Lá no alto, no céu, estava a Fênix. Suas asas estendidas, planando no vento, brilhavam como um arco-íris. Quando viu a Fênix, Mulan sorriu ainda mais. Sua amiga, sua guardiã, tinha vindo ver se ela estava bem mais uma vez. Satisfeita com o que viu, a Fênix soltou outro grito e, agitando as suas asas poderosas, voou para longe.

Observando a Fênix partir, Mulan sussurrou um adeus. Ela não tinha certeza para onde a sua jornada a levaria. Mas sabia agora que tinha forças para fazer qualquer coisa. Ela era Hua Mulan, e ela era uma guerreira.

FIM